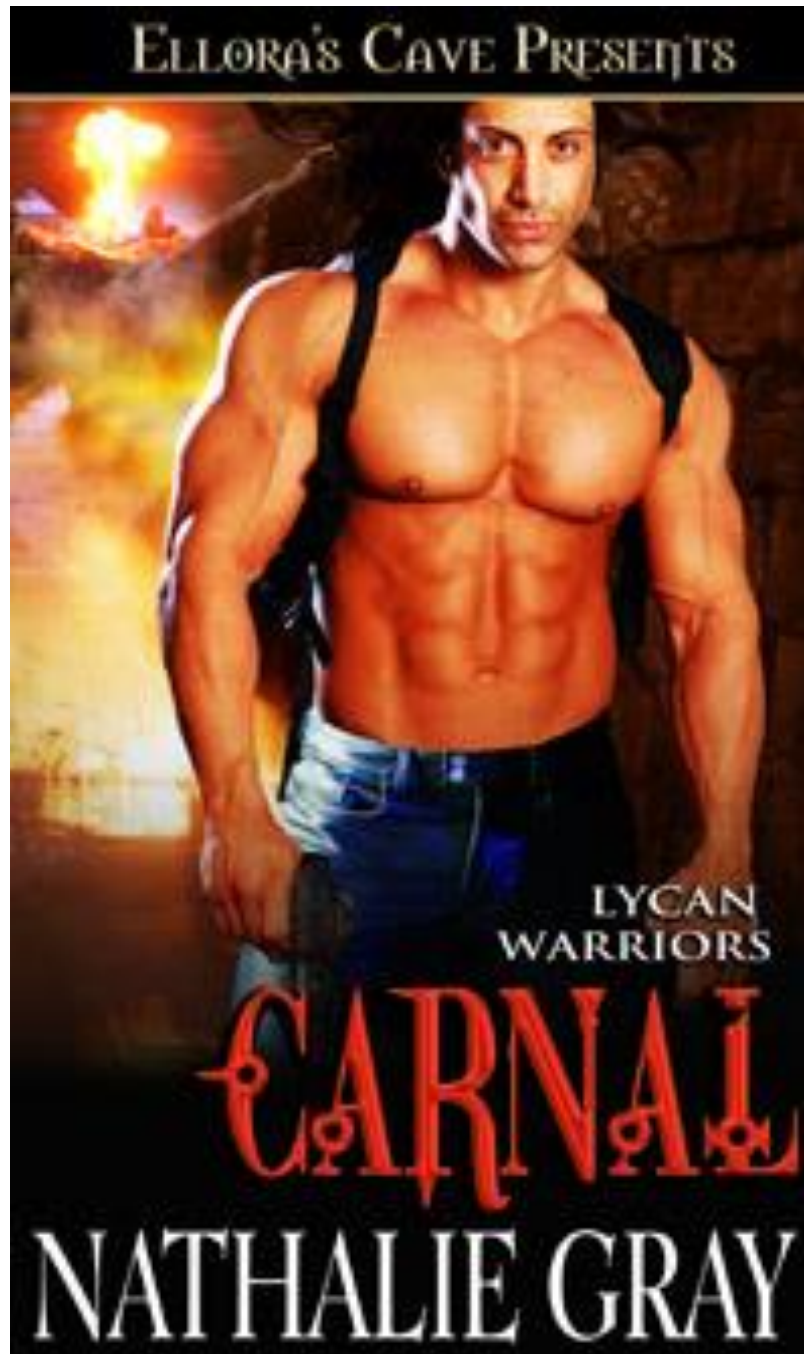


Nathalie Gray



Série The Lycan Warriors
03 - Carnal





PÉGASUS LANÇAMENTOS

Disponibilização: *Serenah*

Tradução: *Safire*

Equipe de revisão: *Sheyla Alayne,*
Soryu e Iluska Benício

Revisão final: *Maya Blannco*

Formatação: *Karina Rodrigues*



Informação da série:



Série em revisão com o grupo Pégasus
Lançamentos.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Aos olhos da lei, Cristoval é uma monstruosidade que deveria ser encontrada e destruída.

Para os milhares que contam com sua orientação e força, ele é o líder carismático da resistência, um homem que sacrificou até a própria felicidade pela causa. Quando ele fica diante de uma mulher que encobre todo o resto, uma espécie de Valquíria forte e feroz, ele sabe que recebeu uma segunda chance.

Ela tombou sob uma tempestade de balas, mas nem mesmo o Inferno a quis.

Para uma mulher que enfrentou e enganou a morte, o lycan com olhos assombrados é uma âncora num mar de caos, um pilar em meio a um mundo enlouquecido. Ele seria muito mais, se ela deixasse. E ela gostaria que ele fosse. Mas o inimigo tem que pagar pelo que fizeram a Cristoval e aos seus, por roubarem sua vida, por transformarem algo bom em uma aberração. Se ela tiver que arrastar seu inimigo até o Inferno, ela não hesitará. Ela conhece bem o lugar. Sabe como mover-se nele.

Este livro é um trabalho de ficção e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, ou lugares, eventos ou localidades é pura coincidência. Os personagens são produções da imaginação do autor e usado somente para ficção.

Guerreiros de Lycan: Carnal

Nathalie Gray



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Prólogo

Dex Solomon e sua equipe de *lycans* mercenários lutam sujo, jogam duro e amam profundamente. Eles são aqueles a quem se recorre quando o preço da morte começa a subir.

Depois de uma missão que reduziu o grupo à metade, Dragana, especialista em tecnologia Liberty, e seu guarda-costas voluntário, o tímido gigante *lycan* Cupcake, ficaram presos em uma estação espacial corrupta. Cada um deve lutar contra seus próprios demônios. Dragana, acima de tudo, se quiser aprender como viver sem seu amado gêmeo Ivan, outra vítima da profunda divisão ocorrendo no governo da Terra.

Mas o obscuro passado de Cupcake volta para o assombrá-lo e, depois de uma fuga explosiva, eles retornam a Terra para encontrar uma guerra civil estourando. Não sendo de recuar perante problemas, Solomon reproduz o conjunto de dados que sua equipe tinha sido encarregada de recuperar — a todo custo — e sua mensagem eficazmente derruba o regime brutal da Terra, que rapidamente é substituído por uma aliança entre antigos inimigos.

A vitória dos mercenários *lycan* tem alto custo para o líder carismático da resistência, Cristoval, e para a vigilante e extraordinária atiradora do grupo, Dragana. Ambos estão desaparecidos. Anteriormente raptada pela Iron Conclave, os líderes verdadeiros por trás do regime, Dragana foi morta em uma saraivada de tiros.

Mas, em um lugar onde *lycans* e outras pessoas geneticamente modificadas caminham juntos e exigem um lugar legítimo ao lado de seus companheiros humanos, em um tempo em que os pesquisadores conquistam territórios que querem paz, nada é o que parece. E nenhuma ferida fica sem reparo.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Capítulo Um

*13 de Dezembro de 2534, Era Vulgaris, 04:21hs
Complexo de pesquisa da Iron Conclave
Sokcho, Província de Gangwon, Coreias Unidas, Terra*

Ela despertou gritando.

Até então, estava sonhando. Ou pensou que estivesse. Não podia estar certa de nada. Exceto da dor atravessando seu corpo. Pelo menos quanto a isso ela estava certa.

Os últimos fragmentos do sonho a fizeram sorrir. Os soluços sacudiram seu ventre, fizeram seu queixo tremer. Ela não se importou se todos a vissem chorando. Valeria à pena. Ela o vira. Seu grande sorriso, os brilhantes olhos azuis. Tinha que ser um sonho. Ele estava morto, não estava? Por sua causa. Porque ela se descuidara por um maldito segundo.

Só um sonho.

Caso contrário, minaria tudo que ela sempre acreditara sobre a vida, sobre como se vivia, como se acaba e o que acontece depois. Os mortos iam embora para sempre. Eles não ficavam esperando os vivos juntarem-se a eles, mas, ao invés disso, paravam de funcionar, assim como qualquer outra entidade viva depois de ser atingida por um voltar — depois de ter metade de seu sangue lentamente drenado, enquanto a pessoa que precisava deles tentava desesperadamente conter a torrente carmim —. Eles morriam e deixavam o sobrevivente para enfrentar o mundo só. Pela metade. Incompleto. Perdido.

Então, naquele sonho em que ele aparecera em que ela se sentira aquecida pelo sorriso que a acompanhara por toda a vida, acolhida em seus braços familiares, confortada pelo ritmo das conhecidas batidas de seu coração, talvez houvesse algo mais. Como? Ela estava morta. Ou ele estava.

Antes que pudesse refletir sobre a experiência e suas ramificações, algo a puxou abruptamente de volta, tirando-a de seus braços e do calor abençoado de seu sorriso, puxando-a de volta da paz e da luz com a força de um furacão, à velocidade de um pensamento raivoso.

E, aí, a gritaria começou. Todos aqueles gritos. Dor em todos os lugares.

E frio.

E perda. Tudo de novo.

Ela estava em um túnel, girando para trás. Sozinha.

* * * * *



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Você achava que iria voltar a crescer? — o homem perguntou.

Ele colocou o lenço na testa, enxugou o suor com leves batidinhas. Obviamente, torturar era trabalho duro.

— Quanto tempo levaria, eu me pergunto? Humm?— Incrivelmente, o homem ficou sério, entretido com seus pensamentos. Com o bisturi descansando sobre a pele, ele esperou. Sangue escoou debaixo da lâmina afiada. Depois de um corte rápido que queimou como água fervente, ele se afastou.

Suando e tremendo de fúria reprimida, Cristoval fechou a mão sangrando e estendeu o dedo médio.

— Você quer dizer este aqui?

Seu torturador não apreciou o humor. Ele pôs a mão no casaco, retirando um pequeno objeto. Sob a luz incandescente, seu terno de corte impecável brilhava com a qualidade oleosa de tinta molhada. O instrumento cor de prata que Cristoval conhecia muito bem brilhava como uma pedra molhada. Uma pequena luz verde piscou devagar. Estava para assumir a cor vermelha — um irritado robô Ciclope besouro.

— Você sabe como eu detesto humor grosseiro. Você não me dá escolha.

Sempre o mesmo refrão. Nenhuma escolha.

A luz verde ficou vermelha.

De repente, ele sentiu uma dor lancinante em seus pulsos e tornozelos, arrancando-lhe um grito. Cristoval bateu-se e arqueou o corpo tão violentamente que os cintos de três pontas que o estavam prendendo partiram-se. A força destrutiva de sua luta derrubou a maca, arremessando-o no chão de concreto, sem piedade, em uma pilha ofegante, sufocado na bÍlis borbulhante de sua garganta. Ele caiu ao lado da maca, mal podendo se movimentar. A dor entorpeceu seus membros. Sentiu-se paralisado, mas ciente de tudo.

A voz odiosa soou próxima. A respiração quente raspou sua bochecha quando ele foi virado de costas. Olhos azuis como faÍscas de gelo o encaravam.

— Sempre um desafio. Está ficando entediante.

— Foodd... Killen... foo.

— Ora, Sr. Vonatos. O idioma é o que nos separa das bestas. Embora, talvez, não no seu caso.

A dor ainda pulsava no ritmo do seu coração em cada um dos seus membros paralisados. Ele sentiu como se alguém sentasse em seu tÓrax.

— Junte-se a nós de boa vontade e espontaneamente, e eu poderia considerar um adiantamento. Uma recompensa pelo bom comportamento.

— Foda-se, velho bastardo. — Desta vez, ele conseguiu empurrar as palavras.

— Com uma maquiagem genética colorida como a sua, Sr. Vonatos, eu não chamaria outra pessoa de bastarda. Ao menos, eu sou humano.

Cristoval inchou de ira e frustração. O velho insulto.

— Você? Humano? Dificilmente.

Killen balançou a cabeça.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Por que complica sua vida? Você está só, o último *lycan* vivo entre todo o resto dos modificados geneticamente. Por que não aprecia minha hospitalidade e coopera conosco um pouco mais? Você poderia achar a vida aqui menos... desagradável.

O último *lycan* vivo. Mentiroso.

— Existem mais. Você nunca os pegará.

— Eu pouco me importo com a ralé anômala povoando este planeta. Eles são naturalmente monstruosidades e inconsistentes na melhor das hipóteses. *Lycans*, por outro lado, interessam-me muito, uma vez que eles eram especificamente criados para a violência — bem, antes de desprezarem o programa — com todas as características predatórias imagináveis. Tamanho, atributos físicos, sentidos exaltados. Eu quero aprender tudo que eu posso sobre eles.

— Você está perdendo a razão. Disse que estavam todos mortos. — E agora ele também sabia que ainda estava na Terra.

O homem mais velho sorriu.

— Mas eu tenho você.

— Aprecie isto enquanto você pode velho.

O sorriso do Killen cristalizou-se. Cristoval só teve tempo de se encolher quando um novo fogo queimou suas veias. Então, de novo. E de novo. Killen manteve seu dedo polegar no gatilho. Dor. Em miríades de cores e, então, em um tom de branco claro.

O medo e o pânico apertaram a garganta do Cristoval. Odudou-se por isso, ele não queria ser o único que sobrara. E Ásia, sua sobrinha? E aqueles que dependiam dele? Sem ele ou outro *lycan*, quem protegeria o resto? Killen não podia ter matado todos os *lycans*, especialmente o grupo de mercenários de Solomon. Não podia ser. Ele não queria que fosse.

Cristoval quis tossir, mas não conseguiu. Ele estava desmaiando. Pontos escuros como chuva preta caíram em seus olhos. Seu rosto adormeceu.

Então, uma mulher gritou. Em algum lugar. Não longe. Ele não estava sozinho.

Os gritos da mulher devem tê-lo despertado de seus pesadelos recorrentes. Seu coração ainda batia como um tambor de guerra. Cristoval levantou o rosto e fechou os olhos em uma oração muda. Doía-lhe pensar dessa forma, mas, de certo modo, ele estava contente de finalmente ouvir a voz de outra pessoa além da sua. E ter o velho pesadelo interrompido. Porque, até agora, as quatro e vinte e um da manhã, de acordo com o relógio sujo acima de sua cela, ao amanhecer de seu quarto mês de encarceramento, ele pensou que era o único prisioneiro. Bem, o único gritando, de qualquer maneira. Vergonhoso, sim, mas Cristoval Vonatos estava contente por ouvir outra voz humana. As pessoas que vieram até ele, que o machucaram e humilharam com seus testes e interesse sórdido em sua metade geneticamente alterada, nunca falaram com ele. Eles fizeram coisas indizíveis com ele. Em nome da ciência. Em nome da pesquisa. Ainda assim, nunca falaram uma palavra diretamente para ele, ainda que eles conversassem entre eles mesmos. Como se ele fosse invisível. Ele não contava certo? Seu tipo, modificado geneticamente, não só os *lycans*, não contavam. Ainda assim, eles



PÉGASUS LANÇAMENTOS

não fazem aos cães vadios o que tinham feito com ele. Existiam leis protegendo os animais. Mas nenhuma protegendo aqueles que eram diferentes.

Mas, novamente, Killen falou com ele regularmente, o torturou com palavras que cortam mais fundo que o bisturi mais afiado. Cristoval desejou que ele se calasse.

Aqueles testes... Ele tremia, apesar da febre.

Quantos tiros voltar seriam necessários para provocar uma transformação de humano para licantropo? Quatro.

Quanto tempo um *lycan* na forma de humano podia ficar submerso na água glacial mostrando sinais de sufocamento e/ou hipotermia? Então, quanto tempo com a forma *lycan*?

Quanto tempo eles o podiam manter em estado de hipotermia antes de seu corpo começar a falhar? Exatamente vinte e uma horas e quinze minutos. Não levou mais que segundos destruindo as máquinas e matando dois dos técnicos. Isso lhe custou. Afetuosamente, Killen manteve seu dedo polegar no gatilho pelo que pareceu uma eternidade. No fim, um dos pesquisadores o distraiu com uma pergunta e Cristoval teve permissão para desmaiar em paz.

Um apêndice secundário regeneraria depois de ser dividido? Ele ficou perto de descobrir, em seus pesadelos periódicos.

Seu sêmen seria estéril? Não. Poderia ser usado para criar vida *in-vitro*? Ele achou que não, pois eles vieram colher mais. Olhou para a arma elétrica com mais temor do que sentida do injetor — que eles usariam nele de maneira regular para mantê-lo mais “manejável” —. Tantas perguntas, tão poucas respostas, desde que a manipulação de DNA se tornou ilegal.

Ninguém soube como ou por que o gene *lycan* se manifestou propriamente — ou não — ou até saltou gerações. Ele ouviu os pesquisadores que conversavam entre eles, perguntando-se sobre este salto de DNA aparentemente irregular e como estavam tentando isolá-lo. Assim, eles podiam fertilizar uma mulher, de preferência *lycan*, para maximizar chances de sucesso. Sua permanência ali tinha sido muito informativa até agora. Mas eles não tiveram nenhuma fêmea *lycan* para testar. Felizmente.

O pensamento de uma criança nascendo nesse lugar... Ele agradeceu aos céus todos os dias pela pequena graça recebida.

Cristoval mudou de posição no chão de concreto frio. Ossos esticados onde os músculos tinham uma vez estado. Ele deveria ter perdido trinta, talvez até quarenta quilos. Seu corpo inteiro sentiu a mudança drástica. Seus peitoral e músculos abdominais mostravam-se como cordas sob a pele magra e, embora ele sempre fosse grande e alto, perdera a maior parte de sua massa muscular. Seu corpo faminto se alimentou do único modo que sabia — músculos primeiro —. Ele encostou a cabeça na parede, fechando os olhos.

A voz da mulher aumentou para as proporções de um pesadelo. Ela falava num um idioma diferente. Ele não entendeu nem suas súplicas nem suas ameaças, embora captasse a essência delas, e, pelo calibre de seu tom, Cristoval soube que eles haviam pegado pesado. No entanto, a julgar pela onda e pico dos seus gritos, o que quer que eles



PÉGASUS LANÇAMENTOS

tenham feito a ela não era menos repugnante ou doloroso do que seu próprio tratamento. Talvez eles houvessem apanhado outro ser modificado geneticamente para testar, talvez até outro *lycan*, apesar dos insultos cruéis de Killen quanto a ele ser o último de seu tipo. Ou, talvez, ela fosse apenas alguma alma desgraçada, uma criatura sem teto ou alguém que passava alguém que ninguém sentiria falta. Como ele.

Dex Solomon e sua equipe diversificada de mercenários *lycan* certamente já teriam deixado de procurar por ele agora. Pensariam que ele morrera na explosão que simultaneamente destruíra o edifício do parlamento e seu pai. Aquele Chanceler Vonatos, seu pai, terminou como seu rival — assassinado — era só parte da ironia desde que ele também não tinha visto a bala vindo. Não de seu “confiável” chefe de segurança e diretor do Iron Conclave, Hector Killen. Nem podia ele prever que seu filho mais velho, a “monstruosidade” vergonhosa da perfeita família Vonatos, era de fato o líder secreto do movimento de resistência, que todos tinham caçado por anos. Sua decepção deve ter alcançado novos contornos quando ele viu Cristoval entrar no escritório, rodeado de um lado pelo temível mercenário *lycan* Solomon e, do outro, por um homem gigante que todos chamavam de “Cupcake”.

Fora de sua cela, o choro da mulher afundou, como se a garganta humana já não pudesse conter a fúria. Ele ouvira aquele tipo de mudança antes. Seu coração pulou uma batida.

— Não.

Cristoval parou, aguardando o som que indicaria seu pior medo materializado.

Os gritos da mulher pararam abruptamente. A voz aquietou-se. Cristoval esperou, a respiração suspensa.

Por favor, Deus.

Quando nada aconteceu, ele olhou para cima em uma interrogação muda. Só para gemer em desespero, quando um uivo como o de um dragão rasgou o ar, a poeira velha caiu dos alicerces, sacudiu os parafusos tortos de aço inoxidável da parede de concreto do banheiro.

Cristoval apressou-se para a porta, apertou seu rosto contra o vidro sujo, tentando ver algo. Pelo som, eles tinham que estar perto. Um coro de vozes se levantou. Tiros. Ganidos e gritos, tanto humanos como de outras formas. O som de coisas quebrando, mobília, objetos pesados, baques e impactos altos. Outro uivo longo terminou em uma choradeira lamentável, então, morreu completamente. Seu coração ficou constrito.

Então, eles tinham capturado uma *lycan* afinal.

O som de passos embaralhados, palavrões e vozes masculinas intensificaram-se até Cristoval enxergar várias cabeças através da janela, vindo em sua direção e pararem. O que eles queriam com ele? Ele voltou para o canto mais afastado da cela. Ele conhecia o preço da rebelião. Os implantes, do tamanho de um grão de arroz, debaixo da pele de seus pulsos e tornozelos enviariam uma maligna sacudida, que mandaria ao chão um homem três vezes seu tamanho. Mas, ele não tentaria nada até — se — que ele tivesse uma boa chance. Eles não haviam quebrado seu espírito, mas fizeram dele um homem prudente.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

O bip do painel de acesso anunciava a abertura da porta para revelar vários homens da força de segurança Iron Conclave uniformizados. Mais como assassinos contratados com armas de fogo. Alguns deles eram malignos. Outros piores.

Eles marcharam para o interior da cela estreita, uniformes rasgados e faltando os gorros, testemunhas da briga que a mulher tinha acabado de armar. O pesquisador — se pudesse ser chamado daquilo — diretor do complexo, os seguia. Com um fornecimento de grunhidos, os homens soltaram o que eles estavam levando. A mulher bateu contra o chão com um estrondo. Seu cabelo era uma bagunça, tão emaranhado que ele não podia nem dizer qual era a cor. Exceto pelas sobras de fita e tubos oscilando em todos os lugares, ela estava nua.

Hector Killen, a pessoa que traiu o chanceler — seu pai, entretanto, ele logo abandonaria seu filho mais velho — sorriu para Cristoval, que olhava teimosamente para o rosto odioso, mas por dentro, o medo apoderou-se de suas entranhas em um punho frio e úmido.

— Bom dia, Sr. Vonatos. Eu pensei que você poderia gostar de um pouco de companhia. Por um curto tempo, pelo menos.

— Que... — Cristoval teve que limpar sua garganta. Sua voz, enferrujada pelo desuso, soava estranha. — O que fez com ela?

— Nada que seus genes modificados não possam consertar, tenha certeza. — Seu acento britânico, tão liso e elegante, escondia a natureza odiosa do homem.

Cristoval ansiava em ir até a mulher e ver se ele podia fazer qualquer coisa por ela, mas quis esperar até que eles estivessem sozinhos. Ele balançou sua cabeça para Killen.

— Algum dia...

Killen encolheu os ombros.

— Talvez. Mas não hoje.

Ele se voltou e acenou para um par de pesquisadores, que Cristoval não viu até que eles entraram na cela também. Um deles tinha um injetor. Antes que ele pudesse se preparar para a picada, o pesquisador apontou a arma injetora e disparou. Cristais minúsculos, degradantes, perfuraram a pele de seu tórax. Ele nem sequer tentou escová-los, só esfregou o local da picada, enquanto os matava com os olhos. Os cristais tinham sido lançados com o intuito de entrar em sua corrente sanguínea em minutos. Ele tentou contrariar o efeito nas primeiras vezes que tinha sido injetado, mas logo percebeu quão inútil era. Cristoval olhou para seu tórax: as marcas vermelhas minúsculas indicavam onde os cristais entraram. Ele não fez nada, mas olhou para os pesquisadores e então para Killen. Ele estava guardando forças para o que viesse. Ele sem dúvida precisaria disto.

— E agora? — ele perguntou, fingindo tédio. Se ele pusesse suas mãos em Killen...

Algum dia.

— Agora nós deixamos a natureza tomar seu curso — Killen respondeu, depois de um gesto para o resto de sua pequena companhia. O guarda costas retrocedeu, assim como os pesquisadores.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Cristoval deu um passo em direção à mulher.

— Isto não tem nada a ver com natureza.

— Muito pelo contrário. O acasalamento é um direito, ao lado de abrigo e alimentação, na escala das necessidades, substitui muitas outras coisas em alguns círculos.

No chão, a mulher se mexeu ligeiramente. Sua perna contraiu-se. Cristoval sorriu quando os guardas, de repente irrequietos e tensos, pareceram correr para deixar a cela. Um deles sangrou pela boca e outro mancou.

— Acasalamento? — A palavra deixou um gosto de metal em sua boca. — Eu não sou esse tipo de homem.

— Você nem é um homem — Killen respondeu com um sorriso largo. — Bem, quase um. Mas seja como for, porque eu sei que você não vai tirar proveito da situação, não que eu o culpe, desde que você a veja claramente, eu me certifiquei de adicionar um pouco de alegria em sua vida. Aprecie.

— Alegria? Que alegria? — De repente, atordoado, Cristoval colocou a mão na parede. Sua boca estava seca.

— Pense nisso como um tônico. Parte lutropin, parte benzedrina, parte sildenafil. Deve dar um bom soco, se posso usar tal trocadilho.

— Que diabo está dizendo?

Killen suspirou.

— Você acabou de ser injetado com um afrodisíaco industrial, Sr. Vonatos. Tenha uma boa noite. — Ele virou-se para partir, suspirou e se voltou para Cristoval. — Eu quase esqueci. — Ele colocou a mão na jaqueta, puxou um pequeno objeto de prata moldado como uma pedra.

Cristoval apenas teve tempo para vacilar quando os implantes em seus pulsos e tornozelos deram a ele um sórdido sacudir que o balançou de volta contra a parede. Ele desmoronou, arquejando, seus dentes se apertaram.

— Às vezes o tom é tão importante quanto às palavras, Sr. Vonatos. — Killen partiu, sem olhar para trás. O resto troteou para fora de sua cela. A porta fechou.

Levou mais tempo para ficar em pé do que nas primeiras vezes que Killen o sacudira. Estava ficando mais fraco. As sobras de eletricidade fizeram suas coxas e braços torcerem de forma dolorida.

No chão, a mulher se mexeu, levantou um ombro para tentar levantar. Malditos.

Eles poderiam pensar que ele era uma besta, mas, com certeza, não lhes daria credibilidade de agir como uma. O que quer que tenham dado a ele, ele lutaria contra.

Cristoval ajoelhou-se ao lado dela, com as mãos tremendo e a abraçou apertado. Ele sabia exatamente como era despertar deste modo, nu, no chão, com frio, assustado e bravo por permitir a eles o pegassem, bravo porque, sendo um *lycan*, permitira tanta desigualdade, bravo por não poder fazer nada sobre isso.

— Está tudo bem, eles se foram. — Mas eles retornarão. Isto, ele não disse.

Ela rosnou algo que ele não entendeu. Fraco e trêmulo, Cristoval de alguma maneira conseguiu achar força para trazer sua formação robusta para seu tórax e, suavemente,



PÉGASUS LANÇAMENTOS

começou a balançá-la, murmurando palavras tranquilizadoras. Ela ficou quieta, parou de tentar sentar-se e puxar sua mão.

Ele teve que friccionar seus dentes para impedi-los de tagarelar. O que quer que lhe tenha dado começou a fazer efeito. Sua vista oscilou entre cores de azul e roxo para nevoeiros em preto e branco. Então, ele manteve seus olhos fechados. Toda terminação nervosa em seu corpo mandou mensagens para seu cérebro. Sua pele formigou. A dela parecia lisa e morna...

Não.

Ele não os deixaria fazer dele uma besta tomada pela lascívia.

Para manter sua mente no caminho certo e seu corpo drogado focado, ele começou a recitar o nome de todas as pessoas que conhecia e, então, o de cada um de seus familiares. Ele rapidamente estava tão concentrado que, ao invés de números, fez exercícios mentais de matemática, recordou as lições que Ásia deu aos membros mais jovens de sua pequena nação subterrânea — o único lugar onde todo mundo tinha uma casa, independente de sua seqüência genética —. O rosto sorridente da menina, aquele senso de humor cáustico. Sua sobrinha e Comandante suprema, como ela uma vez se chamaria. Cristoval sorriu apesar da situação.

Começou devagar.

Mas cada tremor minúsculo dirigiu uma estaca para seu coração. Os tremores no tórax da mulher atravessaram o seu, ligaram-se, uniram-nos nos soluços dela e nas orações mudas dele. Ele não soube quanto tempo ela chorou em seus braços, às vezes arranhando seus ombros para ficarem ainda mais perto, outras, só descansando contra seu tórax como se estivesse muito cansada para se importar. A umidade cobriu sua pele. Mesmo assim, as drogas o fizeram querer fazer coisas, deixaram-no duro, para sua grande vergonha. Ele lutou.

Os soluços da mulher baixaram, pararam.

— Obrigada.

Ele balançou a cabeça porque achou que não poderia conversar sem grunhir. Suas veias queimavam como fogo. Seu cérebro quase não podia processar pensamentos mais simples. Em seus ouvidos, seu coração batia mais rápido do que nunca. Por um segundo, temeu ter um ataque cardíaco. O que quer que lhe tenha dado trabalhou como um feitiço. Tudo que ele não poderia fazer era começar a transar na perna dela.

— Eu sou... d-desculpe — ele forçou por entre os dentes.

— Drogas. Eu ouvi.

Um grande calafrio a agitou. Cristoval segurou-a mais perto, para oferecer conforto e porque ele não conseguiu se conter. Ela tinha a pele tão suave. Ele sempre quis deitar com uma mulher que tivesse bons músculos e pele suave. Que cor tinha seu cabelo? Castanho claro? Louro escuro? E os olhos?

— Lute contra — ela murmurou, enquanto passava os braços fortes ao redor de seu torso e apertava firme.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Cristoval sentiu os peitos nus contra seu tórax. A febre o tomou. Ele começou a ofegar. A luz tímida de sua cela iluminou tudo em tons psicodélicos de púrpura e verde, mesmo com seus olhos fechados.

Ele grunhiu. A dor em seus dentes e gengivas se tornou o catalisador do medo de que ele estava perdendo a batalha. O *lycan* nele, ativado pela adrenalina, queria abrir seu caminho para fora. Cristoval não deixaria.

— Lute contra — a mulher falou mais alto. Sua voz era rouca.

Os gritos que ele não ouvia há muito tempo rasgaram seu cérebro. Ele focou nisto, no que aconteceu para produzi-los, o que eles haviam feito para aquela mulher. A raiva substituiu a luxúria. Antiga, fervorosa raiva. Ele respirou devagar, profundamente, encorajado por seus sussurros.

— É... é forte. O que eles me deram.

Como ele podia conversar, quando mal podia respirar? E se a convencesse a deixá-lo possuí-la? Devagar, suavemente. Ele não era nenhum bruto. A carne ao redor do seu pênis latejou. Ela podia fazer isso tudo ir embora. Talvez só um beijo?

— São as drogas falando. Foco, pelo amor de Deus!

Ele a sentiu movimentar a cabeça contra seu tórax. Ele ainda não tinha visto seu rosto. — Você é mais forte que eles.

— Sim — Ele não soou tão triunfante quanto teria gostado, mas teria que conseguir.

— Vamos esperar sair — ela murmurou, seus braços fortes nunca cedendo apesar dos tubos que saíam dos seus cotovelos.

Ele devolveu o abraço, pôs sua bochecha no topo da cabeça dela.

— Vamos esperar.

Lágrimas encheram seus olhos, caíram pelas bochechas e dentro do cabelo dela. Ele percebeu que seu cabelo não estava emaranhado, mas molhado. De fato, ela estava molhada por toda parte, não suada. Mas ele estava. Sua coxa apertada contra a dela, os músculos de Cristoval fizeram tudo menos deitá-la e possuí-la. Ela parecia perfeita, ancorada pelos quadris, aqueles quadris fortes e ombros musculosos, sua carne rosada estirou-se ao redor de seu pênis. Construída como fora, ela devia ser uma amante vigorosa.

— Lute contra — ela rosnou.

Cristoval percebeu que sua mão direita estava na coxa dela, lentamente acariciando-a. Ele a retirou rápido, fechou o punho — assim a cocção de sua palma recentemente curada venceria a droga para indução sexual que o estava abatendo. Funcionou.

— Perdoe-me.

— São eles, não você.

Ela soou tão segura. Ela nem o conhecia.

O suor e as lágrimas os conectaram, criando um laço que ele sabia nunca seria quebrado. Uma relação nascida em uma cela suja, Deus sabe onde, entre sofrimento e privações, porque eles eram diferentes dos humanos. *Lycans*.

Por horas, eles seguraram um ao outro, rezaram contra seus próprios demônios. Talvez a proximidade da mulher tivesse aliviado a tensão sexual que as drogas induziram,



PÉGASUS LANÇAMENTOS

serviu para aplacar a febre, constante e fraca, e, isto, acima de todas as outras brigas que ele ganhou, deixou-o forte e parecendo invencível. Ele vencera a batalha. Com ajuda dela.

— Eu estou melhor agora... — Ele respirou fundo. — Eu acho.

Cristoval tirou o queixo do topo de sua cabeça e a ajudou a ajoelhar. Ele não encontrou seu olhar ou tentou ver seu rosto, enquanto gentilmente trabalhava para retirar os tubos. Ela os tinha em todos os lugares, presos com grampos minúsculos ou suturados em sua pele. Estes exigiram cuidados extras, enquanto ele puxava com as unhas — limpas desde que eles começaram a molhá-lo regularmente. Como fariam a um animal. Ele não tinha idéia para que serviam os tubos. Ela deve tê-los quebrado de qualquer coisa na qual tivessem apoiados. A pele ao redor de cada ponto estava colorida com contusões velhas, amareladas e esverdeadas. De fato, ela era uma grande contusão, especialmente as costas, onde uma coleção de cicatrizes frescas em um padrão circular lembrou-o dos tiros voltar. A não ser que os tiros precisassem criar aquelas cicatrizes, deviam tê-la matado. Os cabelos começaram a secar em seu formato V. Ela era loura.

Com um aperto das mãos, ela juntou seu cabelo atrás, girando o rosto para olhar para ele. Os olhos azuis como janelas para um céu do verão o trouxeram de volta.

Ele a conhecia.

Conheceu alguém que parecia com ela. Mas não podia ser ela. Aquela mulher sacrificou-se para permitir que Solomon, Cupcake e ele penetrassem mais fundo o parlamento construído onde supostamente tinham ido matar seu pai e liberar as pessoas. Só que Killen apareceu e tudo deu errado. Ele não podia acreditar que ela sobrevivera aos ferimentos que ele viu nela.

Ainda aqueles olhos eram os mesmos. Da mesma maneira que ele lembrava. Despertou sua curiosidade e interesse no segundo em que pôs os olhos nela, enquanto ela ajoelhava ao lado do irmão Reyes, que estava morrendo, exigindo saber para quem ele tinha trabalhado.

— Dragana?

Ela assentiu, antes que as lágrimas jorrassem dos seus olhos azuis, vermelhos e inchados. Eles ainda estavam amáveis para ele.

— Eles me arrancaram de volta — ela murmurou, queixo tremendo. — Eu estava lá, eu podia vê-lo, e eles me arrancaram de volta.

Cristoval assentiu. Ele não soube o que ela quis dizer, mas daria apoio de qualquer forma que pudesse.

Ele sabia que não podia se sentir deste modo. Ele mal a conhecia. Mas o que eles compartilharam não podia ser superado em qualquer situação *normal*. Nada jamais quebraria o que cristalizou em seu coração, a proximidade, o espírito de parentesco, o afeto mais fundo que qualquer um que ele sentiu antes. Cristoval Vonatos, o único membro restante de sua família, o solitário lobo, líder da resistência subterrânea, há muito tempo caçado e *lycan*, apaixonara-se por uma mulher que devia estar morta.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Capítulo Dois

Dragana podia ainda saborear aquele fluido terrível em sua boca, senti-lo em suas orelhas, olhos, pulmões. Cobrindo tudo. O momento terrível de despertar dentro de... não importa, enviou um calafrio à sua espinha e deixou-a atordoada, com medo, ira e horror com o que tinha sido feito para ela. Porque ela sabia que não podia ter sobrevivido aos tiros voltar que tomara, especialmente não ao último, direto nas costas, que indubitavelmente fizera um grande estrago. Então, eles a puxaram de volta. De alguma maneira eles a ressuscitaram. Como ela os odiou.

Quando ela despertou naquele lugar terrível, suspensa em um líquido claro naquele tanque, vendo todas aquelas pessoas pelo vidro olhando fixamente para ela com olhos e bocas redondas — eles obviamente não tinham sido preparados para ela — ela tomou uma respiração instintiva, profunda. Grande engano. O fluido vazou dentro da máscara cobrindo seu rosto e a sufocou. Tossindo e dando pontapés, ela tinha quebrado a maioria dos tubos enganchados nela, o que fez sangue escoar em redemoinhos finos para se misturar com o fluido claro. Ela agarrou-se a tampa da caixa, onde uma multiplicidade de tubos e fios desaparecia em uma superfície que parecia uma íris vermelha. O caos estourou do lado de fora. As pessoas correram. Ela não podia ouvi-los, mas podia dizer que estavam gritando. Alguém estava freneticamente tentando abrir o tanque, mas era muito lento. Malditamente lento. Felizmente, o nível do líquido retrocedeu no tanque até que ela se deixou cair no fundo, tremendo, soluçando muito. O ar frio vazou do lado de dentro. Mãos agarraram-na, puxando-a, manejando as agulhas em sua carne. Mais mãos. Em todos os lugares. Até que ela foi jogada no chão, tão frio, tão duro. As pessoas conversando. Coisas afiadas sendo enfiadas nela. Que diabo estava errado com aquelas pessoas? Ela tentou afastá-los, mas eles continuaram voltando. Alguém estava tentando derrubá-la. O cheiro de suor encheu seu nariz. O pânico a tomou. Ela começou a gritar como um demônio, não podia parar. A força de sua voz a surpreendeu. A qualidade crua dela.

A dor e o pânico, o medo tinha sido demais. Ela mudara.

Então, seu mundo se tornou luzes vermelhas, pretas e brancas ofuscantes, mãos que a agarravam, coisas pontudas enfiadas em seu dorso, na parte inferior das costas, e a imensa sensação de perda. A dor familiar. Tudo de novo.

Dragana desejou que eles a deixassem só.

O homem que a segurava. Qual era seu nome? Ela se lembrou do nome de seu irmão, aquele pequeno medroso, Reyes. Mas não o dele. Por que ela claramente se



PÉGASUS LANÇAMENTOS

lembrava de cada detalhe daquele ser desprezível quando ela não conseguia sequer lembrar o nome de uma pessoa boa? Quão errado estava isto?

Braços longos envolveram suas costas e, suavemente, ele acariciou sua cabeça, murmurando. Qualquer outro dia, Dragana Bjelic, irmã mais nova de Ivan por dois minutos — como sentia falta dele — e atiradora perita de Dex Solomon, afastaria o homem solícito com uma repreensão afiada e um pouco de rebeldia. Quem ele pensava que ela era alguma dondoca com uma unha quebrada? Qualquer outro dia, ela teria lutado contra ele. Mas aquela mulher morrera, não é? Ela se fora. Quem a substituiu? Dragana não estava certa. Então, aceitou o consolo e a consideração no abraço do homem. Ela aceitou isto e guardou o sentimento perto de seu coração, pela primeira vez, muito cansada para o desafio e com muito medo da solidão.

— Cristoval.

O nome veio fácil. O alívio aqueceu seu corpo inteiro. Ela podia se lembrar do nome do homem, o irmão Vonatos mais velho. O bom.

— Sim?

— É seu nome, certo?

— É — Seu acento tomou certas sílabas e ergueu-as acima do resto.

— Eu me lembro de você. Você é o grande chefe da resistência.

Uma risada gentil a fez querer sorrir. Ele podia fazer isso? Com uma só risada? Podia fazê-la sorrir? Uau! A lassitude retornou cem vezes. Ela queria que acabasse. De certa forma, ela estava contente por estar morrendo. Morta. A dor de Ivan morrendo em seus braços tinha sido muito forte para agüentar. Mesmo ver Reyes, o responsável por todo o pesar, dar seu último suspiro, não trouxe a satisfação que ela esperava. Nem chegou perto.

— O que eles querem conosco? — ela perguntou não realmente se importando com a resposta. Ela queria ouvir outra voz.

— Testes.

Ela estremeceu, apesar da febre engolfando seu corpo. Afastou-se, sentando-se nos pés. Maldição, eles estavam ambos nus. Cristoval não parecia do modo que ela lembrava. De fato, ele podia ser chamado de magro agora, com as bochechas ocas e olhos assombrados. Embora os olhos sempre parecessem assombrados para ela, só que muito mais agora. Seu cabelo preto, ondulado, crescera quase até os ombros, e uma barba preta fina escurecia a parte inferior de seu rosto. Para Dragana, ele se assemelhava a um guerreiro espartano da antiguidade, completo, com cicatrizes orgulhosas por toda parte. Seus braços eram cobertos delas.

— Eles trabalharam bem em você.

Ele encolheu os ombros, coçando a garganta.

— Não é tudo.

Ela notou sua mão direita, o longo corte recentemente curado. Uma onda fresca de ira friccionou seus dentes.

— Isto também?

— Não é importante. Eles não tomaram nada de valor para mim.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ele dobrou os dedos, o mindinho curvando só ligeiramente. Eles haviam cortado os nervos. Bastardos.

— Sim, quem precisa de mindinhos flexíveis, certo?

Eles compartilharam um sorriso silencioso.

— Então — ela continuou, tentando não notar ou se importar com a bagunça molhada em que estava além de estar nua. Sua pele parecia e sentia como se ela estivesse na banheira por horas. Pastosa, fria e úmida. E todas aquelas pequenas alfinetadas onde os tubos estiveram. Ugh! — Eles estão procurando por algo específico ou só gostam de nos ouvir gritar?

O gracejo não foi bem-vindo. Ela suspirou. O que eles haviam feito para ela?

— Principalmente perseguições científicas sem moralidade.

— Esta é a coisa mais assustadora que eu ouvi.

Ele assentiu parado, arrumando seu cabelo atrás com ambas as mãos. Mal se apertaram. O que quer que lhe deram ainda tinham algum efeito residual. Ele já não ostentava o mesmo tesão, entretanto.

Dragana estava bem. Tinha esquecido quanto Cristoval era alto. O que, pelo menos seis pés e meio? Quase tão alto como Cupcake, embora não tão grande. Especialmente agora, depois do tempo passado neste lugar, passando fome, sendo torturado por alguns cientistas animados com bisturis novíssimos. Cristo, que mundo louco.

Ela não tinha perdido muito em poucos dias... porém por muitos dias ela estivera morta. Quase morta. Quase. Pós-morte? O que ela era agora mesmo? Um zumbi? Ela riu, apesar da situação. Era aquilo ou começava a chorar novamente. Chorar fazia sua cabeça doer muito, e ela estava cansada da dor.

— E agora? — ela perguntou, olhando em volta da caixa de concreto em que eles estavam. Um banheiro de aço inoxidável em uma parede. Um relógio acima da porta. Uma abertura no teto. Nada mais. Talvez seu negócio não tivesse sido muito ruim, considerando o dele. Cristoval agüentara tudo isso acordado e consciente.

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Um pouco mais de três meses.

— O quê?

Ele assentiu. — Quanto tempo você pensou que era?

— Eu não sei — ela respondeu com um encolher de ombros. — Uns dias, uma semana. Cara, três meses. — Ela tinha estado morta todo aquele tempo e eles só a trouxeram de volta agora, ou ela tinha vivido naquele tanque por três meses? Qualquer uma das duas hipóteses fez sua pele arrepiar.

— Nós estamos saindo daqui.

Ele balançou a cabeça. — Não converse sobre isto.

— Por que não?

Um tique puxou sua pálpebra. Ele evitou seu olhar enquanto se aproximava. Os ombros e músculos que eram uma vez redondos e espessos tinham ficado mais magros, definidos mais como a constituição do corredor do que de um pugilista, ainda assim, ele



PÉGASUS LANÇAMENTOS

era intimidante. Se ele a lembrava um urso antes, ele se assemelhou ao equivalente humano de um lobo agora. Metálico, sobressalente e afiado. Um solitário caçador.

— Nós não podemos escapar. Não adianta.

As antenas de perigo de Dragana levantaram sinais de alerta. Os pelos de seus braços se arrepiaram.

— O inferno que nós não podemos. — Cristoval colocou uma mão na parede acima de seu ombro, aprisionando-a, chegando mais perto. — Eles estão nos monitorando — ele sussurrou, diretamente em sua orelha, como um amante faria.

O calor estendeu-se por suas bochechas. Lentamente, ela estava se aquecendo novamente, fisicamente e emocionalmente. O nível de adrenalina subiu — um auge minúsculo comparados aos picos altos que normalmente alcançava. Mas a trouxe mais perto do que ela realmente era. Perto da vida. Como se ela estivesse viva mesmo. Ela estava morta. Eles apenas trouxeram de volta um corpo oco. Uma concha. Ninguém em casa.

O cheiro de seu suor assaltou seu nariz. Suor recente. Então, eles o mantiveram limpo? Lavaram-no como um animal de vez em quando? Antes ou depois da tortura, ela perguntava-se.

Os lábios dele raspam sua orelha quando ele sussurrou — As drogas ainda estão trabalhando.

— E?

— Eles estão esperando um show. Para sua pesquisa.

— Oh.

— Seria uma diversão perfeita. — O longo cabelo de Cristoval provocava cócegas em suas bochechas sensíveis. Ela estremeceu.

— Nós não vamos até o fim.

— Eu não sou esse tipo de homem, Dragana.

O nome dela proferido por ele era como veludo contra sua pele. Ninguém jamais o dissera daquele jeito, com um misto de calma e força... Foi renúncia o que ouviu nas palavras sussurradas? Renúncia e arrependimento?

Com seus olhos fechados, ela inclinou-se para trás até os ombros encostarem-se à parede. Tão fria e granulada de pó que aderiria à sua pele. Ela sentia como se tivesse se tornado um conjunto de terminações nervosas, nada além de uma bola grande de carne crua incapaz de desligar, lutando devido à grande quantidade de impulsos disparados em todas as direções em seu cérebro entorpecido. Ultra consciente, mas entorpecido. Quente e frio. Vivo e morto.

— Só finja — ele respirou devagar.

A mão de Cristoval tocou suavemente seu pulso, subindo pelos seus braços, que se contraíram contra sua vontade — ele colocou as mãos acima de seus ombros, assim podia passá-las ao redor de seu pescoço e trazê-la para mais perto. Em vez de beijá-la diretamente na boca, seus lábios aterrissaram próximo à sua mandíbula. Mas ela ouviu a respiração difícil do mesmo jeito, sentiu-o ficar duro mais uma vez. Ele estava lutando com todas as forças, era óbvio. Seu corpo inteiro se agitou.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Eu sinto muito — ele sussurrou. Ele, obviamente, tentou inclinar seus quadris para trás, assim, seu pênis não descansaria contra sua barriga, mas não podia se mover muito por medo de seu pequeno show não ser convincente. Tinha que parecer como se eles estivessem transando. Tinha que enganar os cretinos.

— Está tudo bem — ela respondeu. — A natureza nos fez assim.

Com uma mão, ela segurou seu cabelo, enquanto tentava engancha o pé por trás de seu tornozelo. O corpo dela reagiu. Com o choque, ela percebeu que seus corpos estavam juntos quando ele a apertou contra a parede, se abraçando à sua impecável forma. Ajuste perfeito. Seu pênis pressionado na junção das coxas.

Ele respirava fundo, asperamente.

— Não entenda errado... mas você está fazendo isto mais difícil.

— Eu estou fazendo isto uma vez. Tem que ser convincente.

Ele assentiu, mordiscando sua mandíbula, passou a um sussurro de distância de sua boca antes de ir para o outro lado. Ela ofegou quando ele prendeu seu lóbulo nos dentes e suavemente puxou.

Surpreendentemente, ela começou a se excitar, apesar da situação. Os instintos animais eram difíceis de suprimir, especialmente com um espécime se esfregando contra ela. Seu coração batia mais rápido, mais duro. Com sua mão em forma de xícara em sua nuca e a outra em suas costas, ele podia sentir seus mamilos contra seu tórax, ainda que ela fizesse de tudo para não roçá-los contra ele. A hipersensibilidade tornou-os duros e pulsantes. As mãos de Cristoval a apertaram mais forte contra ele. Ela podia apenas suprimir o desejo de rolar seus quadris e pressionar sua vagina contra seu glorioso pênis. Mas ela fez. Ela lutou. Através do foco que ela não sabia que tinha e controle obtido em anos de treinamento, ela canalizou a energia, a tensão sexual crua brincando com seus nervos, e lançou uma respiração longa.

Grande engano.

Seus seios apertaram mais fortes contra seu tórax. Cristoval ofegou suavemente antes de sua boca cair sobre a dela. Ela estava chupando sua língua antes de saber o que estava fazendo. Um gemido escapou. Então outro, quando ele forçou sua espinha.

Oh Deus, misericordioso Deus!

Uma sensação lânguida de cócegas na nuca. Ela sentiu Cristoval tenso contra ela. Pelo canto de seu olho, ela viu algumas cabeças indo para cima e para baixo atrás da janela, olhos curiosos olhando-os. Como Cristoval alargou suas pernas, curvado sobre sua pélvis, Dragana escondeu seu pênis assim eles não saberiam que eles não estavam levando a sério. Ela embrulhou sua perna esquerda, a mais perto da porta, ao redor do seu quadril.

Seus lábios raspavam contra sua orelha.

— Você está pronto?

— Sim.

Ele empurrou seus quadris para adiante. Fingindo um suspiro, Dragana se balançou para que o pênis dele se esfregasse na parte interna de sua coxa, ainda que sentir o calor



PÉGASUS LANÇAMENTOS

dele causasse algumas sensações surpreendentes. Como formigamento, no começo. Ela não estava fingindo. Não poderia fingir.

Como pistões, as longas pernas de Cristoval começaram a bombar. As penetrações falsas devem ter convencido o suficiente, porque os rostos na janela se aproximaram até que estavam literalmente apertados contra o vidro sujo. Através dos olhos parcialmente fechados, ela viu só um guarda. O resto usava uniformes de laboratório. Eles deveriam estar pensando que Cristoval era muito fraco para ser uma ameaça, enquanto ela, possivelmente, não podia ter se recuperado rápido o suficiente da morte para lutar. Perfeito.

Ela fez sua voz soar alto suficiente, mas não demais, enquanto Cristoval tomou-a mais duro, seus braços ao redor de sua cintura, e ela segurava a cabeça dele perto de seu tórax. A contagem de tempo era tudo. Eles deveriam querer levá-la de volta para o laboratório enquanto o sêmen do Cristoval estava ainda dentro dela e utilizável. Ela mostraria a eles que não deviam ter mexido com *lycans*. Com ela.

Um estalido. Uma mudança sutil no ar. A porta acabara de destrancar, mas estava ainda fechada. Eles realmente não aprendiam nada, não é?

— Espere — ele sussurrou, entre suspiros. — Espere.

Ela gritou mais alto, lançando a cabeça para trás.

Seu pênis esfregou-lhe vagina mais forte, voltou, retirou-se, então, novamente. O calor e a umidade anunciaram que a performance de Cristoval estava convencendo até sua libido para retroceder em alta velocidade, e se isto tudo não a fez querer morder seu ombro, lambeu seu pescoço, murmurar todos os tipos de coisas sujas em sua orelha até que ele a brindou com mais um glorioso trabalho de quadril. Ele era bom. Realmente bom.

Cristoval empurrou forte. Bom Deus, como seria se ele fizesse isto de verdade? O calor estendeu-se para sua barriga. O que ela teria dado por um amante como ele no passado... Antes de eles...

Merda!

A raiva e o velho fogo substituíram o lugar feliz para onde o *lycan* a tinha levado. Ela os odiou ainda mais. Por arruinar sua vida, por arruinar sua morte e, agora, arruinar uma boa transa.

Ele deve ter sentido sua tensão, porque rosnou, beijando sua garganta, fez um grande show elevando-a até que ele lançou a cabeça para trás, soltou um longo grunhido que encheu a pequena cela.

Hora do show.

Eles devem ter pensado que os amantes estavam muito ocupados para notar o solitário guarda abrindo a porta, assim ele podia apertar a ponta de seu injetor no vão.

Tudo aconteceu de uma vez.

Cristoval afastou-se num arranco, usou seu maior pulo para alcançar a chave da porta larga, enquanto Dragana se atirava no guarda, atacando-o antes que ele pudesse puxar o gatilho, ao mesmo tempo em que torcia seu pulso e jogava a arma para longe. Murmúrios de vozes em choque. As ferramentas caíram no chão em um estrondo de



PÉGASUS LANÇAMENTOS

ruídos metálicos. Ela ouviu o injetor saindo, seguido de um grunhido abafado, então, alguém vestido de branco caiu a seu lado em um emaranhado de membros. O cheiro de urina flutuou até ela. O guarda se urinara. Com um grunhido, ela levou o punho atrás e quebrou, como um martelo, o nariz do homem. Ele choramingou, tentado chutá-la. Com o sangue despejando de sua boca e o nariz arruinado, Dragana o rolou para fora, pelo cinto.

— Maldição!

A voz de Cristoval perfurou a fúria assassina que desceu sobre ela. Ela quis machucar aquele guarda. Machucá-lo muito. Ele era parte daquela máquina louca e ela iria provocar um sério estrago em seus equipamentos.

Os volters do guarda, dos dois, estavam em suas mãos quando ela parou apoiada num dos joelhos, disparou nas costas de um dos homens de jaleco, que tinha começado a correr pelo corredor em direção a uma caixa amarela com uma tela preta em seu rosto. Ela mentalmente catalogou a caixa amarela como sendo um painel de controle ou algum de tipo de mecanismo de advertência. Eles não podiam perder o elemento surpresa.

Ela usou um dos volver para abater o guarda com um bom golpe na nuca. Ele caiu sem proferir um som. Dragana atirou em outro, enquanto a mulher tentava fugir, carregando uma bandeja com um sortimento de ferramentas metálicas. Por que ela protegia aquelas coisas? O tiro de Dragana acertou a mulher justamente no tórax. A mulher estremeceu, quando o níquel do volver fez um buraco no jaleco branco. Uma mancha carmesim espalhou-se antes da mulher cair, a bandeja deslizando, as ferramentas que ela protegera com a vida espalhando-se no chão. Tubos de vidro quebrados. Ruídos metálicos.

Atrás dela, ouviu grunhidos e o som de corpos caindo. Ela girou na hora certa para assistir Cristoval levantar-se com dois homens presos pela cabeça. Um deles segurava outro injetor. Puxões abruptos fizeram estalar seus pescoços e ambos caíram, os corpos frouxos, descartados pelo *lycan*.

A maca cirúrgica de aço inoxidável ao longo da parede elevou sua pressão sanguínea. O que quer que eles estivessem planejando, envolvia mantê-la deitada de costas e amarrada. Repugnante.

— Corredor abaixo à esquerda — Cristoval gritou, recuperando o injetor. — Há algumas salas em construção e uma rampa.

Dragana assentiu, esperando. Ela ainda formigava por toda parte de ter fingido fazer sexo com o sujeito. — Para onde leva?

— Eu não tenho idéia.

— Gosto do modo como você pensa.

Melhor descer uma rampa para Deus sabe onde do que ficar ali e lutar contra oponentes armados. Ela lançou-lhe um dos volters. Ele pegou, balançando a cabeça e correu. Cristoval verificou o canto primeiro, então virou corredor abaixo. Mais paredes de concreto. A linha de urina amarela ao longo do chão levou-os aos quartos em construção, onde vários casacos de tom laranja, pendurados em ganchos, davam a impressão de terem corpos dentro. Ela se assustou. As cores eram muito brilhantes. Os



PÉGASUS LANÇAMENTOS

cheiros, muito fortes. Tudo assaltou seus sentidos. O lugar a arrepiou. Ela queria sair dali. Pela primeira vez desde que podia lembrar, sentiu o pânico tentar apoderar-se dela. Forçou o coração a diminuir a velocidade, respirando para regular os batimentos. Ela estava no comando, não os hormônios, nem os nervos.

Mantinha os olhos no objetivo, o dedo no gatilho.

Cristoval virou-se e disse algo que ela não ouviu, porque uma sirene estridente escolheu aquele momento para estourar. Dragana viu o dispositivo ofensivo, disparou contra ele só para perceber que o som vinha de toda parte. Eles estavam perdidos.

Uma careta torceu seu rosto. Cristoval arrombou a porta de aço inoxidável para a unidade em construção como se fosse papelão, segurou-a enquanto Dragana passava, varrendo o lugar com seu volter.

— Lá! — ele gritou, acima da sirene.

Um movimento no canto do olho fez Dragana girar naquele momento. Um volter seria suficiente. O níquel estático disparou com um brilho branco azulado, atingiu o ombro do guarda, criou um arco elétrico que o reduziu a uma polpa vermelha. Ele estremeceu e desmoronou. Outro o substituiu na posição. Era inevitável. Outros sujeitos ruins sempre substituíam aqueles em que ela atirava. Por um segundo, ela quis desistir. Ela tinha estado só por muito tempo. Mas Cristoval esperava que ela se mantivesse lutando, não sentasse e esperasse para morrer. Então, atirou com a precisão mortal que a fez notória.

Tiros de Volter bateram contra o concreto acima da cabeça de Dragana. Ela ganiu, atirou de volta. Um guarda a menos para combater. Ela era uma exímia atiradora, razão pela qual Dex Solomon e seu time de *lycans* mercenários mantiveram-na a bordo, apesar de sua “personalidade” encantadora. Ninguém podia atirar como ela. Cara, ela sentia falta do time agora. Solomon e sua marca especial de humor negro, a engenhosa Liberty, Cupcake — tímido, que podia quebrar uma porta só empurrando-a com uma mão. E, claro, Ivan, seu irmão gêmeo, cuja função no time tinha sido dobrada... manter sua irmã sob controle e cuidar das grandes armas de fogo. Ele sempre adorara a maquinaria pesada, coisas assim. Ele queria ser um trabalhador da construção quando crescesse. Mas ser modificado geneticamente matou seu sonho depressa.

Cristoval gritou algo. Aquela maldita sirene abafou tudo.

Dragana percebeu que ela estava parada lá como uma idiota, lembrando em vez de disparar. Ela rapidamente corrigiu a situação com uma rajada longa que criou arranhões ricocheteados na parede e alguns gemidos satisfatórios de dor em torno do canto.

— Vamos! Se apresse!

Ela girou na hora certa para ver Cristoval empurrando um botão vermelho grande em forma de cogumelo. Uma rampa próxima ao chão levantou mais ou menos três metros. Ele permaneceu ao lado dela e manteve seu pé na extremidade para que os sensores ao longo da rampa a mantivessem aberta. Disparando um último tiro, Dragana correu para a rampa, sentando no chão e, olhando pela última vez seu companheiro carrancudo, deslizou para baixo, no túnel metálico escurecido.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Não durou muito. Um segundo ou pouco mais, ela disparou para fora do tubo como um foguete humano, aterrissado diretamente no chão de concreto — Maldição. Ela rosnou, quando esfolou ambos os joelhos, um cotovelo e as juntas da mão segurando o voltar. A sirene ainda soava acima de sua cabeça. Ela manteve a arma voltada para os guardas, ainda que atirar em cada maldito auto-falante parecesse uma grande idéia agora.

Ela saiu do caminho na hora certa para Cristoval sair do túnel. Ele era tão alto que teve que abaixar para sair debaixo da abertura da rampa. Ele aterrissou com muito mais graça que ela.

— E agora? — ela disse, olhando a pequena sala cheia de tanques e outros recipientes. Enormes lavadoras de classe industrial alinhadas em um canto pareciam monstros de aço, com suas bocas abertas. Ela evitou olhar. Sua pele formigou por toda parte. Ela estava com fome, sedenta, excitada. Ela se sentiu acabada.

Cristoval correu para uma porta com uma placa amarela desbotada, onde a palavra “Terminal” a fez balançar a cabeça. Muito apropriado. Exatamente como ela se sentia.

— Por aqui. Tem uma placa de saída de emergência.

Ela o seguiu para fora através de um cubículo vazio e emergiu em uma passagem de aço galvanizado, com corrimão amarelo e vista para um hangar abastecido com brilhantes carros “de golfe” pretos esportivos, alguns com um logotipo da cor esverdeada em suas capotas. Pareciam molhados. O que parecia um elevador de aço subiu no centro da garagem. O eixo de trinta metros de largura desapareceu pelo teto cerca de cem metros acima de suas cabeças. Subterrâneo, então? Fazia sentido. As pesquisas de defesa e de desenvolvimento sempre foram em complexos subterrâneos. Então as pessoas não ouviriam os prisioneiros gritarem.

As portas do elevador estavam escancaradas, revelando uma cabine espaçosa com cadeiras e outras peças de mobília. O subterrâneo, em seguida o passeio em uma cabine de luxo. Água em forma de poças em torno do eixo e mais na garagem. Realmente, tudo parecia molhado.

— Olhel! — Cristoval gritou acima da sirene, apontando um canto em baixo.

Algumas pessoas, todas de azul escuro, correram para as portas rotativas. A sirene soava aqui também. Maldição. Ninguém pareceu notá-los em cima, na passagem, então eles deviam estar correndo por causa da sirene. Bom, então eles podiam chegar ao elevador e...

Cristoval soltou uma imprecação e voltou-se muito rápido para ela. Ele chocou-se com ela, enviando-os numa colisão contra a parede. Ela estava para começar a xingar, quando uma rajada de balas de níquel bateu na parede onde suas cabeças estariam, se ele não os tivesse derrubado. Então, eles não precisavam necessariamente ser apanhados vivos. Bom saber. O concreto esburacou em centenas de erupções minúsculas. Dragana lembrou-se dos tanques. Vozes. O barulho de passos. Muitos passos.

Ela desembaraçou suas pernas.

— Cristo, eles estavam esperando por nós aqui!

— Eu duvido! — ele gritou para ser ouvido. Apontou para o elevador. — Eu acho que eles acabaram de sair de lá!



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ela entendeu.

— Ah, o novo turno entrando!

Ele assentiu.

Aquela maldita sirene!

— Nós temos que achar outra saída!

Dragana concordou. Se estes sujeitos entraram através daquela coisa, ela estaria saindo por ela. Mais, ela não se importava se eles a matassem enquanto ela tentava escapar, desde que ela conseguisse tirar Cristoval de lá primeiro. Ela não queria ficar. Mas, novamente, talvez ela não se importasse se eles a matassem.

Ainda assim, eles precisavam de uma distração.

— Encontro você no elevador!

Os olhos escuros de Cristoval flamejaram de choque e horror quando ela ficou para trás e correu ao longo da passagem. A adrenalina jorrou em seu sangue, mesmo ela sabendo que seus minutos estavam contados. Ela não duraria muito. Seu plano era estúpido e perigoso. Inferno, não era nem um plano. Só o suficiente para dar a ele uma boa chance. Tão boa quanto podia conseguir naquele lugar. Ele a ajudou em seu tempo de vulnerabilidade e necessidade segurou-a enquanto ela chorava sua perda e ira. Ela retornaria o favor e afundaria em uma chuva de balas. Dragana Bjelic não pretendia morrer no meio de um monte de agulhas e cadáveres.

Solomon ficaria orgulhoso.

Com um impulso, ela correu o comprimento inteiro da passagem, apontou o voltar para o primeiro carro de golfe. Sua pontaria era ótima. Como um corvo gigante perdendo todas as penas em um tiro, o carro explodiu em um gêiser de partes mecânicas, metal torcido e outros escombros, baqueou e caiu, espalhando-se num espaço amplo. O calor a atingiu. Alguém gritou. Isso era dor. Ela podia reconhecer o som da dor. Bem, ela estava prestes a oferecer muito mais! Muita dor. Em uma sucessão rápida, ela disparou nos outros carros, todo exceto um. Ela precisava daquele último na parede. Eles explodiram em intervalos regulares, estourando como melões maduros de metal preto. A morte metálica cortou o ar em todas as direções possíveis.

Ela gritou algo. Não soube o quê. Só parecia bom. Desejou ter alguma roupa legal para sua última aparição em vez de correr nua. Paciência.

Em vez de usar as escadas que desciam ao longo da parede, Dragana pulou e caiu diretamente sobre os trilhos, movendo o ar, que atirou seu cabelo em volta do rosto, em meio a um lampejo de claridade. Ela se arqueou no espaço, acima da grade, os tornozelos juntos para absorver o choque quando aterrissasse trinta metros abaixo, braços abertos, o voltar em chamas. Ela assistiu toda a cena suspensa no ar, suspensa acima de sua vida, de cima.

Homens escondiam-se debaixo da passagem, trinta metros abaixo, reunidos em torno de dois guardas com volters. Trabalhadores, não guardas. Partes da engrenagem, partes da máquina. Ela atirou enquanto começava a descer a gravidade já a puxando para baixo.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Preparando-se para o impacto, Dragana aterrissou com ambos os pés diretamente na capota do último carro de golfe. Ela soltou um grito de dor e de alívio ao mesmo tempo, colocando a raiva para fora. Ela não soube como eles poderiam errar, se ela estava de pé ali, cinco metros fora do chão, em um maldito carro, apenas vinte passos à frente deles. Os tiros passaram longe, pelo menos a um metro de distância. Ela disparou um tiro em cada um deles, como se estivessem encarando-a, esperando. Eles não tinham instinto de preservação? Não sabiam que ela iria matá-los sem pestanejar? Não previram isso?

Ela vira a morte. Era morna, boa, encerrada no passado agora. Eles teriam mais sorte. Continuariam mortos.

Uma voz que ela reconheceu estava berrando alguma coisa. Ela saltou fora do carro, aterrissou em um rolo, em seguida pisou no chão para localizar Cristoval pulando a última metade da escada. Ele tocou o chão como uma pantera, toda sua força fluindo, apesar do que tinham feito com ele. Ela os odiou ainda mais.

Bem, maldição, o que ela sabia?

Ela realmente sobrevivera à sua pequena ousadia. Apesar de alguns homens ainda estarem agachados ou correndo ao redor, ninguém pareceu interessado em disparar nela ou chegar perto. Ela correu para o elevador ao mesmo tempo em que Cristoval, suas pernas longas levando-o lá primeiro. Ele colou-se contra o eixo de aço inoxidável, o voltar para fora e atirando. Ele sabia o que estava fazendo.

Ela passou por ele. Por um segundo, conseguiu cheirá-lo, sentindo-o com todo seu ser. Ela percebeu sua presença. Um aumento de adrenalina e energia sexual cortou seu corpo, criando visões em sua mente. As necessidades mais básicas a assaltaram. Ela de costas com o homem alto embrulhado firmemente entre suas pernas. Uma transa apressada, desordenada. Ele faria isso tudo ir embora, não é? Toda aquela dor. Cara, ela queria isso.

Grande momento.

— Se apresse! — ele gritou. A voz rolou atrás de sua garganta, sensual.

Balas de voltar tinham dentro da cabine ao longo da parede de aço. Dragana, por puro instinto, curvou-se para fora do caminho. Cristoval seguiu-a, bateu sua mão no painel de acesso. O ar assobiou quando as portas fecharam sua visão da garagem em uma tira estreita para, então, desaparecer. Um sacolejar forçou-a a separar os pés.

— Você ao menos sabe o que está fazendo? — ela indagou. Isto era um pouco do velho fogo voltando, não era? Era bom voltar ao normal. Só durou um segundo, entretanto. Então, ela afastou esse pensamento. Talvez, da próxima vez.

Outro balanço lançou-os contra a parede. Ela notou que alguns dos painéis interiores eram feitos de material termoplástico transparente, entremeado com placas de polímero cinza e cromo. A superfície fora das portinholas era escura e lisa. Ela agarrou a manivela mais próxima bem a tempo de evitar a próxima série de náuseas. Ruídos profundos reverberaram debaixo de seus pés. Que diabo estava acontecendo? Pelas aberturas no teto, o ar fresco começou a entrar. Uma brisa lânguida acariciou seu rosto, fez seus mamilos endurecerem.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— O que é isto? — ela perguntou, apontando para a parede oposta, onde uma cadeira alta surgiu seguida de um console e um par de controles.

— Não sei. — Cristoval marchou para a cadeira. — Parece uma estação de controle.

— O quê? Nós estamos em um elevador!

O som distinto dos motores sendo recarregados em algum lugar debaixo de ambos parou, e eles se olharam. Ele estava lindo ou ele era lindo? O cabelo crescido chegando à mandíbula dava-lhe um ar mais sombrio e perigoso, como um espartano. E aqueles olhos tristes, escuros. Em qualquer outro momento, Dragana teria exigido maquinaria pesada para erguer as mãos deste belo exemplar de homem. Ele era grande, esperto e estava armado. Justamente como ela gostava de seus homens.

Cristoval ofereceu a ela uma visão esplêndida de seu bumbum apertado quando ele se debruçou acima da cadeira para olhar melhor para o console, que tinha sido ligado e cintilava para a vida. Tudo parecia estar no automático por aqui.

— Eu penso que nós devíamos nos sentar — sua voz soava constricta, controlada.

— Por quê?

— Porque isto não é um elevador, é uma nave.

— O quê?!

Dragana juntou-se a ele na cadeira, tentando ignorar como o calor dele aqueceu agradavelmente seu braço quando ela plantou sua mão no encosto. Verdade. Ela podia ver o que se parecia muito como os controles de uma nave, até mesmo os controles ambientais ao fundo. Um pedaço de fita abaixo de um dos botões a fez perguntar.

— O que aquela coisa diz?

Cristoval usou o dedo indicador longo para abrir o pedaço de fita. — Sonda.

— Sonda? Para medir a profundidade? Sim, faz sentido, nós estamos no subterrâneo.

— Subterrâneo, não — Cristoval respondeu, girando para encará-la. — Sob a água.

— Merda!

Com um tremor fundo, o elevador — ou submarino — afundou, afivelando seus joelhos no processo e jogando-os de bunda uns cinco metros para trás, sacudiu e balançou, antes de ficar em completo silêncio, apenas... flutuando.

Vociferando, Cristoval tropeçou em seus pés e sentou na cadeira do piloto.

— Você sabe como pilotar esta maldita coisa?

— Não.

Econômico com as palavras. Ela gostou dele ainda mais.

Não goste dele. Não bagunce as coisas envolvendo sentimentos. Ele não precisa de uma cadela como você em sua vida. Uma com um desejo de morte.

Ela soube o que a motivou antes, na garagem. Ela quis morrer. Não apenas ela não se importava se eles a acertassem, ela, realmente, honestamente, quis morrer. Ofereceu-se numa bandeja. Os idiotas nem tinham sido competentes o suficiente para terminar o trabalho. Poupar desinteressadamente o traseiro de Cristoval tinha sido apenas um bom disfarce para sua real motivação.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ela esperava morrer. Morrer novamente. Torcendo para morrer de verdade desta vez.

Dragana notou que ele estava focado em sua tarefa, debruçado sobre o console, muitas cicatrizes nas costas para contar. Algumas delas velhas. Outras mais velhas. O resto muito fresco. Não, ele não precisava de uma maldita *lycan* como ela estragando tudo. Ele era um homem bom. E ela nunca tinha sido uma boa mulher.

— Vou me sentar — ela disse.

— Boa idéia.

Por algum motivo fútil, lágrimas brotaram de seus olhos. Ela tragou o nó crescendo em sua garganta, cruzando os braços e sentando em uma das cadeiras. Se ela estava quente há alguns minutos, o frio agora se infiltrava para dentro dela, entorpecendo seus músculos, vazando em seus ossos. Seu coração também. Ela dificilmente sentia alguma coisa. Ainda assim lágrimas rolaram de seus olhos. Ela piscou sentindo uma descer por sua bochecha. Ainda bem que Cristoval estava muito ocupado pilotando para ver suas lágrimas mudas. Já se odiava o suficiente e não lidaria bem com a piedade ainda por cima.

Por que eles somente não a deixavam ser o que era?



Capítulo Três

Ele claramente viu lágrimas descenderem por seu rosto, soluços mudos agitando sua constituição forte, mas Cristoval soube que se tentasse oferecer conforto, voltando-se para ela com compaixão e simpatia, ela provavelmente o afastaria e o chamaria de um sortimento de nomes feios em pelo menos dois idiomas. Cristoval não a conhecia bem, mas ele sabia disso. Apesar de tudo que tinha indubitavelmente sido feito para ela, ela não queria nem precisava de piedade. Só que ele não tinha pena dela, só queria fazer a dor ir embora. Se ela deixasse. Mas ela não deixaria. Então, ele concentrou-se em pilotar o pequeno submarino, que, de acordo com o console da nave, alcançou a marca de 1663 braças de profundidade, várias milhas fora do Norte Hamgyong, a mais setentrional província das Coréias Unidas.

Os implantes subcutâneos minúsculos em seus pulsos e tornozelos queimavam. Ele tentou não coçá-los demais. Killen não os usaria nele tão cedo. Um estremecimento passou por seus bíceps só de pensar nos pulsos elétricos que recebera durante seu seqüestro. Pelo que ele podia dizer, eles não implantaram nada em Dragana. Pelo menos isso.

Depois de algum tempo, ele percebeu que qualquer coisa que ele fizesse com os controles não faria diferença no seu curso. O submarino devia estar no piloto automático, com um curso fixado para a superfície. Fazia sentido. No caso de algo acontecer com os ocupantes, à embarcação continuaria seu rumo. O problema era que ele não queria ir para a superfície, onde os guardas de Killen estariam esperando. O Conclave agora conhecia Dragana e eles roubaram o submarino. Obviamente, estariam esperando por eles onde quer que aquela coisa emergisse. Eles tinham que achar alguma maneira de forçar o pequeno submarino a fazer uma rota diferente. Uma rota segura.

Ele clareou a garganta, levantou-se do console e fez questão de manter as costas para Dragana, que, apressadamente, enxugou o nariz com as costas da mão. Ele viu tudo pelo canto do olho. Ele não queria que ela soubesse que ele tinha percebido.

— Está no piloto automático? — ela perguntou, depois de um tempo. A voz soou seca.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ele assentiu. — Nós ainda estamos muito longe para nos preocupar com a superfície, mas logo teremos que achar um jeito de pilotar esta coisa nós mesmos.

Uma coleção de compartimentos ao longo da divisória revelou uma cama médica dobrável, uma pia de aço inox, refeições instantâneas em pacotes amarelo-claro, bolsas de água suficientes para durar vários dias, meia dúzia de tanques de mergulho com máscaras. Nenhuma arma.

— Graças a Deus.

Ele entrou em um compartimento, recuperou uma sacola plástica clara com o nome “C.L. Brogan”. Dentro, havia itens de higiene e a única coisa de que ele sentia mais falta do que de qualquer outra: uma escova de dentes. Ele não se importou se pertencia a outra pessoa. Ele não teria se importado se a achasse flutuando em um esgoto. Ele não escovava os dentes desde sua captura e seria um tolo se deixasse a chance passar.

Curvado sobre a pia, ele fechou seus olhos para melhor saborear o momento. No espelho minúsculo, ele viu Dragana assistindo-o com a intensidade de uma ave de rapina.

— Quer também?

— Sim, eu acho que devia.

Ela juntou-se a ele na pia pequena, assistiu pelo espelho, enquanto ele terminava, lavando a escova com seu polegar. Ele olhou para ela, escova na mão.

Sua reação física pela proximidade dela o surpreendeu. Ele nunca ficou nervoso ou embaraçado com as mulheres. De fato, nunca tinha sido popular com elas, porque estava muito ocupado com a resistência. Tomava todo seu tempo, energia e paixão. Não sobrava nada para amantes. Até agora. Tudo que era masculino nele admirava os olhos azuis de Dragana daquele ângulo, como se ela tivesse que levantar o queixo para encontrar seu olhar. Ele não podia evitar. Uma pontada de consciência sexual apertou suas bolas. Ele fixou o olhar em seu rosto, assim não se perderia em sua nudez e não ficaria envergonhado. O efeito das drogas ainda o assaltava.

— Você tem um pouco de pasta de dentes aqui — ela disse a voz baixa, esticando a língua para um canto da boca para mostrar onde.

Ela tinha lindos lábios, bem formados. De fato, Dragana encarnava o ideal de beleza a seus olhos. Forte, obviamente saudável, e em forma. Uma Valquíria de olhos azuis. Seu cabelo louro começava a secar em alguns lugares e caía em linhas retas. Os homens deviam vê-la como uma bomba loira curvilínea. Até que ela abria a boca, o que seguramente quebrava o feitiço até para o sujeito mais valente. O pensamento de outros homens não conseguindo nada com ela — enquanto ele sim, completamente — deixou-o satisfeito por alguma razão que não podia identificar. Por que devia se importar? Mas ele se importava.

Ele enxugou um lado da boca com o polegar.

— Obrigado.

Antes que ele deixasse a mão cair, Dragana pegou-a, trouxe-a para perto — assim ela podia inspecionar o corte recente em sua palma, próximo à base do dedo mindinho. Killen perguntou-se se a metade *lycan* de Cristoval, geneticamente modificada, o curaria



PÉGASUS LANÇAMENTOS

mais rápido e completamente, o suficiente para fazer um apêndice pequeno crescer. Os pesquisadores tinham dúvidas, mas felizmente tinham encerrado aquele assunto. Mas, se esta teoria macabra nunca tinha sido testada, outras tinham.

Ela virou a mão cicatrizada para frente e para trás, traçou as linhas em sua palma. Esta era uma das experiências mais sexualmente estimulantes que ele teve. Seu pênis concordava. Ele estava ficando duro novamente e não pelos vestígios das drogas. Maldição.

— O que é isto? — ela perguntou, roçando um dedo no inchaço em seu pulso.

— Implantes. — Ele mostrou seu outro pulso e tornozelos também. — Não se engane pelo tamanho, eles dão um bom choque.

Ela fez uma careta.

Cristoval assistia enquanto ela tomava a escova de dente, espalhava a pasta do tubo minúsculo. A saliva e a água faziam de seus lábios tiras de cetim rosado, o que ele achou difícil de ignorar e, mais ainda, não tocar. Ela curvou-se para cuspir na pia, oferecendo a ele uma visão impiedosa de suas costas, onde as cicatrizes horríveis competiam por espaço em sua pele pálida. Quando ela se endireitou, seus olhares se encontraram no espelho.

Como se tivesse recebido um soco, Cristoval sentiu a barriga retesar-se. Necessidades obscureciam o bom julgamento e o controle. Obscureciam tudo.

— O quê? — ela perguntou, forçando um falso sorriso. — Esqueci alguma coisa também?

Ele assentiu. Não podia falar.

Quando ela levantou a mão para enxugar a boca, ele interceptou-a, prendeu-a com a sua e, lentamente, enlaçou-lhe o corpo. Ela não resistiu nem se afastou.

Dragana inclinou a cabeça para olhá-lo nos olhos quando ele estava em sua frente.

— Os medicamentos ainda estavam trabalhando?

— Não tem nada a ver com eles. — Por que ele sentiu a necessidade de sussurrar? Ele tinha que fazer isto agora. Sentir o gosto dela. Um beijo. Exigindo, queimando, esmagando.

Ela respirou forte contra seu rosto. Como se os dedos fossem garras, ela fechou ambas as mãos atrás de sua nuca para levantar-se contra ele, seu pênis preso entre eles, para cima ao longo da barriga de ambos, ondas de prazer irradiando ao longo de toda extensão de seu membro. Pele quente. Seus seios. A língua em sua boca. Seus lábios.

Ela deu lugar entre suas pernas para uma das pernas dele. A divisória apertou-se contra seu cotovelo quando ele usou a maior parte de seu peso para puxá-la contra ele, uma coxa entre as delas, um braço em torno de seus ombros, ainda segurando sua mão, que ele levantou para o rosto — assim ele podia beijar as juntas dos dedos. Quando ela rolou a pélvis contra a sua, Cristoval viu estrelas estourarem atrás das pálpebras. A febre o agarrou. A urgência estreitou sua vista.

Eles pertenciam um ao outro. Ele podia ver isto claramente. Não só porque eles eram “modificados geneticamente” aos olhos da lei, ou simplesmente *lycans* para as mentes mais liberais e seus seguidores na resistência, mas em um nível mais fundo, o



PÉGASUS LANÇAMENTOS

mais profundo deles todos, eles foram feitos um para o outro como homem e mulher. Com certeza ela podia ver isso também. Mas se ela pensasse o contrário, ele esperaria. Não importava o que ela escolhesse uma vida em outro lugar ou uma com ele, ele se certificaria de mantê-la segura.

Dragana gemeu contra sua boca. Ele sugou os lábios dela. Sua respiração, sua língua, tudo. Com um impulso violento, ela esmagou seus quadris contra o dele, prendendo seu pênis entre eles ambos. Onde sua frieza legendária tinha ido?

Inferno. O fogo consumiu tudo. Ele estava perdido. Nela. Neles.

Cristoval gozou.

Ele não tinha contato humano — bem, exceto aqueles ligados a objetos afiados — há algum tempo. Ela podia entender sua reação. De fato, era um tanto quanto lisonjeiro. Que este *lycan*, nascido na riqueza e privilégio, um Vonatos, ainda vivendo a vida de um líder da resistência subterrânea abnegada, espontaneamente gozaria só por encostar-se a ela. Inundou sua tela de radar com todos os tipos de zunidos. Ela podia fazer isto com ele? Fazê-lo gozar assim?

Dragana pôs mais urgência em seus beijos. Ela queria gozar também. Senti-lo mover-se fundo nela. Substituir a dor pelo prazer.

Com sêmen em chamas ligando-os pelo abdômen, ela serpenteou suas mãos para baixo e pegou seu pênis escorregadio, assim ela podia arrancar um gemido de satisfação de Cristoval com algumas investidas fortes. Ela se sentiu poderosa e desesperada ao mesmo tempo, satisfeita e voraz com sua necessidade de pô-lo dentro dela, mandando a dor embora e a enchendo como um amante quente e apaixonado. Tomou-o todo. Inundou seu corpo com seu fogo. Então ela não teria que olhar para o abismo em sua alma... um abismo que ela temia que começava a olhá-la de volta. Ela podia perder-se nele. Facilmente. Mas enquanto Cristoval a segurasse em seus braços, ela permanecia na corda bamba da sanidade. Segura. Por enquanto.

— Faça isto, faça — ela pediu, num sussurro. O mantra se tornou uma referência para o ritmo de seu coração. Faça. Por favor, faça.

Os rebites da parede pressionaram seu ombro quando ele a prendeu contra a divisória, esmagando-a com seu corpo, com seus beijos, com o calor de sua respiração entrecortada. Exibindo uma força incrível, ele a ergueu e a manteve nessa posição, praticamente suspensa em uma de suas coxas. Ela lembrou-se de como ele era antes de sua prisão, largo e vigoroso, quase tão grande quanto Cupcake. Não foi surpresa para ela que depois de meses de tortura e testes, tivesse o físico mais magro. Surpreendentemente, já que ela preferia homens grandes, o corpo magro de Cristoval a eletrizou, todos os músculos alertas. Ele deve ter percebido também, porque contraiu a coxa e rolou os quadris para esmagar sua vagina contra ele, esfregando seu clitóris endurecido — assim ele poderia fazer a dor ir embora com um orgasmo enlouquecedor. Ela sabia que sim. Ela queria isso.

— Vamos — ela sussurrou contra seu queixo. Pelos roçaram-lhe deliciosamente os lábios.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

O sêmen de Cristoval ainda deslizava por sua barriga e fazia o trabalho de seu quadril ainda mais estimulante.

Queimando, sua boca reivindicou-lhe a garganta. Os dentes e a língua dele fizeram-na reclinar a cabeça. Com pouca consideração por seu couro cabeludo, ela cravou as unhas atrás de sua cabeça e esmagou-lhe o rosto contra os seios. Ele levantou uma mão para agarrar um seio, que apertou e sentiu, massageou e segurou forte, prendendo-o em sua mão grande e seus dedos longos. Ela urrou quando ele soltou o seio, mas mordeu seu lábio inferior quando ele reivindicou sua vagina, separou seu clitóris com os dedos. Deus, como aquilo era bom. Para cima e para baixo, dedos longos com calos maravilhosos, grossos, desencadearam nela um profundo desejo de tê-lo e expulsar a dor para fora, o desejo de que aquele homem a pregasse na maldita parede e a mantivesse ali com a força de seu pênis. Empalada. Era isto que ela queria!

Quando a manipulação de Cristoval preparou seu corpo para a chegada de um orgasmo infernal, Dragana apertou os músculos vaginais tão forte quanto podia para lambuzar os dedos dele, forte o suficiente para machucá-lo, se pudesse. Cristoval grunhiu em resposta e acelerou a cadência. Ela sempre apreciara a masturbação e estava conseguindo uma ótima agora.

— Assim — ela rosnou, mordendo o lóbulo de sua orelha. — Assim. Vamos. Vamos.

O suor fez a mão de Cristoval deslizar em seu quadril. Ela se moveu na divisória e mordeu a língua. Mas isto não a pararia! Ela agarrou a cintura dele primeiro com uma perna, depois com a outra. Ela esperou enquanto ele puxava seu pênis do espaço entre eles e o arremetia contra sua vagina. Dragana não precisou de um segundo incentivo. Lançou um pé para a plataforma — assim podia usá-la como alavanca. Então, projetou a pélvis para frente para que ele pudesse tomá-la. E ele a tomou.

Ela soltou uma longa lamúria quando seu pênis deslizou para dentro. Macio. Lento. Muito lento. Com uma inclinação rude, ela o tomou todo.

Ele gemeu seu nome.

— Dragana.

Souu muito bom em sua boca.

— Segure-se — ele advertiu, um segundo antes dele sacudi-la com alguns impulsos poderosos.

A borda de uma tela forneceu a âncora perfeita, e Dragana deixou-se levar, segurando-se, como ele lhe dissera. Ela precisava dele também.

Seu ímpeto era suficiente para erguê-la, enquanto ele empurrava dentro dela, tão macia e quente, tão espessa e perfeitamente ajustada para ele. Dentro e fora. Dentro. Fundo. Então, fora até a glândula. Cada ápice da penetração pareceu se tornar o ponto de partida de outro mais profundo. Cada retirada era como uma pequena morte. Um abandono. Ela não queria que ele partisse.

O suor colou seu cabelo preto ondulado à testa, tão alta e orgulhosa. Masculinidade crua. O poder escoando. Vigor. E aqueles olhos assombrados, tristes.

Ela fechou os olhos.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Mais fundo.

— Dragana — ele murmurou em sua orelha, com um enrolar de seus quadris que arrancou um gemido dela. Seu nome deformado em um gemido, então, um grunhido. Cada sílaba ecoando em seu tórax, como um suspiro longo.

Ela precisava gozar. Afogar a dor na desculpa dos hormônios.

Logo, sua voz drenou a dela. Levantava-a proporcionalmente a seus empurrões. Ela sentiu seu tórax expandir com uma inalação funda. Ele congelou. O tempo parou. Ele segurou a respiração, deixou-a crescer, fez com que ela mergulhasse em um turbilhão de êxtase onde nada jamais a machucaria. Ela queria aquela liberação. Ela queria cegamente — uma fração de segundo de paz.

Em uma nota longa, pura, ele deu isto para ela.

Um calor doloroso encheu sua vagina distendida e luzes coloridas rodaram no interior de sua mente. Batidas de coração ritmadas, líquidas, afogando tudo, quando ele esmagou sua boca na dela. Cristoval simultaneamente incutiu calor e fogo em seu corpo e esvaziou sua cabeça da escuridão.

Ela quis dizer algo. Dizer a ele o quão bom fora. Quanto ela amou o que eles compartilharam. Tudo que ela podia fazer era sorrir e deixar que ele a beijasse, enchendo seu coração de alegria.

Ele retraiu-se bruscamente, mas ainda assim conseguiu mantê-la em seus braços. Dragana abriu os olhos para surpreendê-lo olhando para baixo com remorso e qualquer outra coisa que ela não quis ver lá. Afeto. Ela só queria alguma companhia, um homem forte e capaz de segurá-la em seus braços. E meter-se entre suas pernas. Ela não queria nada mais. Ela não podia devolver a ninguém nada mais.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Capítulo Quatro

A felicidade que ele pôs em seu olhar aos poucos endureceu. A expressão fria e inflexível retornou a seu rosto. Quando ele pensou que a ajudara a juntar os pedaços dela mesma, eles se retiraram novamente em um punhado de fragmentos.

— O que está errado? — ela perguntou, enquanto deixava-o escorregar para fora dela. O último resquício de calor desapareceu. Ele não veio novamente.

— Existe algo errado com o submarino.

Quando ela esticou o pescoço para espiar sobre seu ombro, ele se virou também, e uma pequena luz amarela piscando na extremidade do console chamou sua atenção.

— Merda.

Cristoval juntou o cabelo atrás, soprou o ar pelos lábios fechados. Seu coração ainda batia loucamente. Merda, com certeza!

— Eu vou...

— Não, eu irei checar — ele a cortou. A tristeza e a ira que ele só podia adivinhar enchia seus olhos mais uma vez. Então, ele não era o único para quem algo acabara de quebrar-se.

— Acredito que estes são os sensores externos — ele disse, depois de uma olhada rápida no console.

— Eles pegaram alguma coisa?

Um violento balançar jogou-os contra a divisória. A campainha de um alarme encheu a pequena cabine.

Dragana bateu forte na plataforma.

— Merda!

— Sim — Cristoval rosnou, enquanto se levantava e corria para a cadeira do piloto. — Acho que os sensores pegaram algo.

Pelas janelas estreitas, feixes de luz varriam de um lado para outro a escuridão que se apertava contra eles, invadido seu submarino e acabando com a sensação de segurança e felicidade que acabava de se instalar entre os dois. O que quer que esteja lá fora tinha ligado as luzes de busca e estava examinando cuidadosamente seu submarino. Eles haviam sido descobertos.

Um profundo clique reverberou nas paredes, seguido de um rangido que terminou abruptamente.

— Eles estão disparando em nós! — Dragana apertou seu rosto contra a janela, assim ela podia ver em cima e ao lado. — Nós não podemos desligar nossas luzes?



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Eu penso que eles estão tentando nos rebocar! — Ele agitou o controle, amaldiçoando quando nada aconteceu. Dois deles e não podiam nem compreender como operar um pequeno submarino.

Ele estava certo de que eles teriam algumas horas para conseguir aprender como operar a cabine, mas parecia que Killen estava com pressa de pegá-los de volta.

— Eles devem nos querer vivos — ele disse — caso contrário, eles não teriam enviado um submarino com ganchos.

— Talvez eles tenham ambos, ganchos e armas. Eu queria que nós tivéssemos alguma coisa. Não temos algum tipo de tela nesta coisa? Nós somos uma maldita árvore de natal com todas estas luzes.

Outro horrível som de metal contra metal ressoou quando algo pesado e duro sacudiu o exterior de uma ponta a outra. Merda, eles iriam sofrer algum dano sério. Se perdessem a integridade do casco na profundidade em que estavam e com quatro mil quinhentos PSI empurrando, seria uma morte realmente feia. Cristoval nem sabia o que trezentas atmosferas fariam a um corpo humano. A menos que o casco cedesse de repente, então eles morreriam depressa, isso era certo.

Ela juntou-se a ele no console, curvando-se acima dos controles para olhar melhor.

— Ali! Isso parece com um interruptor para mim. — Ela o sacudiu antes de ele pudesse ler a inscrição minúscula abaixo.

De uma vez, as luzes apagaram, mergulhando-os em completa escuridão.

— Como vou pilotar agora?

— Você não estava pilotando — ela replicou.

Apesar da escuridão, ele soube exatamente que expressão estava em seu rosto. E a amou por isto. Como se ele soubesse toda sua vida. Depois dos primeiros segundos de cegueira, Cristoval percebeu que o console estava ainda iluminado, o mostrador, botões e controles ficavam verdes no escuro.

— Nós temos que tirá-los da nossa cola — ela continuou. As sombras acima do console indicaram que ela começara a mexer nos controles. Completamente oposta ao seu estilo.

— Seja cuidadosa, nós não...

— Uau!

A mudança súbita na velocidade e curso pegaram-no de surpresa. Ou eles tinham sido capturados por alguma embarcação ou eles realmente tinham desligado o piloto automático. Pelo menos uma vez, o descuido realmente valeu à pena.

Ele avançou para o banco e rodou-o. — Eu pilotarei.

— E o que eu faço, mordo meu lábio inferior e torço as mãos?

Cristoval rosnou na escuridão. Ele gostava muito mais dela acesa.

— Desta vez, sim.

Ela rosnou algo em um idioma que ele não entendeu.

À sua esquerda, uma manivela longa com um sinal de advertência chamou a atenção. Ele se debruçou para ler a etiqueta. Mineração telerobótica. Ele lentamente puxou a



PÉGASUS LANÇAMENTOS

manivela, procurando sinais de mudança, a respiração suspensa, caso ele tivesse piorado a situação.

Depois de uns segundos, um silvo e um apito soaram alto. Apesar da falta de luz adequada, Cristoval viu que ele apenas provocara uma reação em cadeia dentro do submarino, que foi lentamente transformando o canto esquerdo da cabine em...

— Que diabo é isto? — Dragana perguntou claramente aterrorizada. Sua sombra se aproximava do onde um banco fino subiu para o convés, um console virado para baixo e uma tela grande surgiu dos pulverizadores. Um logotipo piscou na tela e, então, se iluminou. Assemelhava-se a uma mão impressa em vermelho sangue com um olho no meio. Uma palavra estava inscrita na parte inferior.

— Que droga! O que é isso?

— O patrocinador, talvez? Eu não sei! Isso é algum tipo de estação, o que será que faz?

— Processamento de imagens 3-d — Dragana leu a lista do que Cristoval entendeu ser uma barra de status. — Brocas telerobóticas, carregadores, bússola magnética... merda, Cristoval, este submarino é usado para mineração submarina.

— Mas para minerar o quê?

— Não sei. Não importa.

Apesar da situação, Cristoval quis sorrir. Tanto fogo.

Na frente dela, a imagem de uma sombra fantasmagórica de cor âmbar encheu a tela para retransmitir o que parecia ser a sua localização exata, juntamente com seus arredores, até as mais ínfimas rachaduras no chão do oceano, milhares de milhas abaixo. A perfeita visão de um pássaro. Um ponto amarelo pequeno brilhou como um vagalume. Dois outros pontos pairavam não muito longe, ambos verdes. A tela banhou a cabine inteira com uma luz misteriosa.

— Aquele ponto amarelo — Dragana apontou com seu dedo — Somos nós. É como se estivéssemos assistindo a um vídeo game, só que pior.

Cristoval quis responder, mas um dos pontos moveu-se e, quase simultaneamente, luzes de busca invadiram a pequena cabine novamente. Um barulho ressoou debaixo de seus pés, seguido por um rangido profundo que fez chacoalhar os dentes e sacudiu o conteúdo do compartimento.

A tela de Dragana retransmitiu o que tinha acontecido com o submarino. De acordo com os números piscando, a escala era de 1:48, então, um quarto de polegada se equiparava a um pé. O que acontecia na tela da Dragana basicamente representava um modelo em escala do que seu submarino captava dos arredores. O submarino parecia um caranguejo.

— Como você fez isto? — Dragana perguntou, sentando naquele novo console e dobrando-se em cima. A tela âmbar destacava a silhueta de seus ombros fortes. Ele quis alcançá-los e apertá-los, mas se conteve. A paciência sempre tinha sido uma virtude sua. Provavelmente a única.

— Eu não fiz.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Odeio material automatizado. Eu gosto de acertar meus próprios tiros, muito obrigada.

Agora seria um bom momento, porque penso que eles nos pegaram.

Verdade. Na tela, o submarino inimigo aproximou-se, também lembrando um caranguejo de metal. Tentava beliscá-los com pinças. Cada dente parecia um martelo gigante batendo debaixo de seus pés. O barulho estava ensurdecedor. E assustador. Outro estava vindo.

Agora dois *caranguejos* brilhavam na tela da Dragana, um com uma pinça ao redor deles, o outro obviamente pronto para fazer o mesmo.

— Eles estão nos prendendo! — Cristoval gritou. Maldição, eles não iam pôr as garras em volta de Dragana ou dele. Ele puxou o controle, manuseando o botão macio em cima.

De uma vez, o submarino lançou-se para diante, então, avançou preguiçosamente.

— Jesus, Cristoval, da próxima vez você se importa de me dizer primeiro?

Enquanto ela xingava, ele viu que ela agarrava seu próprio controle, muito menor e coberto com botões minúsculos, e debruçava-se em um exame minucioso.

—Venha para a mamãe — ele a ouviu murmurar.

Se existia algo que Dragana sabia, era como lutar. Ela nascera lutando — sua mãe contava, todas as vezes que ela tinha alguma dúvida — crescera deste modo e, com um pouco de sorte, afundaria com uma moita de cabelo de alguém em seu punho.

— Você, gire esta coisa — ela disse, sem tirar os olhos do objetivo. Ou dos vários objetivos.

— Nós não temos armamento — Cristoval respondeu, mas obedeceu, de qualquer forma.

— Inferno, nós temos. Dois.

— Nossas pinças?

— Não. Eles. — Ela apontou para os submarinos do inimigo em sua tela.

Depois de algumas tentativas, ela conseguiu liberar o submarino das pinças. Usou a tela para praticar, manobrou a articulação de rótula, para que pudesse abrir e fechar, girar, ampliar. Bom. As pequenas garras feias atrás deles, nem saberiam o que os atingiu.

Enquanto um dos submarinos ainda a segurava por uma pinça, Cristoval conseguiu girar para permitir a ela um ângulo maior de abordagem. Ela esticou-se o mais longe possível. O sujeito deve ter achado que ela queria fazer o mesmo com ele e, às pressas, saiu do caminho... oferecendo a ela uma boa visão de sua barriga.

— Peguei você. — Ela puxou o pequeno controle.

Na tela, sua pinça fechou-se em torno do pescoço do outro.

— O que você está fazendo?

— Na luta, isto é chamado de chave-de-braço. Propulsão.

Ela sentiu-se levantar na cadeira e ser pressionada contra o cinto quando Cristoval lentamente projetou a nave para adiante. Na tela parecia que seu submarino era uma roda de carroça com uma pinça. Incapaz de conter o movimento, o outro tentando segui-los, sua pinça direita dobrada sobre o seu casco, longe, muito longe. Dragana



PÉGASUS LANÇAMENTOS

trincou os dentes quando outro sacolejar os balançou. Na tela, seu caranguejo acabara de mutilar o outro, rasgando-lhe a pinça direto do ombro. As ondas azuis rolavam acima do outro casco, indicando que as partes elétricas acabavam de ser expostas na água. Ela provavelmente causara algum dano interno também. Bom. Antes do outro poder escapar e reagrupar-se, ela estendeu a garra livre e pegou o braço restante do oponente. Em sua tela, o vídeo mostrou três caranguejos metálicos pequenos — os submarinos — lutando ao redor contra um mar profundo.

— Você rasgou a pinça — Cristoval disse. Ela não precisou voltar-se para saber que ele estava sorrindo.

Qualquer outro dia, ela teria alguma observação para ele, algumas pérolas de sabedoria, pelo menos, um sentimento de orgulho, talvez. Mas essa teria sido a velha Dragana. Agora, ela somente encolheu os ombros. Sim, ela rasgara o braço da pequena coisa sórdida. Mas havia outra.

Cristoval manteve-se firme, deixando a estratégia para ela. Mantendo a outra pinça do submarino entre a sua, ela falou para Cristoval correr o mais rápido que podia o que ele fez sem perguntas. Ele confiou nela.

Uma náusea violenta sacudiu-os. O segundo submarino, que ela ainda tinha que agarrar, quis tentar seu truque e falhou, batendo a pinça robótica contra sua armação. O som terrível a fez fazer uma careta. Bem, ela tinha suportado demais.

— Prepare-se — ela advertiu.

A tela retransmitia o que continuava acontecendo do lado de fora. Como uma paródia de um par segurando-se pelas mãos e correndo, Cristoval armou os motores, o submarino mutilado a reboque, fez um círculo completo em torno do segundo submarino, que, girando loucamente em círculos, tentava continuar.

— Aponte para ele!

Cristoval obedeceu.

A violência da manobra apertou Dragana contra a cadeira. Seus pés correram para a divisória. Ela grunhiu. Não foi tão ruim, mas, mesmo assim, o suficiente para estirar seus intestinos.

Na tela, ela viu sua nave apontando diretamente para o segundo submarino. Cristoval confiou nela completamente. Sem perguntas. Se eles continuassem desse jeito, o golpe trituraria todos três.

Por uma fração de segundo, ela pensou sobre o final disso tudo. Com sua velocidade e a violência do golpe, eles não sofreriam. Não muito, de qualquer maneira. Muito menos do que andar e conversar como um cadáver que foi trazido de volta à vida Deus sabe por quê. Ela podia terminar aquilo. Agora. Sem mais dor. Sem mais perda. E voltar para seu gêmeo perdido e seu sorriso morno. Ela olhou rapidamente acima do ombro. Cristoval segurava firme a mão no comando, a outra agarrada ao longo da borda do console. Seu homem de cabelo ondulado preto, ele realmente parecia com aqueles guerreiros espartanos dos velhos livros de história.

Ele não forçaria mais até que ela dissesse a ele... porque confiava nela. Com a própria vida. Isso era fé.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Puxe! — ela rugiu. — Agora!

Seguiu-se uma virada de expert. Ela teria que comentar isto mais tarde... se eles sobrevivessem à sensação louca.

Um grunhido deixou-os quando seu submarino violentamente mudou de direção. Suas orelhas estalaram, sua barriga tremeu e seus dentes bateram com força. No último momento possível, ela manuseou o botão minúsculo no comando e lançou o casco mutilado que ela ainda segurava na força do pulso.

Continuou indo. Indo.

O pequeno caranguejo fantasmagórico em sua tela foi projetado de ponta-cabeça contra a tropa que o esperava. Os cascos colidiram. Como ovos prateados, colidindo e estourando. O submarino mutilado estourou primeiro, seguido por seu companheiro. Como melões maduros.

— Merda!

Uma bola de oxigênio, rica, cintilante como a eletricidade, expandiu-se rapidamente em sua direção, apesar de Cristoval estar pilotando de forma frenética e eficiente.

Merda.

Como se alguém chutasse suas bundas, Dragana gritou quando eles rolaram para frente várias vezes, cada giro trazendo seu estômago mais perto da garganta, seus pés batendo no console enquanto ela tentava de tudo para permanecer de pé em sua cadeira e não baquear como uma boneca quebrada. A onda de choque os impulsinou, lateralmente, para baixo. Era difícil de dizer em que direção. Atrás dela, Cristoval grunhiu, mas conseguiu evitar a desintegração total. Acomodaram-se, o lado direito para cima, relativamente intactos, com exceção de uns alarmes tocando.

— Bem — ela começou, voltando-se para olhar seu companheiro — isso foi divertido.

Uma faísca de vida iluminou seu coração. Ela retornou o sorriso de Cristoval. Sua alegria durou pouco, pois quando ela se voltou para a tela, à visão mudou drasticamente. Eles deviam ter se aproximado da costa durante a briga porque essa era uma floresta de colunas de construção — arranha-céus ou pontes, difícil de dizer debaixo da água — e eles estavam indo direto para lá.

O sorriso de Cristoval se transformou numa careta. Ele pegou o controle com ambas as mãos e empurrou-o em sua direção na hora certa para evitar o primeiro pilar. Mas não o segundo.

— Não! — a voz profunda de Cristoval encheu a cabine.

Uma imprecisão deixou a boca de Dragana. Sua tela se encheu de estática, a cor e a textura de algodão doce laranja. Luziu e morreu. No momento de lançá-los na escuridão completa uma fração segundo antes de baterem. Pelo menos, eles não viram.

Contato violento. O mundo girando de cabeça para baixo. O metal gemeu. Algo raspou debaixo deles, um silvo afogou tudo. A água começou a despejar dos pulverizadores. Bem sobre suas cabeças. Estava fria e tinha gosto de lágrimas.

Mãos fortes a pegaram por um braço. O equipamento soltou-se do seu colo. Ela se sentiu erguida, lutou. Esbofeteou.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Esbofeteou?!

— Ei! — ela empurrou Cristoval. — Que diabos?!

— Saia daí — ele respondeu, enquanto empurrava um aparato de respiração para ela.

— Se apresse!

Contrariando o hábito, ela obedeceu, seguindo ordens, instintivamente respondendo ao líder implícito na sua pequena missão de dois homens. Ela nunca seria o líder. Seu trabalho no time do Solomon era ser um soldado e atirar. Tomar decisões nunca tinha sido sua força. Ela odiava quando as pessoas olhavam para ela esperando o que fazer. Ela não era mãe de ninguém!

Máscara no rosto, equipamento e tanque no lugar, ela assistiu Cristoval tentando pilotar o incapacitado submarino diretamente para cima. Assim, eles não seriam reduzidos a geléia quando a estrutura quebrasse. E foi por pouco. A água começou a subir acima de seus tornozelos. Fumaça despejava da ventilação de abertura. Ótimo.

— Eu farei isso — ela disse, xingando quando a máscara mutilou suas palavras. — Você pega a portinhola! Eu faço isso!

Ele nem ao menos se virou para ela enquanto estendia um braço e imperiosamente apontava um par de portas de aço. A lateral esquerda ainda mostrava marcas de tiros voltar. Ela seguiu a sugestão e foi para lá, esperando pelo sinal. Não que ela acalentasse qualquer esperança, mas se Cristoval conseguisse levá-los perto o bastante da superfície, eles poderiam ter chance de realmente sair do caranguejo em forma de metal vivos. Talvez.

Água rastejando em cima. Mais alta. Glacial. Tão fria que entorpecia seus pés. A atmosfera do exterior não devia ter sido muito alta porque, embora eles obviamente perdessem a integridade da armação — dois vazamentos esguichavam ao longo do pulverizador — mas não tinham sido esmagados como uma lata de cerveja.

— A que distância? — ela gritou.

— Vinte... — veio a resposta.

Vinte? O que? Pés, braços, milhas?

Antes que ela pedisse para repetir, Cristoval abandonou seu posto, arremetendo através da divisória em sua direção um segundo antes da frente do submarino desintegrar-se como papel. Aos borbotões, um jato furioso de água entrou na cabine.

Dragana alcançou a mão dele, muito maior, fechada acima da sua. Seus olhares se encontraram. Quando o súbito pico de adrenalina a golpeou, ela não estava preparada para o efeito. Suas gengivas doíam, todas as articulações queimavam. Algo estalou em seu pescoço.

Oh, merda!

Ela estava se transformando.

* * * * *

Cristoval mal teve tempo para administrar a violência imediata do mar entrando em seu pequeno submarino e Dragana, que mudava para *lycan*. A máscara soltou-se de seu



PÉGASUS LANÇAMENTOS

rosto transformado, sua estrutura óssea se adaptando para a da besta, ficando de pé. Semi-lobo, loura, uma deusa loba, seu cabelo terminando em um estilo moicano largo, os ombros ainda mais musculosos e arredondados, com garras em vez de unhas. Ela ergueu-se, olhos azuis como laser, formas e força animais. Olhando para ele. Em sua alma. Tal como na forma humana, ela era formidável. Bonita. Mortal. Uma mistura intoxicante. Um coquetel irresistível.

Antes de poder clarear a mente, antes de ter noção de que um deles tinha que permanecer humano e lúcido, antes do pico de energia sexual e adrenalina acertarem-no como um soco, ele se transformou também.

Tendões ao longo de seu pescoço e ombros estalaram uma queimação terrível, mas nada comparado ao que o aguardava. Como se ele explodisse por dentro, o fogo lambeu sua pele como se o rasgasse em um longo corte junto a seus ombros, coxas, costas, rosto, o que sempre doía mais, especialmente suas mandíbulas. Quando ossos quebraram, sons de algo esmigalhando encheram suas orelhas, o grito de dor de Cristoval transformou-se em um rugido animalesco. Primordial. Sentidos se estendendo além da razão. Os cheiros o atingiram primeiro. Mistura de cheiros dentro de seu nariz e seu cérebro. Então sons. Opressivos. Sua voz misturada com o resto. A atividade visual expandiu-se, triplicou proporcional à diminuição de suas faculdades mentais. Sua vista afiou-se. Sua mente escureceu. Cristoval esqueceu quem era.

Cheiro feminino misturado a água salgada. Um rugido, parte humano, parte animal, rasgou o silêncio. Água em todos os lugares. As bolhas faziam cócegas em seu corpo e ficavam presas em cada reentrância, em seu nariz, debaixo de seus braços, entre os dedos. Um peso o puxou de volta. Duro e quente. Uma fêmea. Uma mordida queimou sua garganta. Ele retornou o favor. Sangue vazando sobre sua língua. Tão doce. A escuridão o envolveu e, por um segundo, sua psique humana lutou para ter certeza de que — muita certeza — ele se agarraria a ela com tudo que tinha, sabendo que se deixasse passar, sua vida não significaria nada além de vazio e remorso. Seu corpo reagiu com o choque e contato físicos. Dragana se sentiu quente. Quente e dura. Então foi a vez dele. As garras cravaram em suas costas quando ela enrolou uma perna musculosa em torno dele. Seu corpo reagiu violentamente. Febre. Impulsos. Ele estava dentro dela. Ao redor ela. Gemidos guturais. Seus pulmões queimando como fogo. Ele inflamou-se enquanto ela o mordia e ele a mordia também. Esperavam, enquanto a turbulência da água os empurrava para cima, caindo, girando, perdidos, para cima, mais alto, até que a luz bateu sobre eles como facas longas apunhalando a água. Forte e brilhante.

Então, ar.

Cristoval emergiu de dentro dele mesmo da mesma maneira que suas cabeças apareceram na superfície. Dragana ainda o agarrava, mas com braços humanos agora. Seus olhos estavam fechados enquanto sua cabeça se agitava de um lado para outro. Ambos em sua forma humana e unidos por seus sexos com um encaixe tão perfeito que ele se recusava a mover. Mas não podiam ficar deste modo para sempre.

Ele retirou-se sem deixá-la ir. Ao redor deles, colunas de concreto volumosas e a combinação de edifícios cercavam-nos de todos os lados. Uma floresta de árvores de



PÉGASUS LANÇAMENTOS

concreto com uma cobertura de armação de metal apontando para o céu. As ondas ecoavam, conforme batiam nos edifícios, e rugiam. A luz solar conseguia penetrar em ângulo entre as estruturas. E longe, para sua esquerda, as docas e o lado inferior de uma ponte longa e graciosa conectando o grupamento de edifícios marítimos com a orla.

Cristoval sentiu que sorria apesar da situação. Eles sobreviveram ao submarino e à destruição. Mas ele estava frio. Tão frio. E muito fraco. Ele não tinha estado em sua melhor forma por meses, faminto e torturado, enquanto Killen o manteve aprisionado.

Com Dragana debaixo de um braço, ele começou a nadar para trás. Ele parou de contar quantas vezes as ondas colidiam contra um pilar ou outro, as vezes que Dragana quase deslizou de seu aperto enfraquecido, as vezes que seu coração quase parou de bater por medo de perdê-la.

Depois do que pareciam horas, ele finalmente alcançou a armação de suporte da ponte. Cronometrando uma onda, Cristoval deixou a água erguê-lo até uma viga de metal — assim ele podia agarrar-se e segurar firme, enquanto a onda recuava e o deixava pendurado. Em seus braços, Dragana tremeu e tossiu, resmungou. Ela quase deslizou quando tentou se virar.

— Espere — ele rosnou, com o esforço de segurá-la enquanto ela se movia.

— Que merda!

Ele suspirou de alívio quando ela alcançou a viga, embrenhou-se nela e se içou — assim ela podia deslizar seus cotovelos. O lançamento permitiu que ele enganchasse uma perna ao redor da viga, montando nela. Ela fez o mesmo, arquejando e vociferando.

— Que diabos aconteceu? — ela exigiu os olhos relampejando. Então xingou novamente. Um impropério que quase o fez sorrir. Quase.

— Merda. Eu mudei.

— Eu também. E acho que isto nos salvou.

— Sim. Ótimo para nós.

Ele pegou seu queixo. — Nós sairemos daqui.

Por que ele sentiu necessidade de fazer esta promessa, ele não sabia. Talvez os tantos anos em que pessoas o procuraram em busca de respostas o fizessem sentir que devia fazer todo mundo acreditar que ele cuidaria de tudo, que quebraria as correntes e algum dia todos estariam livres e seguros.

Ainda seu rosto não traiu nenhuma emoção. Ela assentiu, puxando seu cabelo para trás. — Eu sei.

Por que isso não fez ele se sentir melhor?

— Nós iremos — ele repetiu, com mais força desta vez.

— Eu disse sim, ok, nós sairemos daqui. — Ela puxou o queixo fora de sua mão para olhar a ponte acima de suas cabeças. — Como levantaremos até lá?

— Pelo antigo modo.

— O modo antigo é péssimo.

O coração de Cristoval inchou com seu tom. Aquele fogo que queimava em seu olhar, ainda que ele durasse apenas uma fração de segundo, o fez desejar conhecê-la



PÉGASUS LANÇAMENTOS

melhor antes de... antes de ela morrer. Mas ela voltara. Ela se curaria. E ele, bem... ele esperaria.

Capítulo Cinco

Por que ele tinha que ser tão solícito com ela? Seria muito melhor se ele fosse um idiota. Feio também. Mas não. Ele era quente, inteligente, razoável. O tipo de homem que qualquer mulher queria. Ela era uma mulher também. Ela o queria? Claro que sim, fisicamente, de qualquer maneira, mas duvidava que o tolerasse — ou ao contrário — tempo suficiente para desenvolver qualquer coisa a mais. Ela sabia que não! Ela não fez com que todos os seus namorados corressem para fora de sua vida em um momento ou outro? Literalmente para fora. Sua relação mais longa durou quatro meses. Mais teimoso que valente ou dedicado, Gabriel durou muito mais que qualquer outro. Ela ainda se perguntava por quê. Talvez o sexo fosse muito bom para desistir facilmente. Seus *casos* eram entremeados com meses de celibato, perguntando-se sobre o bom senso da humanidade em geral e dos homens em particular. Deu-se conta de que deveria ter casos de uma noite só ou casos muito curtos. Vida de *fast food*, por assim dizer, e ficar longe de *jantares longos*. Cristoval definitivamente era um *jantar longo*. Inferno, ele valia meses de mantimentos.

Ao seu lado, Cristoval usou as mãos como ancoras, enquanto se erguia para poder ficar na borda. Os músculos moveram-se debaixo de sua pele quando ele se endireitou, encontrando o equilíbrio com seus braços estendidos, rosto levantado para a armação de metal acima. Os sons distantes os alcançaram como se o oceano murmurasse. Pontes aéreas, buzinas, sirenes, sons da cidade.

— Acho que encontrei um modo de subir.

Ela amou seu sotaque sexy, do mediterrâneo. Fazia tudo soar quente e pegajoso.

Ela o seguiu, subindo na viga. Os rebites do tamanho de seus punhos evitavam que o esqueleto de metal desmoronasse debaixo da gigantesca cidade de concreto fixada acima do nível do mar. Ferrugem em forma de gotas fazia parecer que as vigas sangravam de ferimentos velhos.

Demorou algumas horas, se ela pudesse adivinhar, para alcançar a parte de baixo da ponte. Naquela hora, sons da vida acima afogaram tudo mais, até seu coração descompassado. Ela estava cada vez mais fraca, sabia que Cristoval devia estar ainda mais fraco que ela. Eles tinham que achar um lugar seguro para cair. Pelo menos por enquanto. Até que terminassem de subir como aliados. Amigos.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ela congelou, sentando-se na viga superior. — O que aconteceu depois de eu... depois que eu fui atingida? Nós ganhamos? O que aconteceu com Solomon e Cupcake? — Só dizer seus nomes em voz alta machucava. E se eles estivessem mortos? Liberty, aquela pequena cadela. Eva? E se ela foi trazida de volta para nada?

Cristoval virou para ela e a segurou em seu assombrado olhar negro. Bem, não exatamente para nada.

Como se ele pudesse ler seus pensamentos. Ela se tornara tão óbvia? Ela sempre tinha sido?

— Quando alcançamos o escritório do meu pai, Killen apareceu. Ele o matou. Os escravos de combate entraram logo depois, o tiroteio começou no parlamento. Eu me transformei. Não me lembro de muita coisa depois disso.

Alguém a suspendendo acima de uma cova sem fundo não pareceria diferente. Seu mundo vacilou.

— Então nós escapamos para quê? Ser baleados quando alcançarmos o topo?

Ele encolheu os ombros. — Eu não conheço a situação atual. Nós acharemos um lugar seguro primeiro. Todo o resto pode esperar.

— Foda-se, que tudo mais pode esperar! Nem sabemos como as pessoas reagirão se mostrarmos nossos rostos em algum lugar e os detectores nos pegarem. Bem, ótimo!

Eles poderiam ter fugido de Killen só para enfrentar mais perseguição da polícia de Pureza Genética. Ou serem atingidos como os cachorros raivosos que tinham sido retratados na mídia. A diversão nunca terminava.

— Não é tão ruim...

Dragana levantou a mão. — Eu não me importo, certo.

Cristoval parecia que ia dizer algo mais, mas manteve a boca fechada, agitou a cabeça e continuou escalando até que alcançou a parte inferior da ponte. — Lá — ele apontou para um tubo do tamanho de um homem, que saía do edifício-fortaleza contra o qual as pontes estavam fixadas. — Nós podemos entrar por aquele tubo.

— Rastejando pelo encanamento — Dragana murmurou, mas seguiu o delicioso bumbum do Cristoval, enquanto ele avançava como um veterano na corda bamba.

Logo, alcançaram o tubo de encanamento, pelo qual se derramava um fluxo constante de água esverdeada. Qualquer que fosse a cidade em que eles estavam pelo menos tinha um dispositivo para dejetos e incinerador decentes. Ela não queria rastejar no encanamento cheio de, bem, *merda*.

Cristoval impulsionou as pernas, subindo. Ele fez parecer fácil. Por um segundo, Dragana olhou as centenas de metros abaixo dela e o oceano batendo contra as colunas da ponte e dos edifícios próximos. Deixar-se cair seria fácil.

— Vamos, depressa!

Cristoval quebrou sua cadeia escura de pensamentos. Ela nunca se sentiu antes deste modo, com um desejo constante de morrer. Só que ela tinha estado do outro lado e era bom. Muito mais agradável do que a vida sem Ivan, isso era certo. A escuridão trouxe a forma de Cristoval quando ele se abaixou e colocou as mãos uma em cada lado. Ela não tocaria em nada que não fosse absolutamente necessário. Argh!



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Então, ao invés de ensaiar um mergulho de cisne de sua coleção de movimentos e mergulhar no oceano abaixo, ela saltou da viga diretamente na abertura do tubo. Ela poderia dizer que o primeiro instinto de Cristoval foi o de dar-lhe a mão, mas ele abortou o gesto, assentiu com a cabeça. Em seguida, virou-lhe as costas para que pudesse andar para cima do túnel, as mãos dos dois lados. O cara tinha a envergadura de um ônibus!

Eles caminharam pelo que pareciam horas. Quando alcançaram algum tipo de estação, com tubos entrando de todas as direções — inclusive em cima e embaixo — o humor de Dragana escureceu ainda mais. Deixar-se afundar e nunca ficar para trás de novo seria bom, mas seria ainda melhor se ela pudesse levar muitos cretinos do Conclave com ela. Isso, sim, que seria um final apropriado. Um plano bem formado. Um plano louco, irresponsável. Ela balançou a cabeça por sua própria idiotice e empurrou a idéia estúpida para a distância. Mas ela ficou lá, atormentando-a. Como uma tia que fica oferecendo conselhos quando todos querem que ela cale a boca.

— Eu ouço alguém — Cristoval murmurou um braço dobrado protetoramente na frente dela.

Dragana bufou, soltou uma risada e caminhou ao redor. — O que você ouviu?

— Vozes.

— Vozes? No plural?

Ele assentiu, pondo um dedo em seus lábios.

Dragana não podia deixar que o velho fogo formigasse. Esfregou as mãos.

As vozes em questão eram de um cara com um colete comum amarrado ao peito e uma câmara de vídeo na mão. Algum técnico ou algo assim. Teve um estranho delírio de que uma lula preta agarrava-se ao peito do rapaz e da garganta, um tentáculo serpenteava em seu ouvido. Dragana estremeceu. Ele estava reclamando de alguma coisa. Ela não conseguia ouvir o quê. Outra voz crepitava sobre as ondas, fez sua pele arrepiar-se. Desde seu retorno, certas coisas, completamente inócuas antes, agora a enchiam de um profundo mal-estar que ela não conseguia definir. A maioria dos cheiros fazia-na querer amordaçar alguém, a luz muito brilhante esfaqueava seu cérebro e, agora, uma voz crepitante de um sujeito qualquer a fazia querer arranhar os braços até sangrar. Que merda eles tinham feito com ela?

O sujeito caminhou bem em frente de onde estavam — um tubo de mais ou menos dez pés fora do chão e no qual eles permaneceram, debruçando-se contra a parede para ter suporte. A água espalhou-se enquanto o homem andava, fazendo padrões loucos nas poças opacas. Cor de combustível misturado com água. A luz iluminou seu rosto. Jovem. Vinte e poucos. Nenhuma arma que Dragana pudesse ver. Ela podia competir com ele vendada e com uma garrafa inteira da bebida de seu primo dentro dela. Ninguém fazia com as ameixas o que seu primo fazia, e nada poderia pôr um homem abaixo tão rapidamente. Ela não tocava em uma gota do conhaque dos Bálcãs, sua terra natal, desde seus anos de adolescente, mas podia lembrar muito bem. Ivan tinha rido forte o suficiente para machucar-se. Antes de ela machucá-lo.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Cristoval, tenso ao seu lado, ainda não se movia. Não era incomum dar com o técnico ali. Trazia o equipamento de rotina, sem mencionar botas e roupas. Tudo que eles precisavam.

Dragana bateu no chão correndo.

O sujeito apenas teve tempo para girar ao redor, olhos do tamanho de fichas de máquina, antes que ela o esmurrasse na garganta e destruísse o ativador de voz em seu pescoço — assim ele não advertiria seu amigo em cima. Para seu crédito, ele conseguiu atingi-la com um ataque desajeitado. O canto de seu monitor bateu nos lábios de Dragana, cortando-lhe a bochecha. Ela embrulhou o braço ao redor da cabeça do sujeito, forçou-o de volta quando ela prende-lhe joelho com o pé e esteve para terminar com ele, quando uma mão apertou seu pulso.

O rosto do Cristoval ocupou seu campo de visão inteiro quando ele se debruçou sobre ela.

— O que você está fazendo?

Ela fez uma careta quando ele apertou seu pulso para dar ênfase. Ela deixou de sufocar o sujeito, que desmoronou ofegante. O equipamento prendeu-se em seu colo, de onde saía uma voz inquiridora, querendo saber que diabos estava acontecendo ali.

Calmamente, Cristoval desligou a coisa e a puxou do homem.

— Suas roupas também, por favor — falou.

Por favor?!

Cristoval pegou o monitor do chão, enxugou-o, então, gesticulou para o sujeito começar a tirar suas roupas.

— O que você quer? — ele perguntou, em voz baixa.

Dragana xingou.

— Suas roupas, maldição! Meu amigo já não disse?

Ele se despiu até só restar à roupa de baixo, que mostrou com claridade impiedosa o quão assustado ele estava. Dragana ignorou a escuridão no olhar do Cristoval enquanto lutava com a jaqueta de lona preta. Tinha um cheiro estranho e misterioso, e ela odiou isso. Cristoval reivindicou as calças, que ficaram apertadas em torno da cintura e altas nas panturrilhas.

—Você está armado? — Cristoval perguntou.

O cheiro de urina a fez querer revirar os olhos. Pelo amor de Deus! Ela apenas tocara nele. Se tivesse se dado conta antes, não mudaria de idéia e terminaria o trabalho. Agarrou o monitor de Cristoval e depressa formou um retrato mental de onde estavam e para onde deviam ir em seguida. Ela queria ar fresco.

Seu companheiro dirigiu-se ao homem apavorado.

—Você pode sair agora.

Ela ouviu o homem ir embora, mas nem olhou para ele. Ela já tinha aferido a situação e não o considerou como uma ameaça. No entanto, não gostava de deixar pontas soltas.

— Não havia necessidade de machucá-lo.

Ela encolheu os ombros.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Olhe para mim.

Com um suspiro dramático, ela plantou o olhar nele.

— Eu espero que você não esteja para me dar um sermão, homem. É uma guerra.

— Não existe guerra, Dragana.

— Inferno, existe! Nós estamos em guerra, Cristoval, em guerra com nossa própria gente, aqueles que pensam que nós devíamos ser *humanamente sacrificados*, aqueles que nos mantêm debaixo de seu dedo polegar. É uma guerra!

Seu olhar escuro ameaçava engolir todo o seu ser se ela não desviasse o olhar.

— Você derruba o maior número possível.

— Ele não é do Conclave. Você não precisava matá-lo.

— Bem, eu não o matei certo?

— Só porque eu parei você.

— Eu luto. Assim é como eu vivo.

— Foi isso que quase a matou, você quer dizer.

As palavras cortaram como uma navalha. Ela não podia dizer nada contra o nó de raiva e dor apertando sua garganta.

Cristoval fechou seus olhos brevemente.

— Isso foi injusto. Eu sinto muito.

Ela distanciou-se, seguindo na direção que, de acordo com o monitor roubado, os levaria para a superfície, surpreendentemente fechada acima de suas cabeças. Água pingava ao redor deles. Eles ficaram em silêncio até chegarem a uma porta de ferro parcialmente aberta, o bastante para deixar derramar luz pela abertura estreita. O ar fresco acariciou seu rosto. Apesar de tudo, Dragana sorriu quando empurrou a porta e saiu para o dia chuvoso. Não se importou se nuvens de tempestade aproximava-se à sua esquerda, no pedaço de céu que ela podia ver entre vidro brilhante, concreto e aço dos edifícios mais altos. Ela não se importou com o ar glacial que cortava seus tornozelos, nem que os dedões do pé estivessem quase azuis de frio, ou com aquelas buzinas e sirenes, ou a cacofonia de vida apertando-os em seu interior. As pessoas caminhavam através da ruela ao longe para a esquerda e para a direita. Eles não examinaram o espaço estreito entre os edifícios onde a lançadeira do técnico descansava como um besouro azul gigante. Ela se sentiu invisível.

Quando Cristoval passou por ela, seus olhos permaneceram fixos por um momento, e ela descobriu que não conseguia sequer segurar a raiva. Sentia-se entorpecida e fria e muito fraca para se importar. Ela odiou o modo como se sentiu só alguns minutos antes. Parecia que ela não podia mais segurar os sentimentos, que tudo vazara de uma vez através dos numerosos tiros voltar, para deixar uma casca vazia coberta de contusões e cicatrizes. Cheia de nada, além de dor.

Ele levantou a escotilha, inclinou-se, em seguida fez um sinal para ela se juntar a ele.

— Os controles estão ligados — ele anunciou.

Ela movimentou a cabeça.

— Eu disse que sinto muito, Dragana. Eu verdadeiramente sinto.

— Tudo bem. Não é como se eu não estivesse esperando.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Solícita? Ela? A vigilante de Solomon? Desde quando ela perdoava alguma coisa?

— Não, está tudo bem. Eu nunca quis machucar você.

As mãos quentes a agarraram por detrás, braços musculosos a cercaram em torno dos ombros, forçaram-na contra um tórax no qual ela amaria apoiar-se. Cristoval permaneceu atrás dela para não ver as lágrimas mudas descerem por suas bochechas. Ela morreria em vez de mostrá-las. Morreria novamente.

O níquel dos tiros bateu primeiro em seus pés. Ele levantou a portinhola com a canela, o metal do níquel ricocheteou no revestimento e partiu de encontro a uma parede de cimento nas proximidades.

— Cacete!

A segunda rajada bateu direto no chão, entre seus pés desnudos. Quando o terceiro tiro os golpeou, Cristoval tinha empurrado por baixo da escotilha com força suficiente para impulsioná-la alguns centímetros.

— Como eles souberam que estaríamos aqui? — ela rosnou. Seu voltar prateado — grande suficiente para conseguir ganhar um pouco de tempo — não estava lá. Ela não podia enfrentar os mais de duzentos tiros por segundo.

— Eu não tenho nenhuma idéia! — ele gritou em resposta. Ele tentou olhar para fora, acima da portinhola, mas recebeu um granizo de níquel. — Nós temos que sair daqui!

— Sim, isto está se tornando nosso lema.

Solomon e seu senso de humor teriam tido alguma observação pertinente para aquela situação. Ele sempre tinha. Ela sentia falta de sua filosofia sombria — disparar primeiro, perguntar depois. Ela sentia falta de muitas coisas.

* * * * *

O olhar de mágoa em seus olhos azuis o horrorizaram e o envergonharam. Por que ele dissera uma coisa tão horrível para ela? Ele não podia explicar sua reação a não ser que ela fez sua raiva superar o medo. O medo o fez dar coices nela. Ela o horrorizou e o chocou quando saltou abruptamente fora de seu lugar e atacou o técnico do esgoto. Ela o assustou terrivelmente. E se o homem estivesse armado? E se ele a matasse?

Não que mudasse qualquer coisa. Alguém estava atirando neles! Cada segundo os trazia mais perto. Se já não estivessem lá. Tinha sido muito fácil achar a superfície, topando com um solitário técnico. Ele devia saber. Killen não teria nenhum escrúpulo em puxar as cordas para usar iscas vivas para capturá-los. Cristoval devia saber. Nos muitos anos em que Killen tentou colocar as mãos no líder da resistência — sem saber que era o filho do seu chefe — ele recorreu a medidas draconianas, até usando pais como isca para seus filhos jovens.

Dragana saltou na lançadeira, agarrou a manivela para abaixar a portinhola e voltou-se em sua direção. Com o sol entrando inclinado pela janela horizontal estreita, um halo formou-se acima de sua cabeça.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Acenda aquela coisa e vamos! — ela gritou, xingando, e, então, caiu em uma das cadeiras. Então, ele estaria pilotando novamente.

Sua Valquíria, seu anjo da morte.

Cristoval bateu a portinhola, fechou-a e juntou-se a Dragana onde ela tinha ligado alguns sistemas. Verificou as medidas e deu-lhe um sinal positivo. Sua mão não tremeu.

Eles se sentaram nos controles de outra nave roubada, mas, desta vez, o passeio era muito mais áspero e bombardeado com contas de níquel batendo no pára-brisa e ao longo dos anteparos. Ele esperava que nenhum tiro roubasse seus sensores externos e antenas. A munição de níquel foi substituída por pólvora. Hoje em dia, contas de tamanho de uma ervilha rasgariam em todas as direções, perfurando quase qualquer coisa e, se encontrasse uma substância condutiva — tipo, um corpo — ativaria um arco elétrico que derreteria um grande buraco. Tirando a grade elétrica da lançadeira ou seu pára-brisas. Ele precisava de ambos.

Cristoval puxou o controle, mas manteve o nariz da lançadeira apontado para baixo, assim ele não daria aos atiradores uma visão da cabine e de suas janelas vulneráveis. Pedal esquerdo para baixo, controle alavancado, ele trouxe a nave pequena entre os edifícios, nariz baixo e girando tão rápido quanto conseguia. Padrões de calor dos propulsores chacoalharam nas janelas dos edifícios. Finalmente, eles alcançaram os telhados.

Dragana girou seu pescoço para ver fora da janela estreita.

— Frite aqueles malditos!

Pelo do canto do olho, ele viu alguma difusão de formas escuras ao longo da borda e tomando posição.

— Com prazer.

Cristoval deu um impulso rude e apontou os propulsores para o telhado, arranhando-o com o calor intenso. Advertências piscaram na cabina do piloto. Ele as ignorou. Aquelas pessoas dispararam contra Dragana.

Metade de uma rotação levou-os para o telhado, que ele amaldiçoou também, girando o motor e equilibrando a popa direita de sua nave acima da borda de concreto. Apesar do rugido da lançadeira e das advertências, ele distintamente ouviu vozes humanas com dor. Bom.

Antes de sua sorte falhar, Cristoval voou para cima, acima de um conjunto de abastecimento arrematado por pinos de vidro com reluzentes anúncios — promessas de saúde longa e pele lisa. Fora da multidão de lançadeiras voando desordenadamente, três pareceram tomar um interesse particular neles e convergiram como bestas putrefatas pretas.

— Aqueles — Dragana apontou. — Eles estão depois de nós.

— Eu sei.

— Aponte para a ponte, nós pegaremos eles lá.

Ambos foram erguidos acima de suas cadeiras quando ele violentamente empurrou o controle à direita, então, à esquerda, para desviar na direção oposta, em direção à ponte, acima, e, depois, fazendo um movimento perigosamente arriscado. Das três lançadeiras



PÉGASUS LANÇAMENTOS

que os seguiam, só duas o seguiram naquela movimentação louca. Uma desapareceu acima da ponte. Só fogo e uma chuva de escombros emergiram do outro lado.

— Agarre-se! — ele grunhiu.

Esquerda, direita, em cima, esquerda novamente, entre colunas espessas do edifício de concreto sustentando a cidade, voando como um morcego louco. Uma pipa fora de controle emaranhou-se em suas linhas. Atrás deles, ambas as lançadeiras, combinando seus movimentos, aproximaram-se.

Dragana mirou a tela e ampliou a imagem na lançadeira que estava mais perto.

— Eles estão armados! Merda! Cristoval!

Um flash azul indicou que seus perseguidores começavam a disparar contra eles. Os canhões de pulsação podiam ser montados em lançadeiras, embora só a Aliança Global das Nações — GAN — tivesse permissão para isso. Cristoval dobrou os esforços para despistá-los. Se um tiro tocasse sua lançadeira, a explosão eletromagnética fritaria tudo. Eles submergiriam no mar como um pássaro morto.

— Quanto combustível nós temos? — Dragana perguntou, torcendo em sua cadeira para verificar a medida.

— Está cheio — Cristoval respondeu, grunhindo, quando ele guiou a lançadeira quase muito perto de um pilar. Uma advertência relampejou, informando que os sensores externos estavam funcionando mal. Ele provavelmente só arrancaria alguma coisa fora voando muito perto do pilar.

— Diminua a velocidade, então — Dragana gritou curvada acima de sua porção do console.

— O quê?!

— Confie em mim! Diminua a velocidade!

Cristoval não podia olhar para ela. Ele esperava que ela soubesse o que estava fazendo.

Contrariando todas as fibras de seu ser, que diziam para manter o pedal e esperar o melhor, ele aliviou um pouco da pressão de seu pé, abaixou a alavanca e rangeu os dentes. Eles eram tolos voando daquele modo. Na tela, ambas as lançadeiras fecharam-nos rapidamente.

— Voe baixo! Aponte para a água!

Ele não fez perguntas. Eles não tiveram tempo. Ele entendeu muito tarde. Dragana quis dizer destruir o inimigo ainda que se sacrificasse no processo. E ele, junto com ela. Ele devia ter percebido. Tudo aquilo para nada. Cristo!

— Diminua — ela gritou várias vezes. Sua língua esticou o canto de sua boca. Foco total. Ele quis rir.

Atrás deles, uma lançadeira voou diagonalmente para a outra, apenas cem pés separadas. As asas praticamente tocando-se.

— Espere... espere.

Ele queria perguntar pelo quê, mas concentrou-se ao invés disso. Pelo menos, afundaria em uma briga, em vez de ser picado e cutucado até a morte por cientistas



PÉGASUS LANÇAMENTOS

loucos. Ambas as caudas das lançadeiras nivelaram-se, uma em cima da outra. Provavelmente queriam disparar ao mesmo tempo.

— Prepare-se para armar isso! — Dragana dobrou seu lábio inferior.

Que diabo ela...?

— Agora!

Simultaneamente, ele guinou os motores e forçou um rugido nos propulsores do ônibus espacial, que o emplastrou contra a cadeira enquanto Dragana ritmicamente apontava os dois dedos no botão de mistura de combustível. Atrás deles, combustível misturado com uma explosão de gases de escape e o calor de seus propulsores. Dentro de um segundo, tudo estava incendiado, criando um rabo longo de fogo branco atrás deles. O rastro de fogo voou nas lançadeiras e salpicou suas proas como chuva. Nenhum piloto podia manter altitude, lançar e guinar. Em um chafariz de faíscas e fogo, as lançadeiras colidiram uma contra a outra, e, enquanto uma foi em linha reta até bater contra o oceano, a outra atingiu e ricochetou contra várias colunas antes de, literalmente, desintegrar.

Com o coração martelando contra o tórax, Cristoval girou para Dragana, que se debruçou de volta em sua cadeira com os braços cruzados. A sombra de um sorriso tocou seus lábios. Ele nunca esteve tão desperto!

Ela teve que admitir, aquilo tinha colocado algum fogo de volta em suas veias. Nada se comparava a chutar os sujeitos ruins nos dentes. Uma pequena ajuda para a justiça natural.

Mas como os sujeitos ruins os alcançaram tão cedo?

— Sabe... — ela disse, depois de algum tempo. Ele voou para fora, debaixo da cidade, passou sem tocar o espaço aéreo da ilha principal, então, apontou para o sul. Com sorte, eles alcançariam Seul mais tarde. — nós temos que descobrir como eles nos localizaram tão depressa.

— Eu penso que sei. — Ele mostrou-lhe o braço. — Os implantes. Eles devem ter posto um dispositivo de rastreamento neles também.

— Isso é prático.

Eles compartilharam um sorriso rápido.

Cara, ela amava estar ao lado dele. Tudo era tão fácil, tão confortável. Seguro.

— Tome os controles durante algum tempo — ele disse.

Ela o substituiu na cadeira morna, quieta, por alguma razão sentindo como se alguém roubasse algo dela quando começava a ficar bom.

— O que você está fazendo?

— Tem que haver algumas ferramentas aqui.

Ela o ouviu espiar em torno da lançadeira, então, viu-o ajoelhado no convés, curvado sobre um pé.

— Você não es...?

A imprecisão murmurada anunciou que realmente ele havia tirado um dos implantes. Dragana estremeceu.

— Eles estão fundos?



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Não — veio a observação apertada.

— Ainda... — ela lutou contra o resto da sentença. Uau! Que pena. Ela estava para dizer “tenha cuidado”. Talvez ele tivesse gostado de ouvir isso.

Ele retornou algum tempo depois, sangrando em ambos os tornozelos e pulsos, as pontas de seus dedos vermelhos também. Ela tentou lutar contra a genética, alimentando-se com tudo que tinha. Ela era um *lycan*, pelo amor de Deus. Ele era Cristoval Vonatos, um *lycan* também, o líder da resistência subterrânea, e não precisava de uma enfermeira para pairar ao redor sua cabeça. Certo? Então por que ela teve que agarrar o controle forte o suficiente para afastar-se de zumbir ao redor dele e se oferecer para bater levemente nisto ou tocar de leve naquilo? Maldição!

— Você está bem? Nenhuma surpresa sórdida?

Ele agitou a cabeça, suspirou. — Eu joguei fora na calha de lixo.

— Boa — ela respondeu, com falsa leveza. — Os deixeeles rastrearem o lugar durante algum tempo.

Ele assentiu, mas não disse nada. A dor devia ser forte.

— E agora? — ela perguntou, voando acima de uma área densamente povoada, que reluziam como minhocas no fim de tarde. O verde escuro das florestas protegidas cercavam a megalópole. Uma de muitas nas Coréias Unidas.

— Lá — ele apontou para um sinal enorme girando lentamente acima de um dos edifícios, seus canos de escapamento criando padrões de calor. — Nós devíamos parar durante a noite. Eu não posso nem pensar direito.

— Sim, nem eu.

Ela culpou a fadiga pelo seu momento de enfermeira preocupada.

Com cerca de mil pés abaixo deles em uma colcha de retalhos de concreto cinza e algum verde de parques ocasionais, eles entraram em um dos muitos corredores ao lado de outros ônibus, de todas as cores conhecidas e tamanhos. Em seguida, pousaram no hotel. Cristoval avistou, com saudades, o logotipo vermelho-sangue gigante piscando — uma lua com vista para um travesseiro roliço. O mesmo sinal parecia confortável para ela. Dragana percebeu que estava tremendo. Com a exaustão, com os restos de seus dublês deixados para trás, debaixo da cidade costeira. Com luxúria.

Uma vez no telhado de concreto descascado, eles pagaram por seu quarto com os créditos que haviam achado dentro da jaqueta do homem, que Dragana vestiu como uma manta. A máquina aceitou os créditos, devolvendo uma ficha de plástico minúsculo como chave.

Cristoval pegou o objeto. Estava encardido pelo uso. Seu lábio superior estava apertado. Ela sem dúvida percebeu que eles não deviam esperar luxo, mas Dragana achou que ele não podia esquecer sua linhagem. Ele nascera com privilégios e escolheu um subterrâneo, evitando as leis de seu pai. Embora, depois de muitas semanas nas mãos de Killen, o hotel humilde provavelmente seria como um palácio para ele.

Ele destrancou a porta, andando para dentro e acendendo todas as luzes. Dragana soube o que ele estava fazendo. Delimitando o lugar. Como se ela não pudesse se



PÉGASUS LANÇAMENTOS

defender. Ainda tanta atenção tocou seu lado feminino, que ela sequer sabia que tinha. O que iria Solomon dizer disso!

Capítulo Seis

Aquela acomodação minúscula era muito melhor do que Dragana esperara. Sentiu como se estivesse dentro de um vagão de trem muito antigo, que possuía uma janela retangular com vista para uma fábrica poluente expelindo fumaça, duas camas que dobravam para fora da parede e um banheiro minúsculo. Sem lençol. Sem toalha. Mas isso era tudo que eles poderiam esperar num lugar como este, um lugar que só aceitava pagamento a vista, sem pista da origem do dinheiro. Um lugar onde fregueses e seus *companheiros* provavelmente alugavam quartos por algumas horas.

Cristoval permaneceu no meio do quarto pequeno, olhando para a janela antes de baixar a cortina de aço. Seu sangue fez pontos vermelhos no chão de vinil azul.

Ela não podia suportar aquilo mais.

— Mostre-me os ferimentos — ela disse, grosseiramente.

A mão dele parecia quente e deliciosa quando ela moveu a sua sobre a dele para observar melhor a ferida. Ele tinha um corte como o formato de um relógio pequeno. Devia estar morrendo de dor. E como devia doer.

— Você arrumou uma grande confusão. Se sente na cama. — Ela se encaminhou para o banheiro.

Cristoval concordou, sentado na cama enquanto ela abria a porta, verificando a acomodação.

— Onde você está indo?

— Existe uma lojinha num corredor próximo. Eu irei ver o que eles têm lá. Eu tenho dinheiro, de qualquer maneira.

Ela o deixou no quarto, olhando meio divertido, meio aborrecido. Ela não se importou. Se ela não fizesse algo para sarar suas feridas, ela não dormiria a noite toda. Liberty normalmente cuidava dos feridos do time, não ela. Merda. Mas ela faria seu



PÉGASUS LANÇAMENTOS

melhor, ela queria deixá-lo mais confortável, e, depois, ela precisava de seu *sono de beleza*. Que situação perfeita, pensou cinicamente. Claro, poderia ser melhor. Tinha o risco de se tornar uma grande puta.

Com os poucos créditos restantes, ela achou o que precisava, mas não conseguiu acreditar que eles tiveram que comprar os lençóis naquele maldito lugar. Retornou ao quarto para achá-lo obviamente dormindo. O sangue formara em uma linha longa acima de seu pé.

Um desejo de sair daquele lugar e uma saudade do seu Peanut a tomaram. Com Peanut podia fazer picadinho de cada safado do Conclave. Eles haviam feito aquela porcaria com Cristoval, colocaram merda no corpo dele para atormentá-lo a uma distância segura e conveniente. Tortura por controle remoto. O quão errado era aquilo?

Você vai conseguir Dragana Bjelic. Você vai pegar todos aqueles filhos-da-puta. Todos eles. Fará justiça por Ivan, Cristoval e por tudo que eles roubaram.

Aquelas palavras tocaram sua mente. Seria mais fácil achar as armas, uma vez que Cristoval aceitou devolvê-las a Seul onde a Aliança Global das Nações as esperavam. A GAN era o centro da cidade. A GAN, que patrocinou o Conclave por anos. Os desgraçados eram aliados dos cientistas loucos. Killen. Ela o faria pagar. Não descansaria até conseguir.

Ela pegou as duas sacolas de refeição instantânea, o último pacote selado, juntamente com as fronhas, e o pacote de roupas íntimas. O barulho do plástico soou bem a seus ouvidos.

— Você está bem? — Cristoval perguntou, com os olhos meio fechados, sentando na cama. Ele parecia morto de cansaço.

— Sim. Estou bem. — Ela mostrou a fronha que comprara na loja. Pêssego-colorido, para fins sexuais. — Cem por cento algodão, seu jumento.

Eles colocaram suas mãos debaixo da água, Cristoval mantendo-se impassível enquanto enxaguava grandes quantidades de sangue. Eles compartilharam a refeição instantânea, comendo diretamente no pacote em vez de aquecê-la no pequeno microondas. Não podiam esperar. Depois da refeição rápida, ele cuidadosamente desdobrou o lençol e forrou uma das camas, arrumando-a com suas enormes mãos. Parecia que tinha passado anos fazendo isso.

— Está bom — ela disse, observando-o enquanto ele continuava alisando as extremidades. Ele ainda sangrava.

— Você realmente está bem? — ele perguntou. — Você parece brava. Eu já me desculpei duas vezes.

— Não é isso. Eu estou só cansada. Estou bem, de verdade.

E ela estava. Uma nova sensação de rumo se apossou dela. Ela soube o que fazer como fazer e para quem. Nenhuma vingança era melhor. Que se fodessem! Ela os faria sofrer e muito. Um por um. Killen seria o último.

Cristoval deu lugar para ela sentar-se no canto da cama. — Você devia tomar banho primeiro, as bandagens não molharão se você estiver limpo antes de colocá-las.

— Não, você primeiro.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

A Dragana antiga teria discutido. A nova só encolheu os ombros.

— Certo.

Molhada e nua, ela não estava pondo nenhuma peça de roupa depois do chuveiro quente. Sentou-se e esperou até que ele atacasse. Mais, ela estava acostumada a ser o alvo nu de Cristoval. Outra coisa misteriosa. Ela normalmente gostava de seu espaço, muito mesmo, e nunca deixava seus namorados penetrarem seu santuário, que incluía seu quarto e banheiro. Ninguém precisava saber que produtos ela usava, que ela preferia depilar-se com cera a gilete, que ela gostava de suas coisas e que era muito cuidadosa com elas, ou como ela vestia suas camisolas combinando com suas roupas íntimas. Seus homens, uma vez que eles achassem sua pequena casa confortável, em uma das últimas áreas arborizadas de Seul, teriam permissão para ficar na sala de estar, principalmente para o sexo, e ir até a cozinha, se ela gostasse deles. Mas nunca mais que isto. Ivan achava que ela era um pouco misteriosa naquela consideração. Ele deixava suas meninas andarem em seu apartamento no centro da cidade quando o agradavam. Entretanto, novamente, ele sempre tinha sido social e confiante. Não ela. Nenhum pouco.

A água enfeitava o corpo de Cristoval enquanto ele emergia da fumaça do banheiro. Seu armário era pouco maior que aquilo. Seu antigo físico, densamente musculoso, tão delicioso quanto podia ser não se comparava aquela silhueta metálica, sobressalente, predatória. Ele tinha sido um urso. Agora era um lobo. Bem de acordo com sua maquiagem genética.

Ela ofereceu ajuda. Ele começara a sangrar um pouco novamente e, misturado com as gotas da água pontilhando em sua pele, o sangue virou rosa. Ele realmente estava fazendo uma bagunça. A ira a inundou. Ela faria Killen pagar por aquilo.

Ela tentou começar uma conversa amena, para disfarçar sua intranquilidade e preocupação. Com tiras de pano para enfaixá-lo, ela começou a fazer seu trabalho, da melhor forma possível. Cristoval não demonstrou sentir nada. Ele era um bom paciente.

Ele olhou para seu pulso enquanto ela colocava a bandagem.

— Você é boa nisto.

— Não, não sou.

Ela? Uma boa enfermeira e... merda, o que mais faltava? Confiante e amoroso? Um absurdo!

Inflexível em sua força interna, sua autoridade inata. O olhar de Cristoval fixou-se no curativo. Uma mulher podia se perder naqueles olhos enormes.

— Você é boa nisto.

Não foi feita nenhuma negação ou argumento a respeito daquilo. Ele não toleraria.

— Sim, se você diz.

— Com prazer.

— E eu pensei que você não tinha nenhum senso de humor. Ela empurrou seu ombro para ele se deitar, mas ele não se moveu.

— Você não disse que queria dormir?

Ele movimentou a cabeça.

— Então, qual é o problema? Por que ele a encarava daquele modo?



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Eu quero fazer amor com você.

Ela sentiu sua garganta apertar e um intenso rubor cobrir suas bochechas. As palavras normalmente deixavam-na fria. Seu ego estava nas alturas, um homem falando com ela de forma tão doce e usando tais palavras. Fazer amor. Vamos! Claro, merda, fazer sexo. Fazer amor? Que homem falava assim? Mas a nova Dragana apreciou — fazer amor tinha mais significado do que fazer sexo. Uma nova mulher. Estranho, mas estava se apaixonando rapidamente por seu guerreiro espartano com olhos assombrados e mãos gentis. Ele a segurou enquanto ela chorava sua perda. Caminhavam no mesmo ritmo, com objetivos similares. Então, palavras podiam significar algo afinal. Eles tinham algo em comum, muito em comum mesmo.

— Eu vivo no presente — ele respondeu, simplesmente.

Ao invés dela, que vivia no passado amargo. E o futuro? Bem, ela não teria nenhum, teria? Meditou sobre isso.

— Você estava adormecendo no canto da cama um minuto atrás e, agora... bem... seu... como isso é possível? Ela apontou para seu pênis ereto.

Ele não desviou o olhar e continuou encarando-a.

— Eu acharia uma forma para adiar a morte para ter um outro minuto com você.

— Como eu disse você tem jeito com as palavras.

Cristoval se aproximou ainda mais e espalhou seus joelhos um pouco.

— Venha.

Como aquele homem conseguia modular seu tom de voz do jeito certo para fazer um pedido? Ele deveria saber que ela o rejeitaria se ele usasse outro tom de voz.

Seu pênis, tão liso, subindo e descendo a cada respiração. Ele só precisou levantar uma mão, seus dedos levemente dobrados, para Dragana grudar seu corpo no dele. Nenhum homem jamais teve aquele efeito sobre ela. E ele disse só uma palavra!

— Eu quero beijar seus seios — ele sussurrou contra sua barriga. — Diga-me se gosta disso.

— Sim.

Cristoval levantou seu rosto para ela.

— Segure suas mãos para atrás. Eu quero ver você deste jeito.

Ela o fez, pôs as mãos para traz, elevando seus seios, seus mamilos róseos em evidência. Ele os tomou demoradamente. Dragana estava morrendo para perguntar a ele se estava gostando do que estava vendo. Mas ela não se importou de qualquer modo. Por que se importaria?

— São lindos.

Ela encolheu os ombros. Ela achava que eram assimétricos, mas como ele saberia?

— Você me quer ou não? — Por que tinha que ter aberto sua maldita boca grande?

Uma linha se formou na fronte de Cristoval, uma linha profunda. Outra mulher teria provavelmente desistido. Mas ela tinha suas próprias convicções. E não era de ceder um centímetro sequer.

— Eu quero você, mas não deste jeito.

— De que jeito?



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ele fez um bico com sua mão e bateu as pontas de seus dedos repetidamente para mostrar a ela que estavam conversando demais.

— Gosta de mulheres quietas?

— Por que você está tentando me contrariar? Você pensa que sou tão fácil de dispensar?

— Eu não estou tentando dispensá-lo.

Uma chama triunfante apareceu em seus olhos escuros. Ele a teve onde exatamente a queria.

— Do que você tem medo?

— Nada me assusta — ela replicou da forma mais cortês possível. — Não existe uma coisa neste mundo que me assuste.

— Mas você se contém comigo. Eu penso que você está assustada.

— Ei, não procure todos os significando para meu comportamento, certo?

Ele estava descobrindo algo que ela preferia deixar totalmente escondido. Como ela estava começando a desenvolver sentimentos por ele?

— Isto é o exato oposto do que eu penso que mulheres quererem.

Ela não podia comentar sobre isso. Ela soltou uma risada e agitou sua cabeça, movimento que desalojou os fios de cabelo por detrás de sua orelha. Observando sua boca, ela soprou nela. Cristoval pareceu apreciar o gesto porque ele se sentou mais próximo a ela, usando as mãos para emoldurar seus quadris enquanto ele deslizou a bochecha contra seus peitos, onde seus olhos estavam meio fechados.

— Mas você não é como outras mulheres, não é? — Ele sussurrou.

Existia um jeito possessivo pelo modo que ele disse aquelas palavras e Dragana, tanto como ele, gostou disto.

— Nós vamos fazer isto hoje à noite?

— Vamos.

— Bem?

— Feche seus olhos.

Enquanto seus cílios se fechavam, algo quente e molhado começou a se formar em sua barriga e debaixo de seus seios. Ela respirou com profunda satisfação. Ela estava morta de cansada, mas isto valeria à pena. Ela podia sentir esta necessidade em sua vagina, mas também no resto de seu corpo: tensão, necessidade e expectativa. Suas emoções.

Na superfície, ela tentou da melhor forma parecer tranqüila, focada nos prazeres físicos que ele estava dando a ela, mas debaixo de isso tudo, ela podia sentir uma onda sentimental rebelde crescendo, sim, mas depois daquelas palavras, o modo com que ele as pronunciou, seu tom e sua coerência, sim, Cristoval Vonatos, o homem por atrás da resistência, um dos mais temidos *lycans*, tinha um jeito especial de se fazer escutar e seguir. E como parceiro sexual, bem, qualquer mulher iria querer provar aquilo. Ela podia ser uma cadela teimosa, e uma variação de outros nomes, de acordo com Solomon, mas não era feita de gelo. Não ao redor dele.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

De sua barriga, Cristoval moveu-se para seus quadris e suas coxas, lambendo de modo vagaroso sua pele.

— Isto é bom — ela respirou. Um espasmo apertou sua vagina. Os fluidos saindo. — Isto é tão bom.

Cristoval respondeu com sua boca. Ele reivindicou um seio com seus lábios enquanto manipulou o outro mamilo com dedos exigentes. A mistura da boca suave e molhada sugando-a com o toque de seus dedos duros criavam poderosos calafrios nela. Eles faziam todo seu corpo tremer — ela tremia toda vez que Cristoval chupava seu mamilo. Seus dedões do pé se sacudiam devido à excitação. Maldição, ele era bom.

Ela não podia resistir mais e puxou seu cabelo. Ele congelou.

— Você está me desobedecendo, mudando de posição — ele disse, enquanto tomava sua mão e a colocava de volta ao seu lugar. — A outra também.

Dragana era reduzida à espera do prazer, algo que ela nunca fez antes. Quando ela queria algo, ela normalmente tomava. Principalmente seu prazer junto a seu amante. Mas Cristoval iria fazer do seu jeito e ela esperou. Em sua mente, ela soube que valeria a pena, mesmo que ele machucasse seu orgulho feminista.

Ele chupou mais duro. Dragana ofegou.

Depois, mais nada durante alguns segundos. Ele não mais a tocou. — Mantenha seus olhos fechados.

Então sua língua aterrisou em sua vagina. Ela o sentiu na divisão de sua vagina. Então, novamente aquela língua, aquele órgão magnífico, tão liso, quente, molhado como cetim. Outra lambida e ele a deixou, durante o que pareceu uma eternidade. Então um suspiro. Seguido por um gemido baixo. Cristoval trabalhou duramente e gentilmente nela novamente. Suas coxas se agitaram. Estrelas cadentes percorreram suas pálpebras.

— Deixe acontecer, ele sussurrou entre lambidas. — Venha para mim.

Outra série de lambidas sensuais no mesmo lugar e o mundo poderia acabar agora, porque ela não se importaria, visto que estava em outro lugar, no céu, nas nuvens, subindo mais alto devido às habilidades de seu amante. Cristoval literalmente a lançou como um projétil, uma bala apontada para o coração de alguém. O seu próprio. Ele mostrou o modo, deu a ela os códigos para seu próprio coração, assim ela podia se sentir bem novamente. Pelo menos, por enquanto. Segundos, realmente. Mas ela estava adorando!

Dragana apenas o sentiu mover-se. A próxima coisa que ela soube foi quando ele a fixou contra a parede, de frente primeiro, empurrando para dentro. O movimento apertado lhe deu prazer. Gemendo, ela se pressionou contra ele. E o instinto de posse tomou conta dele com um primeiro movimento, para depois ele tomá-la como um homem desesperado. Mas ela queria mais do que deixar suas pernas abertas. Com um empurrão poderoso, ela desalojou Cristoval de sua vagina e deixou seu membro molhado. Movendo-se, ela ficou de joelhos e pegou aquele pênis e empurrou-o para dentro de sua garganta. Seu próprio gosto misturado com o dele, salgado como lágrimas, doce como algum néctar exótico, duas essências que formaram um coquetel letal. Letal para suas defesas. Letal para seu coração. Mas ela continuou empurrando seu pênis para



PÉGASUS LANÇAMENTOS

dentro da garganta, assim ela podia chupar aquele pinto até suas bolas côncavas. Ele se lembraria disto por muito tempo. Se eles não tivessem mais nada, ele teria isto e ela teria a certeza que ele teria algo para se lembrar dela. A melhor chupada da vida dele.

Com mais saliva, ela lubrificou seu pênis escuro. Com os punhos trabalhando duro, ela empurrou contra ele, sugando completamente, abrindo os olhos, assim ela podia assistir às suas reações. Seu lábio inferior foi apertando entre os dentes. Seu queixo tremia. Um homem capturado, entre o caminho do prazer e o desespero. Um doce tormento.

— Eu estou...

Ela tirou o pênis da garganta com um som ruidoso, molhado.

— Deixe vir — falou, repetindo suas palavras.

Ele apoiou suas mãos contra a parede e, devido à nova posição, ela podia ajoelhar diretamente entre eles.

Dragana sabia que ela podia oferecer boa diversão. Mas com ele se tornou mais que prazer, mais que sexo oral. Quis dizer tudo que ela não podia dizer com as palavras. Ele era especial por causa do que eles haviam compartilhado na volta do Conclave, debaixo do mar, porque ele tinha estado lá quando ninguém mais esteve, porque ele não a julgou ou tentou cair fora. Por deixá-la ser uma puta, a mal humorada *lycan* que perdeu seu gêmeo e sua arma de fogo, e caminharam com uma morte quase certa sobre suas cabeças. Cristoval a aceitou. De todas as formas. E então ela o aceitaria completamente. Seu corpo, seu afeto. Seu sêmen.

Com grandes espasmos se formando em suas coxas, ele gozou enquanto ela estava empurrando sua fronte contra sua barriga. Ela apenas o saboreou. Ela sentiu o gostou da eternidade, ela o manteve deste modo, juntos pelo menos fisicamente, se nada mais houvesse. Ela não podia dar a ele seu coração porque não mais tinha mais um. Nenhum trabalhando neste momento. Ela estava segura disto. Cristoval podia gostar dela à sua maneira. Ótimo. Realmente. Mas ela não podia retornar aquele nível de afeto. Bem, não estava longe disto, algo estava acontecendo. Algo dentro dela tinha sido roubado. Seu jeito de ser, de alguma maneira não era mais a mesma.

Sua mão grande estava fixada em sua cabeça, enquanto ele se movia para fora dela. Quando ela o olhou, encontrou seu olhar escuro. Sem nenhuma palavra, ele a levou para a cama, se acomodou junto a ela, com um braço possessivo segurando seus quadris. Ela não podia lembrar a última vez que estivera com um amante. Era bom. Muito mesmo. A respiração em sua orelha provou ser tão emocionante quanto confortante.

O sono chegou enquanto estava aconchegada naquele abraço morno. Ela cochilou durante algum tempo, minutos, horas, não sabia dizer. Quando acordou, ela falou.

— O que é agora? Quem é próximo?

Um silêncio longo indicou que ele cochilava um pouco também.

— Você. A palavra murmurada soou como um convite.

— Eu quis dizer, quando nós chegarmos a Seul, o que está próximo de lá.

— Eu soube o que você quis dizer.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ele bocejou, criando um ar quente, familiar, transmitindo uma onda de calor que escoava de sua orelha até sua bochecha. Ela até gostou de sua respiração. Um dedo longo localizou sua coxa, seu quadril. Os calafrios percorreram seu corpo, despertando-a. De dormente, seu sexo acordava, exigindo algo. Ela empurrou-se contra ele e sentiu seu pênis crescer.

— Você acha que tem alguma pessoa dentro de você? — ela perguntou, sacaneando.
— Ou talvez você queira se satisfazer sozinho mais tarde?

Ele de repente ficou tenso.

— Com licença?

Merda. Solomon sempre dizia que ela tinha uma boca grande.

Ela girou para vê-lo olhando de para ela com olhos estreitos, perigosos. Oh, o homem tinha seu orgulho também. Mas ela nunca voltava atrás, até quando devia se retratar.

— Você se satisfaz ou não faz?

— Você faz?

— Claro que faço, ela respondeu. — O quê? O que eu disse?

Ele encolheu os ombros permanecendo deitado com seu pinto parecendo tão pronto quanto ela.

— Bem?

Ele não olhou para ela.

— Bem o quê?

— Você sabe — Ela agarrou seu pênis, mas ele moveu seus quadris para longe. — Ah, não faz assim. Eu sinto muito por abrir minha boca.

— Talvez eu me satisfaça, eu mesmo, mas tarde.

Cristo. Ela quis dizer alguma coisa, exceto sobre sua frustração. A diversão tinha acabado.

Cristoval bocejou alto e saiu da cama.

— Sabe — ele disse, sua voz abafada pelo braço com que ele circundou seu rosto — nós vamos precisar de roupas.

Dragana apertou as coxas para tentar aliviar a tensão que corria em sua vagina. Maldição. Ele ia deixá-la ali excitada e sem fodê-la?

— Para esconder-nos?

— Não. Para manter o foco.

Sua respiração estava bem tranquila. Ele estava dormindo, ou sacaneando com ela.

Sem opções além de amaldiçoar sua boca grande, Dragana observou suas costas, seu pênis e suas pernas longas. Ele era lindo. De todas as formas. Ela sabia que seu tipo não era o biótipo feminino, não era o modelo que atraía atenção ou afeto, muito espinhoso, muito grande, características faciais muito cortantes. Ela nunca saberia o que fazer com um homem como ele. Talvez ela pudesse achar a resposta nela mesma. Mesmo que fosse por agora.

Mas, primeiro, ela teria que manter sua grande armadilha escondida. Neste momento.



Capítulo Sete

Chegar a Seul tomou menos tempo do que ele pensara. Nenhuma patrulha para despistar, apenas alguns guardas para evitar que eles alcançassem os limites da cidade. Ele aterrissou seu veículo roubado na esquina dos túneis abandonados do metrô, notando não existirem sentinelas para guardar a entrada vulnerável. Ele teria uma palavra com quem tinha abandonado seu posto.

— Nenhuma festa de boas-vindas, hein? — Dragana disse, de forma espirituosa. Ela procurou um voltar que não estava lá e cruzou seus braços. Ela estava certa, não devia ter ficado tanto tempo fora da ativa. Algumas pessoas prosperavam em conflitos e não sabiam o que fazer em tempos de paz e quietude. Ela era assim.

— Estou certo de que eles colocaram alguém no fundo.

Ela murmurou algo naquele outro idioma que ele deveria se esforçar para aprender. Apenas para pegá-la desprevenida.

Eles entraram no metrô, passando por muitas entradas defendidas e, finalmente, o cheiro de uma presença os alertou. Ele sentiu Dragana tensa ao seu lado.

— Mostre sua cara ante de eu chutar seu rabo — ela disse ruidosamente.

Cristoval fez uma careta.

— Isso era para ser discreto.

— Discrição uma Merda!

— Cristoval? — Um jovem vestido com pedaços de armadura da GAN em seu corpo e roupas de rua muito gastas surgiu. — É você?

Dragana agitou os braços.

— Não, é o coelho da páscoa!

— É bom ver você novamente, Allan.

— Cara! — Allan disse, lançando um olhar nervoso para Dragana. Inquieta, ela agitou a cabeça com um sorriso amplo. — Cara, aconteceu alguma coisa? Ou todo mundo se tornou uma aberração?

Allan cruzou a distância que os separava. Seu cabelo era muito curto. Ásia está envolvida naquele sistema não havia dúvida. Cristoval podia reconhecer o trabalho da sobrinha.

Depois de um abraço apertado, Dragana observou Allan acenando. Ela os acompanhou até as áreas mais profundas que Cristoval, ao longo dos anos, tornou mais habitáveis com eletricidade e esgoto, algumas colheitas subterrâneas e até, ocasionalmente, luz solar — tudo instalado em locais estratégicos. Poucas pessoas os saudaram quando eles alcançaram a velha estação principal, onde estava Ásia, em trajes de combate, com um... voltar?!

O coração de Cristoval disparou.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Você não deveria estar armada.

Seu sorriso apagou da forma mais rápida que ela já vira. Uma tempestade se armava em seus olhos verdes. Ele pareceu envelhecer décadas.

— Bem vindo você também, Cristoval Vonatos — a garota disparou.

Como a voz de uma adolescente podia ter aquele ar maternal? Bem, ele não se lembrava como a voz de sua mãe devia ser. Ele sempre se perguntaria se ela teria se cansado do jeito do seu marido, ou teria ido embora para proteger sua carreira ilustre. Mas ele nunca saberia.

— Ásia — ele respondeu, abrindo seus braços.

Ela correu para ele com os olhos molhados. O corpo esbelto colidiu contra o dele fazendo grande barulho, abraçou-o com seus braços metálicos. Seu cabelo cheirava a uvas.

Se algum dia ele tivesse filhos — coisa que ele duvidava muito, desde que a última fêmea *lycan* pela qual se interessara não parecia do tipo maternal — queria que seus filhos tivessem o espírito de Ásia, senão sua propensão para se intrometer na vida deles seria enorme. Ele teria adorado tê-la como irmã. Ele poderia ver-se atacando qualquer um que bagunçasse com ela.

Ele empurrou Ásia de volta, assim podia olhar para ela.

— Você parece bem. Você lembra Dragana.

Os olhos de Ásia flamejaram.

— Como? Eu pensei que ela estivesse morta. Solomon nunca desiste e...

A cara feia de Cristoval a silenciou. Ou o olhar de Dragana.

— Desculpe.

— Nós chegaremos a Solomon mais tarde. No momento, Dragana e eu queremos um canto e uma boa chuva. Ah, comida seria bem-vinda também.

Apenas com um olhar, Ásia enviou Allan para providenciar o que ele pedira. Anunciou que ele conseguiria um banquete de rei. Pareceu contente. Cristoval perguntou-se quando eles finalmente se tornariam um casal. A menos que eles já fossem, desde que ele partira. De qualquer forma, não teve chance de prevenir Allan de que ele devia ter intenções honradas em relação à Ásia. Embora ele fosse à encarnação da paciência com todo aquele temperamento de Ásia. Devia adorá-la.

Cristoval pegou Ásia assistindo a partida de Allan com uma expressão afetuosa que nunca veria antes. Quantas coisas aconteceram em tão pouco tempo. Outra coisa que Killen tinha roubado.

— Alguém se apossou de meu lugar?

— Não! — ela replicou. — Eu gostaria de ver alguém tentar! Esse lugar é seu. Eu só entrei lá para limpar e arejar, de tempos em tempos. — Ela ficou quieta, a cor abandonou suas bochechas. — Eu contei os dias, Cristoval. Noventa e sete e meio.

E meio. Seu coração quase quebrou. Ele moveu a cabeça porque não soube o que dizer. Por seu lado, Dragana pareceu estar estudando os pés desnudos.

Ele se aproximou de Ásia, enlaçou um braço ao redor de seus ombros, que se apoiaram contra ele.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Estou contente por voltar, Ásia. Senti saudades.

Por um breve momento, ela agarrou seu pulso ferido e o observou. O sangue saturou a gaze e vazou pela bandagem que Dragana colocara.

— Seja quem for que machucou você, espero que tenha chutado suas bundas.

— Ele o fez — Dragana respondeu. — Nós fizemos.

Ásia movimentou a cabeça e os levou para seus aposentos, saudando as poucas pessoas que encontraram, gritando nomes nos corredores escurecidos à medida que foram entrando. Cristoval e Dragana eram tratados como se fossem o filho prodígio retornando. Ele não podia ajudá-la a compreender o sentimento que ela estava envergonhada por sentir.

Eles pararam na porta, onde estava escrito, em tinta vermelha e preta, sobre um painel de metal: “Staff Quarto — Bater antes de entrar”. Aquele aviso estava ali há séculos. Uma vez, Ásia pôs um cartaz que tinha o desenho de um animal com garras. Dependendo do ângulo do qual se olhasse, via-se o animal se movendo ou suas garras. A menina era terrível. O cartaz já não existia mais. Cristoval não tinha achado a coisa engraçada na época. Mas agora achava.

— Onde está aquele outro cartaz?

— Num local seguro para quando você criar senso de humor — Ásia grunhiu.

Dragana resmungou algo, então se debruçou e colocou uma mão contra a porta de aço. — Está fechado? Eu preciso urinar.

Ambos a olharam chocados e Ásia logo abriu a porta. A luz verde relampejou, uma vez que a porta estava aberta. De fato, ela tinha limpado o quarto. O local parecia imaculado.

— A outra chave está em sua escrivaninha. — Ásia soberbamente ignorou Dragana, deu-lhe um abraço e, então, declarou que tinha coisas a fazer e que Allan iria trazer a refeição.

— Ela sempre fala com você desse jeito?

— De que jeito?

— Ela tem uma boca maior que ela. Uma chefinha de merda. — Dragana ficou na porta, mas não o seguiu.

— Você não tinha que ir ao banheiro? — Cristoval perguntou, tentando muito tarde manter o tom de voz polido.

Visivelmente contrariada, ela entrou no quarto, diminuindo a velocidade duvidosamente até que chegou à porta estreita do corredor. Então, olhou para ele como um soldado pronto para guerrear. Ambos terríveis e determinados. Ela era uma contradição. Forte, mas, igualmente, vulnerável.

Suas coisas estavam lá. Todas elas. As memórias do outro homem que uma vez viveu ali soaram em sua mente. Um homem solitário, que, de boa vontade, afastou-se dos outros. Ele podia arquitetar seus objetivos, conspirar contra os opressores, obter informações com informantes, mercenários. Sempre com uma estratégia a ser feita na mesa de trabalho — agora vazia, mas com muito a fazer. Ásia ou Allan sempre lhe traziam um café bem quente, com seus homens ao redor para discutir logística e



PÉGASUS LANÇAMENTOS

estratégias. A vida no subterrâneo não era um estado normal para os seres humanos. Exigia planejamento e premeditação infinita para as coisas mais simples. Entretanto, pela lei, eles não eram seres humanos, apenas criaturas geneticamente modificadas.

Dragana interrompeu seus pensamentos sinistros ao sair do banheiro. Ela espirrou água em seu rosto. Ele respirou profundamente e olhou para outro lugar para evitar que seus olhos deslizassem sobre ela, mas ficou rapidamente excitado só em pensar em sua pele.

— Desculpe, eu falei besteira. Meus pés estão me matando, sabia?

Ele movimentou a cabeça.

— Não vejo nenhum dano.

Um tipo de sorriso maldoso se formou em seus lábios. Ela o abordou, deslizou um braço ao redor de seu pescoço.

— Então... — ela murmurou, com olhar azul celeste malicioso. Ele podia se perder naqueles olhos. — eu durmo aqui também?

— Seria uma honra e um prazer.

— Nessa ordem?

— Sim.

Ela jogou a cabeça para traz. Os cabelos derramaram-se sobre seu ombro musculoso. Ele amou a mudança dela, sua personalidade. Uma Valquíria indo até seu amante afetuoso. Talvez ela finalmente deixasse seus receios e objeções do lado de fora. Temporariamente, pelo menos. Ele estava contente por ela vir a ele. Ele não podia recusar o que ela oferecia. Perdera muita coisa na vida. Ainda não existia nenhum afeto entre eles, mas ele adoraria construir algo novo com ela. Uma nova vida para os dois. Talvez ela desse uma chance a eles?

— Sabe — ela disse depois de um beliscão rápido em seu queixo — você me deixou a ver navios no hotel. É bom que nossa refeição chegue rápido, porque você vai precisar de combustível.

Uma nova vida com uma mulher que ele amava. Uma segunda chance.

Ele tocou seu rosto, alisando seu queixo.

— E se não chegar?

Dragana pôs uma mão entre as dele.

— Vamos ver se você vai agüentar.

— Certo — ele respondeu, ficando mais excitado a cada segundo. — Eu direi como vai ser. Primeiro, rasgarei todas as suas roupas. Depois, empurrarei você sobre aquela cama. E, por fim, farei amor com você de forma louca e por muito tempo.

— Promessa, promessas...

O resto da frase terminou quando ele arrancou sua blusa, desnudando seu corpo. Aqueles mamilos de cor rosa eram magníficos. Ele ofegou profundamente.

— Não se mova!

Ele lentamente foi até a porta e a trancou.

— Tome isto.

O resto da roupa caiu no chão com um pequeno som.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Como ela era bonita. Alta e forte, curvas sexys e sabia o que queria.

— Eu quero você de joelhos — ele disse super excitado. Seu corpo flamejando, desesperado para gozar.

Dragana levantou seu queixo. Aqueles olhos! Como luzes azuis.

— O que está esperando?

Ela se derreteu quando ele a carregou e não parou até colocá-la na cama. Ele estava muito confiante que ela se renderia facilmente. Dragana rolou e saiu da cama.

— Poxa! — ela disse, parecendo indignada. — Você acha que sou tão fácil assim?

Cristoval estava certo que seu corpo estava prestes a explodir. Ele arranhou suas calças apertadas, tirando-as rapidamente. Todo seu foco estava na mulher e na confrontação que esperava por ele.

Ele nunca estivera tão ligado a alguém.

Não seria aquele seu melhor momento, enganando-o deste modo. Embora não fosse sua pretensão. Ela queria passar a noite com ele, à sua maneira. Ela estava concretizando algo muito importante com Cristoval. Doeria muito quando partisse. E ela partiria. Não havia dúvida disso.

Ele parecia tão entregue e pronto, excitado até, algo que ela nunca veria num *lycan* normal. Fazia com se sentisse mal. Ele a forçava a se importar, claro, e ela se concentrava em seu corpo.

— E? — ela perguntou, provocando. Como ela amava ver aquele fogo em seus olhos escuros! E ele estava lá por ela.

Dragana tentou não gemer como uma garotinha quando Cristoval investisse contra dela. Com os dentes friccionados, ela evitou seus braços — aquele sujeito realmente tinha um pênis do tamanho de uma bazuca — circulando a cama para insultá-lo. Ela sorriu.

— Você quer uma rapidinha, só isso, certo?

Sua cara se tornou séria. Ele não estava brincando mais.

Maldição era ótimo estar viva!

Com uma risada zombeteira, ela afastou sua mão, mas não pôde afastar a mão dele de sua perna. Ele pegou um de seus joelhos.

— Venha aqui — ele rosnou. Ele a trouxe para perto do seu corpo. Usou seu corpo para trazê-la ao colchão, ficando por cima dela. Ele a beijou. Um beijo rápido e exigente.

— Você ficará aqui mesmo.

— Faça-me ficar.

Nada como gotas de óleo em um fogo furioso.

Atirando um rápido e pequeno soco no seu intestino, pegou seus pulsos e ele a empurrou para longe, ajoelhando-se em um canto da cama, braços armados e prontos para lutar. Ela notou que seu pulso ferido começara a sangrar novamente e forçou-se a não olhar o tratamento que ele recebera nas mãos do Conclave para não acabar com seu humor. Tudo que ela queria agora era ser como Cristoval, dar prazer a ele, apreciar seu corpo e se divertir imaginando que ele a fazia sua. O resto podia esperar. Isso tudo estaria lá esperando de qualquer maneira. Sua vida não estava indo a lugar nenhum.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Eu estou falando sério, Dragana — Cristoval disse. Ele se sentou e fingiu estudar seu pulso ferido. Mas ela podia ver sua ereção, sua mandíbula inchando. — Você vai ficar aqui comigo.

Para descontraí-la, Dragana soltou sua marca registrada: sua risada deselegante. Se isso não o fizesse afastar-se dela, então nada o faria. Ele a encarou fixamente, umedecendo seus lábios com a ponta da língua. Sensual com o inferno.

— O que você afinal quer comigo?! — ela replicou. — Eu não beijo bem, possuo um volter feito sob encomenda chamado Peanut. Sou uma completa vadia!

— Você ainda não descobriu? — Suas sobranceiras se curvaram de um modo que ela gostou.

— Eu não perguntaria caso soubesse, Cristoval. Eu não faço jogos. Mentiroso!

— Porque você é dura — Cristoval respondeu, levantando-se ele mesmo sobre seus joelhos, como um predador se preparando para o ataque. — Porque você é esperta. — Ele alargou seus joelhos. Com seu lustroso pênis doce e duro, pendurando-se acima de suas coxas. Ela não gostaria de nada além de chupar aquele pênis a noite toda. — E porque você possui um volter feito sob encomenda chamado Peanut.

Apesar dos alarmes de advertência surgindo quando aquele *lycan* estava para saltar nela, Dragana só queria aproveitar e esquecer tudo. E seguir o coração.

Ele não mencionou seus olhares ou a beleza de sua atitude e sua generosidade. Não. Por que merda ela não podia tê-lo encontrado antes? Liberty tentara tantas vezes achar um homem para ela. E quando todos falharam, ela tentou achar uma garota, porque achava que Dragana era lésbica, por enviar todos os seus pretendentes para casa chorando para suas mães. Pobre Liberty. Era apenas meninos carentes, a maior parte deles. Ela queria um homem, um grande. Um sujeito independente capaz de resolver suas coisas por conta própria, que não se importasse com o que ela fazia. Ela não era nenhuma senhorita, e ela sabia que não era o tipo de mulher que viveria para atender as necessidades de um homem. De fato ela não estava preparada para um casamento convencional, nem hoje nem nunca. O que aqueles homens queriam dela? Só Solomon e sua equipe tinham saboreado sua refeição de repolho e salsicha, receita que pertencia à sua família havia gerações. Seu pai sabia preparar. Ivan também. Liberty estaria contente por saber que Dragana finalmente conhecera um homem de que honestamente gostava. Um amigo e amante. E ela iria deixá-lo. Ótimo, contagem regressiva. Perfeito!

Ela grunhiu quando Cristoval de repente a agarrou pelo antebraço, trazendo seu corpo para junto do dele, assim ele a teria à sua disposição. Seu peso e calor produziram uma excitação deliciosa em sua barriga. Merda, ela se distraiu! Só por um segundo.

Ele falou em sua orelha.

— Então acha que essa vida não é para você. Sobre o que você estava pensando?

Ela não podia dizer-lhe que tinha considerado isto, viver aqui, até cozinhar para ele, Cristo! Ela quis encolher os ombros, mas não podia mover-se.

— Nada importante.

— Humm, deixe-me mudar isso.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Cristoval a trouxe de forma mais íntima, assim podia apertar seu membro contra o alvo. Sem parar, friccionou a ponta de seu pênis, apertando-o contra sua vagina. Merda, ele era quente e duro! Ela teria entrado dentro dele, mas não podia se mover de que qualquer forma. Ele realmente merecia uns tapas!

Ela suspirou de frustração, tentou novamente.

— Argh, você é um tirano!

— O quê? — ele sussurrou, beliscado lóbulo de sua orelha. — Você está dizendo que você não me quer dentro de você? Você não quer que eu faça amor com você aqui mesmo, agora mesmo?

— Fazer amor, blá, blá!

Cristoval empurrou seus quadris adiante, o pênis contra seu sexo, mas não a penetrou.

— Fazer amor, não? Humm? Foder? Está melhor?

— Muito melhor — ela rosnou, com outra tentativa fútil de fazê-lo entrar. — Não é isso que se faz.

Cristoval agarrou sua outra mão, que ela usava como âncora para se levantar acima do colchão, e logo estava segurando ambas atrás de suas costas, com uma só mão. Algemandando sua carne.

— Fazer o quê?

Ela podia senti-lo, muito mais além do que o prazer. Sua glândula parecia lisa contra sua carne, que pulsou. Só algumas polegadas seriam suficientes para levá-lo para dentro. Seus fluidos cobriram a ambos. Ele devia saber o efeito que estava causando. Maldição. Outro empurrão impotente.

— Agüente.

— Eu disse que queria você de quatro, não é?

— E você acha que eu vou me ajoelhar pra você? Espere sentado!

— Eu não espero.

Deus!

Seu corpo parecia ferver. Ela se contorceu, curvando-se e chutando, quase deslocando um ombro quando Cristoval juntou seus dois pulsos com uma mão e a virou, deixando-a de quatro. Totalmente exposta, sua vagina e seu ânus. Deliciosamente exposta.

Com a respiração pesada anunciado o contato iminente, ela grunhiu quando ele mordeu seu ombro. Depois que ele forçou um joelho entre sua perna, sua outra mão invadiu sua entrada, roçando de cima para abaixo, fazendo pequenos círculos. Ela gritou ruidosamente.

— O que disse?

Então, ela gritou mais alto. Ele conteve seus gemidos com gestos vigorosos. Os dedos, ao mesmo tempo gentis e inflexíveis, acharam seu clitóris e forçaram o ponto em intervalos repetidos. Ele não iria receber seu prazer. Ele iria tomá-lo.

Cristoval rosnou profundamente, deslizou a mão debaixo dela e a levantou com a força de seus bíceps, para posicionar seu corpo. Ela podia senti-lo se acoplando entre



PÉGASUS LANÇAMENTOS

suas pernas. Seus músculos, seu braço liso. Ela não teve nenhuma escolha a não ser curvar-se a ele. Com movimentos ondeantes, ele trouxe seu pênis para mais perto de sua vagina e a esfregou, esfregou. Mais intimamente. Seu membro parecia mais duro e espesso e a encheria perfeitamente quando entrasse nela. Droga!

— Vamos! — ela pediu, choramingando quando ele rolou os quadris. Que merda!

Então, uma punhalada rápida a assaltou, junto à sua vulva. Um sacudir a balançou. Ela estava quase gozando! A onda retrocedeu, temporariamente.

— Vamos!

Cristoval endireitou-se atrás dela. Um *lycan*, um homem-deus acima de um ser suplicante. Com um gemido longo, ela esperou alcançar um êxtase ofuscante. Para ele.

Então ele a tomou. Respondeu a todo seu apelo e exigiu, comandou e esperou. Ele a encheu e a estirou. Uma penetração que alcançou o fim de seu canal e sua alma. Ela a clamou. Longo e duro.

Eles entraram na dança mais antiga. Uma libertação dupla. Cristoval a puxou de volta para apunhalá-la novamente, uma punhalada que produziu um crescente gemido que ela não sabia possuir. Fúria e prazer misturado. A cama balançada devido ao seu ataque. E como ela amou cada segundo disto!

— Isso! — ela choramingou, repetiu e repetiu, até que fosse tudo que ela podia dizer. Gemeu, rosnou, chorou. — Isso! Sim! Sim! Faça a dor ir embora.

Cristoval empurrou, retrocedeu, tempestuosamente, dentro dela. Ele ainda apertava seus pulsos com uma força de ferro, levantando-a, enquanto ele mantinha o braço ao redor sua cintura, puxando suas costas contra sua barriga para ter mais penetrações fortes. Os joelhos dela deixaram o colchão. Suas bolas bateram contra o clitóris dela, estimulando, excitando. Ele estava batendo contra ela agora. Duro. Rápido.

Oh, Deus!

— Sim!

Dragana rosnou uma imprecisão quando Cristoval se debruçou completamente para traz e estalou sua força, até que ele deitou de repente, ainda prendendo seus punhos.

— Se sente em mim — ele rosnou. — Me foda você mesma!

Incapaz de usar as mãos, ela torceu o corpo e arrastou-se com os pés, para se posicionar no ângulo certo para encaixar-se nele. Ela não se importou quando seu corpo entrou totalmente dentro do dela, quando seu pênis se estirou e ficou impossivelmente maior que o ardor de seu ânus e além do seu corpo. Ela quis daquele jeito. Ser preenchida por Cristoval Vonatos até não existir mais nada do que isto.

Apesar de sentar-se nele, ele conseguiu controlá-la pressionado para cima com força e fibra surpreendente. Ela mordeu o lábio inferior forte o suficiente para saborear sangue. Seu orgasmo chegou, acompanhado por mais outro, bem grande. Ela viu estrelas acima dela. Levando-a junto com aquela dança louca. Seu clímax rasgou-a.

Seu gemido encheu o quarto, combinado com o dele. Juntos, eles gozaram.

Como um raio em seu crânio, a batida do coração pareceu combinar com a explosão de seu orgasmo, então, diminuiu a velocidade até que ela pôde respirar normalmente de novo. Cristoval soltou seus pulsos e então os massageou para fazer a circulação voltar.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ela não se importou. Ela se acomodou sobre dele, meio sentada, suada e ofegante, molhada com seu esperma, com o membro dele ainda dentro dela: embainhada e segura, preenchida e confortável, e ela não estava indo a lugar nenhum. Não durante algum tempo, de qualquer maneira.

— Fique comigo — ele sussurrou. — Fique aqui comigo.

Quando ela girou para vê-lo, Dragana viu que ele tinha alcançado seu objetivo, um sorriso surgindo em sua boca gloriosa. Tão bonito e carnal.

— Shh — ela respondeu. Não soube o que dizer. Lágrimas se formaram em seus olhos.

Com uma mão, ele arrancou as cobertas molhadas de um canto e levantou os quadris com ela ainda sentada nele, assim ele poderia ter o fino lençol sob suas pernas.

— Venha aqui. Sua voz era crua e espessa.

Dragana rolou seus quadris para deixá-lo ir. Uma vez que se posicionou ao seu lado, ele passou um braço sobre seu corpo. Ela voltou a encará-lo. Pela primeira vez desde que ela o encontrara, seus olhos não pareceram assombrados. Uma nova vida faiscava no tom de obsidiana. Por causa dela? Ela não quis pensar sobre como ele a olharia pela manhã. Não depois do que ela planejou fazer. Uma dor espalhou-se por seu corpo.

Deve ter mostrado sua angústia em seu rosto para ele pegar seus pulsos e beijá-los.

— Não pense.

Tão perceptivo. — Eu não posso.

— Apenas por agora...

Ela podia fazer isto? Esquecer sua vingança contra o Conclave e seus capangas? Esquecer a morte vazia de Ivan? Esqueça o buraco em seu peito que Cristoval estava pronto a encher se ela deixasse?

— É tudo que eu sou, Cristoval.

— Isso não é verdade. Talvez fosse uma vez, mas não é mais.

Ela suspirou, baixando a cabeça, assim ele não veria as lágrimas acumulando.

— Não podemos somente ter um tempo juntos e deixar o resto para... mais tarde?

Ele não respondeu durante algum tempo, suficiente para Dragana pensar que ele adormecera. Sua voz era carregada e aflita, quando ele falou.

— Você se medica a si mesma com sexo, Dragana. Você está usando isso para manter-se afastada da dor. Não é uma repreensão. Só uma declaração. Eu preciso de sexo também.

— E isto está errado?

— Está errado quando você sabe como o outro sente.

— E como você sente?

Por favor, não responda.

— Você sabe que eu a amo — ele murmurou. — Você soube desde o princípio.

Ela soube.



Capítulo Oito

Dragana calculou que tinha menos de oito horas, a partir do momento que Cristoval dormiu, para conseguir entrar em contato com Solomon, alcançar a superfície e obter algum equipamento. Muito equipamento. Equipamentos grandes. Então, ela faria a última parte da sua jornada. Sozinha. Sem necessidade de ter outros envolvidos em seus negócios. Ela precisava de uma aeronave também, um transportador e lançador de granadas para sua festa de boas-vindas. Ainda precisava de níquel e volters sobressalentes, algo que carregasse uma infra-estrutura a grandes profundidades. O mais importante, ela precisava manter alguns volters para atirar em Killen. Ela começaria sua jornada.

Cristoval roncou suavemente. Ela queria ficar e se aquecer em seu calor. Ela se odiou tanto como apreciou estar próxima a ele. Enganando-o daquele modo não seria seu momento mais feliz. Ela quis dizer muitas coisas, queria enchê-lo de beijos. Apreciou esta última vez com ele e manteve isto em seu coração. Porque mesmo que quisesse ficar com Cristoval Vonatos e construir algo — qualquer coisa — com ele, ela queria mais sua vingança. Ela não podia abandoná-la. Ela não podia esquecer perdoar ou desistir. Ela tinha que fazê-los pagar. Todos eles. Qualquer um que permanecesse em seu caminho. Ele entenderia com o tempo. Ele poderia odiá-la, mas ela não estaria ao lado dele para sofrer com isso.

Você se tornou uma puta chorona, mulher.

A mais pura verdade. Ela sentiu uma onda de náusea ao pensar que Cristoval descobriria seus planos. Tinha que sair dali e começar sua caçada. Ela contataria Solomon primeiro. Ele entenderia. Ele conseguiria as armas que ela precisava. Talvez a cadela da Eva até contribuísse com algo, visto que uma pessoa limitada como ela, não perceberia que Dragana sobreviveria com suas habilidades. Ivan estava morto em parte por causa de Eva.

Era melhor se apressar.

Ela não podia viver com a decepção assombrada do olhar Cristoval. Teria sido muito mais simples se ele tivesse sido um merda qualquer. Tudo teria sido mais fácil daquele modo.

Ela fechou a porta do quarto só para notar uma bandeja de alimentos no chão e dois pares de botas militares. Ela devia estar com fome. Não comeria durante quase um dia. Mas ela não conseguia sentir nada. Nada. Que porra aqueles cientistas loucos haviam feito para ela? Mas as botas pareceram divinas ao serem postas nelas. Sem um ajuste perfeito, mas boas o suficiente. Ela ajustou o macacão. Precisava de roupas, droga.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Roupas reais. Brim e couro. Ela preferia andar com estilo, não vestida como um trabalhador das docas. Suas mãos coçaram por segurar Peanut, seu volter feito sob encomenda, feito com titânio e liga de tungstênio prateado. Ela podia torrar os desgraçados do Conclave com duzentos tiros por segundo com aquele bebê.

— Sua comida está fria agora — uma voz jovem disse atrás dela.

Dragana congelou. Sua mão ficou imóvel na alavanca.

— Você não devia se mover furtivamente perto de mim. Nunca.

— Está bem — Ásia continuou, caminhando ao redor de Dragana, debruçando o ombro na parede. — Eu cheguei aqui primeiro.

Se existia um comentário pesado, tinha que ser aquele.

— O quê? Você está com ciúmes?

Ásia fez careta, mexeu seu nariz longo e estreito.

— Ah, você quer dizer...? Os homens mais velhos não são a minha, se é disso que você quis dizer.

Cristoval, um homem velho? Com trinta e cinco, trinta e seis? Ela quis rir, mas conteve-se. Não podia dar aquele tipo de satisfação àquela tonta.

— Eu preciso entrar em contato com Solomon. Você sabe como?

— Você está partindo?

— Durante algum tempo, sim.

Ásia cruzou seus braços.

— Bem, venha comigo.

Dragana seguiu a insolente corredor abaixo, que ia de encontro à estação de transferência principal. Algumas pessoas a observaram, chateadas.

— Este lugar é diferente — ela observou, realmente não procurando por respostas. Ela não se importou se eles pintassem as paredes de rosa, ou com qualquer outra coisa que fizessem.

Ásia encolheu os ombros.

— As coisas são diferentes agora. A guerra está terminada, a GAN não nos domina mais. Não há mais correria. — Lá — ela apontou para uma barraca em um canto, com uma cadeira de plástico dobrável para adicionar uma sensação extra de luxo. Dragana agitou a cabeça e resmungou enquanto caminhava. Ela tentou número de Solomon, mas não conseguiu.

— Ei, o que está de errado com seu número?

Uma mão estreita apareceu debaixo de seu nariz, segurando um papel com um número de telefone escrito. — linha privada da Eva.

Ao escutar aquele nome, se sentiu nauseada.

— Obrigada — Dragana murmurou. E discou o número com força. A tela minúscula, suja, piscou, e o rosto de Solomon apareceu em azul e verde. Seu cabelo louro escuro, num estado total de caos. Obviamente, ela o acordara. Ele parecia irado.

— Que porra é essa?! — Ele xingou, olhou para seu vídeo, e sua fisionomia se tornou incrédula.

— Dragana — ele conseguir dizer, depois de um longo tempo.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Você está com uma cara péssima também, no caso de você dizer algo do gênero.

— Dragana?

Ela nunca vira esta expressão nele. Confusão. Choque. Sentindo-se tímida por razões evidentes, ela pôs uma mecha do cabelo por traz da orelha e ergueu a cabeça.

— Sim. Nós precisamos conversar. Venha me tirar daqui.

— Em que inferno você se meteu? — Ele moveu o pescoço para o que havia atrás dela. — Está com Ásia?

Lágrimas encheram seus olhos. Porra, Porra, Porra. Ela não o deixaria ver isso.

— Olhe, só venha me buscar, certo? Eu estarei na superfície, na entrada do metrô velho.

Solomon, o homem com quem ela teria seguido para o inferno com um sorriso no rosto, apimentando os demônios durante o percurso. Se ele pedisse.

— Eu estarei lá. Me espere.

Ela não voltou a olhar para Ásia nem para as pessoas ali presentes. Não se importava com que os outros pensassem, era uma múmia caminhando. Sim, Dragana Bjelic era um cadáver andante. A cadela que lutaria no inferno, se fosse preciso. Ela teria achado essas considerações engraçadas. Em outra vida, ela teria rido. Não mais.

Meia hora depois, um céu listrado de marrom, um amanhecer nublado que cheirava a mofo a saudaram quando ela alcançou a superfície. De repente, o som de seu voltar apitou, ela congelou, a mensagem dizia: volters sendo carregados. Sinal de advertência aceito. Ela seguiu as instruções de sua máquina, quando escutou:

— Quem diabos é você? — a voz de Solomon soou de algum lugar.

O Solomon que ela conhecera chegaria perto dela para investigar e mostrar como se chuta uma porta, para depois exigir respostas. Porém, este não se moveu e ficou a observá-la. Muito tempo perdido, para um espião.

— Dragana Bjelic, sua última atiradora, oh, há sete anos. Eu sou tão fácil esquecer?

— Eu a vi receber meia dúzia de tiros — ele replicou. Sua voz soou tensa. — Eu sou a pessoa que a viu morrer. Dragana está morta. — Solomon estava armado, posicionando-se para atirar, ambos os volters voltados para nela. Ele vestia seu casaco grande e estava com seu cinto de utilidades, que possuía várias quantidades de granadas e outras armas penduradas, escondidas em sua roupa. — Se você me conhece, então você sabe onde eu atiraria, se você fosse minha mira. Então, vou perguntar novamente, quem porra é você?

— Você atiraria nas pernas, para me mostrar o quanto sou incompetente para meus comparsas. Você sente muito mais prazer em me baleiar e me deixar sangrando, do que em matar rapidamente — Dragana grunhiu. — É bom ver você novamente, seu velho homem amuado.

Os canos do volters oscilaram para baixo durante um segundo. Ele olhou fixamente para ela com os olhos estreitados e quando ele deslizou as armas para seus respectivos lugares, ela finalmente respirou fundo. Morrer não a aborreceria. Mas ela tinha que ajustar suas contas com Killen.

— Onde está sua pequena sombra?



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Solomon franziu o rosto com raiva.

— Eu poderia estar contente por ver você novamente, Dragana, mas controle sua boca quando falar sobre Eva, certo?

Ele pareceu completamente chocado quando ela encolheu os ombros e pôs as mãos dentro dos bolsos, deixando-o ter a última palavra. Ou pensar que tinha!

Administrando um sorriso, Dragana levantou sua cabeça.

— Então, nós vamos ficar aqui a noite toda?

— Saí de casa nesse tempo frio e você reclama sobre meus modos? — Ele grunhiu alto, chegou mais perto e bateu em seus ombros. — Homem, é bom ver você novamente. Todo mundo lá é muito politicamente correto.

— Eu preciso de um favor. Um bem grande — Dragana disse.

— E eu preciso de uma cerveja. Uma bem grande.

— Eu pensei que você tinha deixado disso.

Um tique nervoso percorreu sua mandíbula.

— E eu deixei.

Ele a escoltou para o veículo, deixou suas coisas sobre a parte traseira. Depois, entrou dentro dele. Ela estava tão fria. Ela sempre fora fria, por dentro daquela armadura. Ela tremeu. Realmente, ela não foi sempre fria. Quando estava com Cristoval era quente. Divertida e quente. Ela deixou isso para trás. Que desperdício.

Solomon se sentou no solitário banco do motorista. Uma mensagem piscava no painel. Ele a ignorou. E começou a ranger os dentes. Com os nervos à flor da pele. Solomon reacendeu um pouco a vida em seu espírito. Ela sentira falta disto.

— Em que inferno você esteve? Como... — ele agitou sua cabeça. — Eles disseram que você estava morta. Eva e Liberty confirmaram isso depois.

Dragana pôs as mãos para cima.

— É a vida, meu bom homem. Necessidade. Conhecimento. E eu não estou morta.

— Você estava morta. — Ele sempre foi teimoso.

— Eu estive morta, Solomon — Dragana rebateu. Como ela podia dizer aquilo sem parecer melodramático? — De alguma forma, o Conclave conseguiu pegar meu corpo. Killen me ressuscitou. Um pouco de crioterapia. Eu não sei. E não me importo, de qualquer forma. Cristoval e eu escapamos apenas ontem à noite.

— Vonatos estava com você?

— Ele está no subterrâneo agora. Ásia está lá com ele.

Solomon agitou a cabeça, claramente incapaz de fazer o cérebro trabalhar.

— Então, ele está vivo, aliás, vocês estão, e Killen teve vocês dois todo este tempo? — Ele se agitou em sua cadeira, juntado seu cabelo e, então, mordendo seus lábios. — Porra! Esse tempo todo nós ficamos discutindo e esperando qualquer mancada daqueles cretinos. Eles estavam nos usando e fazendo desperdiçarmos um grande tempo, e o Conclave com você dois? A GAN tinha que saber disto. Eles tinham que saber.

— Tem feito muito sexo sem tirar as calças, é? — falou divertida. Sentiu-se voltando aos velhos tempos. Mas não funcionou. — Eu estou seguindo eles. Killen. Iron Conclave. Todos eles.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Dizer isto soou bem. Todos eles. Ela estava seguindo todos eles. Aqueles malditos.

Ela movimentou a cabeça quando a expressão de Solomon se tornou ameaçadora.

— Eu não gosto de ser fodido com minhas calças postas.

— Eu não posso fazer tudo isso só. Assim, eu precisarei de armas de fogo. Muitas delas.

— Não — ele respondeu, puxando o volante para ele. A luz ainda piscava e ela se chateou. Por que ele não recebia aquela maldita mensagem de uma vez?

— Nós precisaremos de armas de fogo e muitas.

— Não somos um time.

Ele girou a cabeça na direção dela. Aquele olhar a silenciou.

— Eles foderam com os *lycans* que sobraram, Dragana. Você não está indo lá sozinha para ser morta.

— Morrer novamente, você quer dizer?

— Você não está indo só. Ponto final.

Embora uma parte dela estivesse vibrando com a perspectiva de trabalharem em equipe, o coração de Dragana se lamentou. Ela não queria companhia. Isto deveria ser seu momento final, seu último. Ela queria fazer isto sozinha, sem ninguém ao seu lado.

Ela não esperou que Solomon saltasse de seu pequeno vagão. Com o coração pesado, ela percebeu que teria que usá-lo para depois abandoná-lo. Um velho amigo. Um chefe que ela respeitou. Um *lycan* que ela temeu. A única coisa que a assustou foi que Solomon havia mudado. Das três vezes em que Dex Solomon mudou, não esteve presente em seu despertar. Ela não podia controlá-lo sozinha e, até onde ela sabia ninguém mais podia fazê-lo.

— Espero você no estabelecimento — ele disse.

Ela se sentiu uma merda. Assim como Cristoval, ela pretendia trair Solomon, aquela era sua guerra, as coisas seriam feitas do seu jeito.

— Então — Solomon perguntou. — Onde Killen manteve você? Quero saber quantos cliques eu devia trazer.

* * * * *

— O quê?!

— Ela partiu isto é tudo que eu sei. Eu não sou sua mãe. — Ásia cruzou os braços e o fitou. A última palavra soou como um insulto.

— Você não me despertou? — Cristoval exigiu. — Você a deixou partir?

— Por que a impediria? Porque discutiria com ela? Para depois vocês se agarrarem novamente? Todo mundo podia ouvir vocês. Não foi algo agradável de se escutar.

— O que eu faço em minha cama não é da sua conta — ele rosou, respirando fundo. — Onde ela está agora?

— Ela contatou Solomon antes de partir. Eu presumo que ela foi com ele.

— Quando foi isto?

Ela verificou seu relógio, encolheu os ombros. — Mais ou menos há três horas.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Três horas! — Ele respirou fundo novamente, antes de dizer algo que ele lamentaria. A sensação era que seu mundo estava desmoronando, empurrando a sua besta mais íntima para a superfície. Suas gengivas doíam como se estivessem unidas. Ele apertou o dispositivo de seu voltar amarrado à correia em sua cintura e o equipamento gritou em protesto.

Tranquilo. Tranquilo. Tranquilo. O mantra não parecia ajudá-lo em nada naquele momento, a ele, o mestre em autodisciplina.

— Onde todo mundo está? — ele perguntou, para mudar de assunto e aliviar a tensão que se desenvolvia entre eles. Ele gostava de Ásia profundamente e não quis atirar suas frustrações nela, que não tinha nada a ver com aquilo.

— Dificilmente encontrará uma alma aqui — Ásia não encarou seu olhar.

Um desânimo invadiu seu estômago.

— Onde estão eles?

— Partindo. Para a superfície, para viver com eles.

— Sendo eles humanos com DNA normal, sem nenhuma parte de bioengenharia dentro deles, não é engraçado isto.

Cristoval não quis que ela visse a decepção em seus olhos. Ela não merecia. Como uma guerra podia ser facilmente esquecida? Em nome de uma nova liberdade? Será que ela realmente existia?

— As coisas mudaram muito drasticamente? Eu estive ausente só por alguns meses.

— Solomon e Al têm grandes nomes ao seu lado, gente aliada à mídia. Eu nunca os encontrei, mas eles organizaram muitas coisas. Os contatos de Eva organizaram outras coisas. Então, de repente, nos tornamos uma família ultra, mega feliz.

A torrente de palavras desmentiu o tormento que sua alma sentia. O lar subterrâneo que ele construía para eles durante anos de sacrifício e trabalho perigoso, fora abandonado.

— E você ainda ficou.

Ela movimentou a cabeça.

— Alguém tinha que ficar por aqui. — Lágrimas encheram seus olhos. — Só Allan, Juliano e seus povos, as irmãs de Batista e Smiley ficaram. Todo o resto quer parar de trabalhar e foi viver em um cubículo fornecido pela GAN.

— Haruto ficou? — Cristoval nunca gostou de Haruto — ou Smiley, ironicamente apelidado por Ásia. Ele teria que confrontá-lo sobre certos rumores que flutuavam sobre seu despertar. A resistência sobreviveu porque Cristoval tinha uma organização familiar, estabelecendo um conjunto de metas comuns, ambas as quais Smiley regularmente transgredia ou desconsiderava.

— Sim. Allan faz o que pôde, mas eu precisei de Smiley para certas obrigações.

Ela precisava. Muitas responsabilidades para uma pessoa tão jovem. Ele embrulhou um braço ao redor dos seus ombros, beijou o topo de sua cabeça.

— Depois de acharmos Dragana, você e Allan deviam morar juntos. As coisas acontecem.

— Claro, vamos explodir tudo, ou matar um ao outro antes disso.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ela sempre tenha um jeito peculiar com as palavras.

— Algo assim.

Pensar sobre Dragana o enfureceu, mas Cristoval se controlou a guisa de muita força. Além do que ele não queria dizer algo de errado para a única pessoa, uma criança, que acreditou nele o suficiente para convencer outros a ficarem quando teria sido mais fácil ir. De qualquer forma, todo mundo tinha partido. Ele não podia culpá-los realmente, ainda que uma pequena parte dele o fizesse.

— Eu contatarei Solomon, verei o que ele diz.

Ela puxou seu decodificador portátil. Ele o tomou dela e estava para esmurrar os números que ela lhe indicou, quando a coisa apitou. Ele apertou o botão. A primeira coisa que viu quando a tela minúscula se sacudiu foi o cabelo vermelho inflamado de Eva, ainda assimetricamente cortado.

— Saia daí! Ela rosnou na tela. — Saia daí agora. Eles sabem que você está aí.

— O quê? Eles sabem? Quem são eles?

Oh, meu Deus!

Eva amaldiçoou, girando sua cabeça lateralmente, como se estivesse tentando decifrar uma caligrafia particularmente ruim.

— Eu disse para sair agora, eles estão vindo. O Conclave.

Cristoval não precisou de uma terceira mensagem para perceber o que estava acontecendo. O Conclave o achara novamente, logo quando ele tinha voltado para sua casa subterrânea. Todos estes anos, ninguém a não ser seus homens sabiam onde era seu lar, apesar do suborno, espionagem, tentativas de infiltração ou busca ao longo do sistema do velho metrô. Mas, com a segurança negligente que pareceu ter se instalado durante sua ausência, a GAN provavelmente infiltrara-se e mapeara o local inteiro.

Ele devia saber que voltar a seu lar era um clássico erro. Ele realmente não tinha pensado nisso. Não tinha pensado mesmo. Ele só queria estar com Dragana e esquecer o resto. Pela primeira vez em sua vida ele pensou sobre sua própria felicidade sem medir as conseqüências. Ele basicamente dera a chave de sua casa ao inimigo. Tudo pelo afeto de uma mulher, uma mulher intransigente e amarga que não o quis de volta.

Que babaca você foi.

O quão burro e inconseqüente ele se sentiu. Se um milagre acontecesse e ele saísse vivo daquela situação, jurou que teria uma conversa dura com Dragana, quando a encontrasse.

— Onde está Solomon? — ele perguntou, agarrando Ásia por uma manga e a carregando enquanto andava.

— O quê? — ela rosnou, puxada pela manga. — Ei!

— Onde? — Ele exigiu ruidosamente. Todo segundo era contado.

— Eu estou tentando localizá-lo, sem sorte — Eva respondeu. Ela parecia estar fazendo qualquer outra coisa diferente de usar um decodificador. Ele ouviu empurrões que vinham ao fundo de onde ela estava e percebeu que ela estava dentro de uma aeronave. — Eu esperarei por você onde nós nos encontramos pela primeira vez. Certo?



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Seus olhos purpúreos quimicamente realçados pareciam com algo doce e duro quando ela o encarou, esperando a resposta. Os decodificadores provavelmente estavam sendo rastreados. Eles se encontraram em uma Base abandonada da GAN nos subúrbios de Seul, na noite em que seu irmão trouxe sua equipe de volta a Terra para enfrentar os mercenários da GAN.

Apenas Cristoval conhecia aquela base, a família inteira de Vonatos dependia fortemente de informantes, cada um por suas próprias razões.

Cristoval e seus combatentes tinham ficado à espera. Reyes foi morto naquela noite. Deveria ter lamentado sua morte, mas nunca houve amor entre eles. Cristoval estava feliz porque sua mãe nunca soube o que aconteceu com os homens de sua vida. Um marido que assassinava políticos, um filho que construiu e liderou um movimento de resistência, e outro que era um espião e conspirador, que assassinava seus opositores durante o sono.

— Nós estaremos lá.

Seu rosto estava furioso. Tanto que ele preferiu economizar palavras. Dragana nunca falava desnecessariamente. Em outras situações, ele poderia usar mais que um volter. Mas, que merda! Onde estava Dragana?

— Nós temos que partir!

Eles começaram a correr.

Quando se juntaram aos poucos lutadores no caminho, eles se direcionaram para uma entrada pouco conhecida. Os detectores dos volters apitaram, forçando-os a seguir outra direção. Os sons secos de explosões os alcançaram. O cheiro de pó e fumaça chegou às suas narinas.

— Aqui! — Cristoval rosnou, enquanto movimentava um ferro antigo que os levaria a um estreito túnel abandonado. Esse túnel era muito perigoso, construído no século vinte, cheio de carcaças de trens abandonados. Mas pior era ficar onde estavam. As operações do Conclave fizeram com que a segurança da GAN parecesse um castelo de areia prestes a ser derrubado pelas ondas do mar.

Na primeira curva, viu Haruto — obviamente ele achara um modo de entrar no túnel abandonado sem usar a passagem secreta que Cristoval abriu. Calmamente, ele esperava por eles, uma pilha de corpos fardados deitados a seus pés. Seu traje preto de polímero refletia a luz como se contivesse estrelas. Ele acenou para eles continuarem enquanto ele permanecia de guarda, indo em direção ao resto do subterrâneo, nenhuma expressão em seu rosto. Os óculos de proteção sempre presentes refletiam a tensão em seus rostos tentando escapar dos perseguidores, que vinham logo atrás.

Cristoval jogou ao homem um olhar fugaz antes de correr para baixo do estreito túnel. O túnel parecia um fosso abandonado. Com cerâmicas trincadas e vigas rachadas.

— Lá! Vão!

A dúzia de almas ao seu lado se apressava. Ásia e Allan vinham na retaguarda. Um volter que parecia muito grande para a mão dela cintilou. Nenhuma criança devia ter que agüentar aquela arma nos braços.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

As paredes estavam próximas demais para permitir a passagem. Talvez Smiley ficasse na retaguarda para conduzir seu inimigo a eles. Uma armadilha. Talvez ele estivesse acusando Haruto de algo que ele não fizera. Ele nunca saberia. Se Haruto forneceu as informações para o Conclave durante a ausência de Cristoval, não existia muita coisa a fazer sobre isso agora. Ele odiava estar de mãos atadas. Porra! Ninguém sabia que característica genética marcava Haruto, uma monstruosidade aos olhos da lei, só que ele podia enxergar tanto na luz como na escuridão. E que ele nunca usava seus óculos de proteção. Nunca.

Outra explosão fez alguns azulejos cerâmicos velhos trincarem. Alguém clamou.

— Eles estão mais próximos!

Ásia.

Um flash brilhante o fez se ajoelhar e encostar as mãos em seus olhos.

Então a dor o invadiu. Ele ouviu gritos. Uma fêmea falava. Era Ásia.

Muitos estímulos. Suas gengivas e dentes começaram de repente a mastigar e estalar, suas órbitas oculares parecendo muito pequenas. Fogo corria em suas juntas, de tantas formas que ele soltou a arma de fogo, que zumbiu como o estrondo do trovão em suas orelhas. Os espasmos violentamente o atingiram, ele se curvou, suas costelas doloridas queriam explodir uma a uma. Sua visão se tornou mais nítida, juntamente com os outros sentidos, especialmente o olfato. Ele cheirou o medo. Ao seu redor. A maioria dos complexos processos mentais eram difíceis de dominar e Cristoval sentiu sua mudança em relação ao mundo — uma loucura cinzenta, uma violência monocromática cinzenta. O *lycan* nele uivou contra o mundo.

Ele estava mudando de forma.

Ele sentia uma presença. Então, outra e outra. O trovão estourou e expandiu-se. Ele deu coices, cheirando o ambiente. Cebolas, cigarro, malignidade. Inimigo. Enquanto ele agarrava com uma mão uma forma humana pelo ombro, cortava com a outra o ser, rasgando a garganta do inimigo fora. Líquidos mornos escoavam entre seus dedos. Ele deixou o corpo cair, continuando a se mover. Outro ser veio atrás dele. Ele descartou-se deles tão rápido quanto podia. Com suas garras, com sua ira. Eles o fizeram um monstro. Ele mostraria a eles o que era! Tinha que se mover. Para frente. Em direção à luz. Eles o seguiam, contavam com ele, precisaram dele. Uma luz ardente apunhalava seu cérebro. Ele estava lá. Mais um trovão. Mais alto desta vez. Movimentos, cheiros, sabores. De cinzas e sangue. Algo pegou seu pulso, o puxou tão fortemente que ele caiu de joelhos então sobre o estômago. Ambos os braços eram forçados de volta. A dor percorreu seu pescoço.

Um grito percorreu seu crânio. De forma crescente. Subindo. Chamando seu nome. Sempre ele. Então silêncio.

Cristoval não soube quanto tempo transcorreu quando ele rolou sobre o lado e então se sentou, ele não podia ver nada. Tão escuro e frio. Onde estava? Um tremor fundo o percorreu, e Cristoval percebeu que ele se deitava em um chão de metal. O zumbir de motores em algum lugar fez com que ele fechasse os olhos. Um navio. Grande, pelo som.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Várias sombras de silhuetas formando bandos o observavam.

— Você nos deu um grande susto. Estou contente por ver que sua pequena travessura não o danificou. Isso teria me irritado, já que eu pus tanto esforço e capital em sua captura. E você não quer me irritar, Sr. Vonatos.

O acento britânico era muito familiar.

Capítulo Nove

Dragana e Solomon juntaram suficiente munição para um exército pequeno. Com a trégua suposta entre a GAN e os homens genéticos — que para ela não passava de bobagem política, sem muito valor real — Solomon teve acesso livre à sua velha sede, um galpão pequeno e escondido nos arredores da cidade. Ele começou um pequeno negócio mercenário lá, onde encontrou Liberty, os gêmeos Bjelic e alguns outros. Naqueles dias, o antigo chanceler N'Namdi tinha sido o seu maior cliente, solicitando serviços de todos os tipos a Solomon, juntamente com Liberty — eram missões arriscadas que ninguém mais poderia fazer. Até que Vonatos assassinou o carismático N'Namdi para tomar seu lugar. Solomon e seu time conseguiram dados importantíssimos, tentando conter o assassinato do chanceler. Só que uma recepção dupla de boas-vindas estava esperando por eles — o Conclave e os lutadores da resistência de Reyes Vonatos e Cristoval. O antigo chanceler morreu nas mãos dela. Embora não houvesse nada que ela poderia fazer a respeito.

Um merda foi incumbi-la de se infiltrar na equipe de Solomon e recuperar o conjunto de informações perdidas. Ivan morreu por causa disto. E Dragana também, de certo modo. Ela morreu naquele dia, juntamente com seu gêmeo, mas ninguém se importou em enterrá-la. Mas eles todos seriam punidos. Reyes Vonatos e seus capangas safados pagariam por isso. E Killen. Ele estava atrás disso tudo. Ele engrenou tudo desde o princípio. E ela poria suas mãos nele por último.

Solomon aterrisou a aeronave atrás dos galpões abandonados, deixando-a ligada se por acaso eles precisassem cair fora dali repentinamente. Ou no caso de seu antigo amigo e atirador por excelência decidisse fugir com o equipamento e deixá-la encalhada. Dragana se sentiu suja.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

O ar do amanhecer fresco flutuou para dentro da aeronave quando ele abriu a porta e saltou para o chão. Dragana o seguiu rapidamente.

— Qual é a estimativa de armamento lá embaixo? — Solomon perguntou, enquanto remexia seus bolsos. Usando uma tira de prata pequena, ele introduziu na fechadura. A porta do galpão meio mofada vibrou, cedendo passagem para eles entrarem no local.

— A maior parte é baseada em eletricidade. Alguns veículos alimentados por combustível, gel, eu penso. Eles estão fazendo uma mineração abaixo do mar, roubaram uma parte.

Ele movimentou a cabeça, abriu o primeiro recipiente de carga.

— Mineração abaixo do mar? Que porra eles estão procurando?

— Eu não tenho idéia.

Um som pequeno ecoou dentro do galpão. Dragana ficou estática, a adrenalina percorreu seu corpo. Uma tempestade de cabelo vermelho apareceu vestida toda de preto. Ela não sorriu ou a saudou quando Solomon respirou fundo e agitou a cabeça.

— Eu podia ter feito um buraco em você, Eva, maldição!

Ela se juntou a eles dentro do galpão. Seu rosto estreito pareceu rígido e... preocupado? Esta foi a primeira sensação que Dragana teve. A segunda foi de socar o rosto daquela cadela. Ela contribuiu para a morte de Ivan, ela e o resto da GAN. Ela sentiu seu nariz dilatar e não tentou esconder isto de ninguém. Deixe essa cadela ver o que eles tinham em estoque para, no caso de ela pensar em aprontar novamente, sentir o que cairia sobre ela. Embora Dragana soubesse que ela teria que estar com Dex para localizar o espião. Não era uma situação que ela apreciasse.

Eva abriu o fecho da parte superior do terno de polímero preto.

— Por que você não respondeu a meu telefonema? Eu estava tentando advertir você. Eles conseguiram.

A mensagem não atendida. Era de Eva. Um tremor percorreu todo o corpo de Dragana.

— Quem conseguiu o quê?

— O Conclave. Eles invadiram o subterrâneo, chegando a Ásia e Cristoval. E aos outros, também. Eu os avisei, mas já era muito tarde. Eles deveriam me encontrar aqui.

Solomon fez uma pergunta. Existiam muitas imprecisões misturadas na frase. Dragana ficou de repente aérea. O Conclave capturara Cristoval. Killen tinha pego Cristoval de volta. Isto era como perder Ivan novamente.

Dragana teve que se sentar em um caixote para não desmaiar de forma patética. Ela agiu tardiamente. Ela podia ter lidado com Killen em vez de perder tempo com Solomon. Ter pegado sua aeronave, ir diretamente para o complexo marítimo do Conclave e estourar a estrutura marítima. Fazendo com que eles sufocassem antes dela. Devia ter feito isso. Podia ter feito isso. Muitas coisas boas resultariam disto. Cristo!

Ela viu Solomon caminhar em sua direção, mas era muito tarde para evitar o choque. A parte de trás de sua mão estava conectada solidamente com sua mandíbula.

— Que diabos está acontecendo?!



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ela se moveu abruptamente, pega pela surpresa. Desequilíbrio-se, vindo a escorregar. Ele a segurou, logo depois agarrou seu colarinho para que seu corpo ficasse envolvido por aquele braço densamente musculoso.

— Então, você vai ficar se lamentando ou vai se levantar e mover seu grande traseiro?!

Os olhos de Eva flamejavam, mas ela não disse nada. Nem fez nada para tentar interferir. Dragana não podia evitar sentir um pouco de respeito por ela. Ela era uma garota esperta.

Ela quis dizer algo a Solomon, mas não conseguia se expressar com aquele braço cabeludo envolvendo seu pescoço.

— Foo... — foi tudo que ela conseguiu dizer.

— Eu penso que não ouvi direito? — ele rosnou entre os dentes. — Você está se lamentando?

Ela tentou chutar entre suas pernas, mas só conseguiu atingir a parte exterior da sua coxa. Cretino!

Ela estava se lamentando? Isso era o que ela estava fazendo desde que perdera Ivan? Se lamentando? E, se estava, qual era o problema com isso? Ela tinha perdido seu irmão gêmeo, a única pessoa neste superlotado, sujo e maldito mundo que a entendia e tolerava. Por que inferno ela não devia lamentar sua perda? Por que ela não devia se sentir abandonada? Ele tinha deixado um grande buraco em seu peito que nada podia encher. Lágrimas inundaram seus olhos.

— Ele se foi, Dragana — Solomon continuou, sem deixar transparecer nenhuma emoção em seus olhos escuros. — Ele se foi e não voltará. Você voltou. Você teve uma segunda chance, e tudo que você quer é sentar em seu rabo e explodir tudo até que não sobre nada? Você pensa que Ivan faria isto se estivesse em seu lugar? Acha que ele ficaria chorando como um bebezinho?

— Dex — Eva começou a falar. — É suficiente.

— Fique fora disto — ele falou sem encará-la. — A Dragana que eu conheci a irmãzinha de Ivan, não andava por aí se lamentando ou triste pelos cantos. Ela era a maior, principalmente quando estava acompanhada de seu volter, ela saía atirando nos cretinos safados que bagunçavam com ela. Esta Dragana está morta? Hein? Não está? Porque se estiver, então eu não quero estar ligado a esta nova pessoa. Ele a soltou, afastando-se dela. Logo depois se sentou em um caixote. E ofegou.

Ela estava morta, a Dragana a que Solomon se referia? Ela tinha estado morta desde que Ivan tinha recebido as balas em seu peito? E quem estava sentada no chão de algum galpão com cheiro de mofo e com um *hycan* safado e astuto que fora um antigo espião?

Dragana Bjelic. Claro!

A irmãzinha de Ivan.

Dragana ignorou Eva quando ela tentou ajudá-la a se levantar. Lágrimas queimaram seus olhos, mas não as derramaria. Ela tinha chorado. Ela tinha lamentado sua perda. Como Dex Solomon sucintamente disse, ela estava afundando seu rabo.

— Melhor agora? — ele perguntou.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Dragana lançou-lhe um olhar ameaçador que o fez sorrir perigosamente. O sujeito era mais louco que ela. Ele apontou para uma caixa larga.

— Lá está.

Ela arrastou a caixa preta pesada com sua perna.

— O que é isso?

— Você verá.

Ela ignorou o olhar triunfante em seus olhos quando ela desfez o gancho. Abrindo a caixa, ela observou o material de titânio brilhante mortalmente laminado.

Seu voltar feito sob encomenda, todo reluzente e assemelhando-se a um ser gigante com seus tentáculos agrupados em uma coleção de barris pequenos, obviamente bem cuidados, olhando para ela de forma mortal. Seu Peanut.

— Bem vinda — Solomon disse.

Ela movimentou a cabeça, incapaz de falar. Peanut pareceu liso e frio sob suas mãos.

— Agora é a nossa vez. Vamos pôr um pouco mais de buracos naqueles bostas.

Dragana não podia se expressar de forma melhor. Ela estava de volta.

* * * * *

— O que você fez com os outros?

Killen levantou a cabeça.

— Que outros Sr. Vonatos?

— Se você os machucar, Killen!

— A cortesia é suprema para mim, Sr. Vonatos, nunca esqueça isto. Eu abomino qualquer comportamento rude.

— Mesmo assim, você tortura e mutila em nome da pesquisa.

— Certamente uma pesquisa genética anticonvencional não me sentenciará para a eternidade no inferno, não é?

— Que tal Dragana e muitos outros o sentenciarem? Você fez uma carreira de tortura.

— Quem é Dragana?

— A *lycan* que você devolveu dos mortos. Com quem escapei. Ela ainda está lá fora. Você a perdeu — Cristoval se sentiu feliz por dizer aquilo.

— Eu temo não saber a que você está se referindo. Embora uma *lycan* seja uma boa promessa em nossas pesquisas.

Cristoval ficou confuso. O que Killen queria dizer, sobre somente ter estado com um *lycan*? Aquele bastardo.

— Ela escapou de você. Ela está livre e você a perdeu. *E ele o tinha*.

— Como ela podia ter escapado? — Killen perguntou, soando como um pai tentando tranquilizar uma criança turbulenta ou cabeçuda. — Como ela podia ter escapado esta mulher de quem você fala? Humm? Pela janela? — Ele se aproximou de Cristoval, debruçando-se contra a divisória — agora Cristoval podia ver um pouco melhor — aproximando seus dedos, ele debruçou o queixo. Um aluno de arte teria pensado que ele se assemelhava a um cavalheiro da idade média, afável, mas velho.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— O que você quer dizer? — ele odiou o quão inseguro soou.

— Apenas que eu acabei de matar seu pai, o maravilhoso Chanceler Vonatos há algumas horas atrás, recuperei você enquanto estava na sua forma *lycan* e estamos a caminho de um local que, infelizmente, é segredo. — Ele moveu seu lábio e disse. — Tenho as manchas de sangue do seu pai em meu terno. — Definitivamente aquilo faria parte de uma associação insana, se existisse alguma.

— Eu sei de tudo sobre seu laboratório! — Cristoval rosnou. O medo percorria seu corpo, formigava em sua espinha. Horas atrás? Impossível! Ele vira aquela instalação sob a água, saboreara a curiosidade dos pesquisadores. Por causa daquele desgraçado, ele tinha encontrado Dragana lá e tinha escapado com ela. — Eu estava lá, se lembra?

— E eu pensei que nossas atividades estavam bem defendidas. Mas desde que você é muito bem informado, vamos ser francos. — Killen agitou sua cabeça. — Meu patrocinador generoso construiu esta instalação para seus próprios propósitos há muito tempo, e eu posso dizer a você com toda certeza que ninguém já escapou de lá — ele sorriu. Era a caricatura de uma figura benigna repleta de paciência e benevolência. — Então, esta sua história de escapar com esta mulher Dragana eu temo que seja ilusão de sua cabeça.

— Não é ilusão! Você a capturou e a perdeu. Ela escapou de você. Como eu fiz. Você pensa que pode me ensinar sobre mentiras? Você devia saber melhor, Killen, eu sou um Vonatos.

— Uma infeliz associação, como eu disse. Mas acredite no que você se tornará Sr. Vonatos — Killen disse, se endireitando. — Somente permaneça cortês, caso contrário eu poderia usar algo para você se tornar mais dócil. — Ele procurou algo dentro de seu bolso que produziu um brilho prateado característico, que Cristoval conhecia.

— Eu retirei seus implantes, você não pode me machucar com eles nunca mais.

Cristoval levantou seu punho para mostrar ao homem detestável seu pulso, mas ele não achou nenhuma cicatriz em seu pulso. Diferentes cicatrizes adquiridas de velhas lutas, muitas relacionados com os encontros que teve com soldados da GAN, ou infligidos devido à sua transformação, mas não existia nenhuma marca lá. Nada. Só uma pancada pequena onde seus implantes tinham estado. Onde estavam suas cicatrizes? Era como se ele nunca tivesse sido machucado. Mas ele tinha sido! Ele pessoalmente pegou uma chave de fenda e cravou em sua própria carne para tirar os pequenos dispositivos implantados em sua carne. Ele tinha feito isto enquanto Dragana pilotava a aeronave. Deveriam existir cicatrizes recentes ali. Ela o costurou. Não foi? Como não existia nenhuma marca? Ele verificou seu outro pulso. Também intacto.

O que estava acontecendo?

Killen percorreu o dedo ao redor do objeto metálico. A luz verde minúscula brilhou devagar. Cristoval sabia que Killen faria isto. Killen aplicou-lhe um choque. Ele adorava fazer isto, principalmente nos últimos meses dentro do seu cativeiro. Cristoval sentiu sua raiva e sua ira aumentarem. O medo. Adrenalina bombeou em suas veias, em seu cérebro desconexo, mensagens se formavam em sua cabeça, mensagens que ele não



PÉGASUS LANÇAMENTOS

poderia emitir se não permanecesse lúcido. Ele tinha que pensar. Tinha que permanecer focado.

Ele mostrou seu pulso para Killen mais uma vez.

— Eu construirei novas cicatrizes. Você não vai me destruir.

Killen correu um dedo polegar acima da extremidade lisa do dispositivo.

— Então você sabe o que estes pequenos implantes fazem. Curioso. Eu não sei como você poderia ter aprendido sobre uma tecnologia tão secreta com a do Conclave. Você tem fontes excelentes. — Ele depositou sua mão na cintura. Seu cabelo combinava com algo que estava na sua cintura. Uma concha de prata bem polida e lisa, escondendo equipamentos bem lubrificados e afiados de anos de pesquisa em crueldade. Um instrumento de tortura. Um sadismo refinado. — Mas, por via das dúvidas, você está cometendo um engano.

A luz minúscula tornou-se vermelha.

* * * * *

— É Liberty — Eva anunciou, enquanto ativava a tela de mensagens.

O rosto da mulher ocupava metade da tela enquanto Dragana checava alguns dados importantes. A lista rolava rapidamente. A parte de um navio apareceu atrás do ombro da mulher. Parecia um transporte privado. Um transatlântico pequeno talvez?

— Fale rápido — Dragana disse, sem encará-la.

Atrás de Liberty, havia um homem grande com o nariz quebrado e olhos pálidos inanimados de forma tal que ele podia observar claramente Dragana. Cupcake era um *lycan* musculoso e mortal. Um casal totalmente contrastante. Tanto que ela não podia acreditar que eles estavam envolvidos.

Liberty mexeu a cabeça.

— É bom ver você novamente. Um informante nos disse que um navio chamado Leviatã está tentando conseguir permissão para deixar o espaço aéreo da Terra. Descobrimos que se trata do Conclave. Existem grandes possibilidades de Killen estar tentando deixar a órbita do planeta.

Solomon soltou uma maldição particularmente vil, dando uma tapinha no seu descanso de braço.

— Seu amiginho vai detê-los? O que eles estão tramando?

— Sim, mas ele só pode detê-los por algum tempo. Eles têm códigos de lançamento e autoridade adequada para usar qualquer estação que quiserem. Você tem minutos, eu acho. — Liberty voltou-se para Cupcake, que movimentou a cabeça e acionou uma série de controles, que ativaram um mapa, junto com um texto minúsculo que detalhava a capacidade tecnológica do navio.

— Consegui! — Dragana rosnou, ajustando os dados com o curso e a velocidade do navio. Seu estômago estava num fio, juntamente com seu coração e sua garganta. O suor gotejava por sua espinha. — Aí está a localização!



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Estão armados — Liberty confirmou. — Totalmente armados. Mas eles não se comparam a nós!

Dragana não pôde conter o riso. Eles tinham um canhão de pulsação unicamente. Nada mais que isso. Malditos tempos de paz e prosperidade. — Eu tenho meu Peanut. Só preciso de uma boa mira.

Solomon rugiu, organizou seu equipamento.

— Não, Liberty, você não é tão esperta quanto Killen. — Girando seu rosto para a tela principal, ele adicionou — Sem nenhuma ofensa.

— Sem ofensas — ela respondeu. — Nós o manteremos bloqueado até que vocês entrem lá. Tentaremos facilitar sua entrada. Uma vez dentro, vocês ficam por conta própria.

— O que o navio está transportando? Só os transportadores da GAN são autorizados para ter passe livre. E ir e vir a seu belo prazer!

— Lembra-se da estação espacial de Antioch? — Eva perguntou. — Dos agentes do Conclave que estavam esperando por nós? É seu navio. Ultramoderno. Parece com um navio fretador de carga, mas do lado de dentro é como uma doce ilha.

— Sim — Solomon respondeu, com um olhar amoroso para sua mulher. — Eles acabaram com minha segunda carreira, então, eu concluí que poderia pegar emprestado seu navio por alguns anos.

O sangue de Dragana já bombeava duramente, mas a menção de estar dentro do navio fez com que sua adrenalina aumentasse. Junto com seu conhecimento de que Cristoval estava naquele navio em algum lugar, mas ela entraria naquele transatlântico e acabaria com Killen e com tudo que estivesse dentro daquela sucata. Quando tudo se resolvesse, ela teria uma conversa privada com Cristoval. Ela pretendia, até que enfim, construir um relacionamento com ele. Não que ela tivesse um com ele, não tecnicamente, mas ela sempre quis ter um. Droga, pelo menos ia tentar. Cristoval Vonatos era uma pessoa por que valia a pena tentar.

— Eva, você consegue nos pôr bem próximos dessas porras? — Solomon disse, com um sorriso escuro entre as bochechas. A barba loura escura deu a ele o ar feroz, lembrando um viking. — Depois, Dragana e eu resolveremos isto.

O rosto de Liberty desapareceu quando Eva trocou pôs o mapa na tela de visão principal, deixando Solomon e Dragana com um ponto de vista comum. Os detalhes 3-d deram uma visão surrealista.

— Aquelas são as coordenadas que Cupcake nos enviou? — Eva perguntou. A aeronave se movia para um lado, acelerando os sentidos de Dragana. A pequena aeronave possuía alguns problemas sérios.

— Sim — Solomon grunhiu, enquanto ele ajustava a correia entre suas pernas. — Por quê?

— Porque ele está dentro do Oceano Índico, estão entrando num corredor de longo alcance.

— Eles estão se preparando para deixar a órbita? Que desgraçados!



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Não é isso! — Dragana respondeu, soando tranqüila, ainda que suas mãos estivessem cobertas de suor. — Eles estão assustados.

— Não faz diferença nenhuma para mim. Chegue perto deles Eva, o mais rápido possível.

Mesmo odiando aquela cadela, Dragana não podia evitar admirar as habilidades daquela mulher pilotando. Ela conseguia empurrar sua aeronave para alcançar o seu destino, apesar do tráfico existente pela manhã. Grunhidos e gemidos acompanhavam suas manobras até que ela conseguiu pôr a aeronave a poucos metros do Leviatã. Droga, eles não tinham chegado perto o suficiente.

— Mais perto, bebê! — Solomon rosnou, como se ele pudesse fazer com que a aeronave fosse mais rápida. Ele agarrou seu descanso de braço. — Vamos mais rápido!

— Nós estamos muito lentos — Eva respondeu. Uma gota de suor perolizado surgiu em seu rosto. Dragana não podia lembrar-se de ter visto aquela mulher suar.

— Por Cristo, vá mais depressa!

— Eu estou indo!

Eles precisavam de mais velocidade. Eles nunca o alcançariam. Killen tiraria Cristoval do espaço aéreo da Terra e ela nunca mais o veria. Ela nunca o acharia novamente. Ele morreria num laboratório. Eles precisavam de mais velocidade e conseguiriam. Se eles conseguissem içar um gancho escondido no navio...

Dragana agiu num impulso.

Ela abriu a cobertura da aeronave e pegou um gancho, eles tinham sido projetados para ajudar a ancorar uma aeronave depois de aterrissar. O gancho de tungstênio poderia ser pequeno, mas o arame era todo composto de carbono, tinha comprimento suficiente para fazer o que ela estava pensando.

Solomon rugiu.

— Porra! — Neste mesmo instante, Eva curvou a aeronave. Mas nada aconteceu. O Leviatã continuou seu percurso muito distante deles. Um sinal pequeno anunciou que o gancho atingira seu objetivo.

— Da próxima vez, se você quiser....

A frase de Solomon foi interrompida por uma violenta turbulência que o empurrou contra seus equipamentos.

— Agarrem-se — ela disse calmamente.

Dragana gemeu de dor quando a aeronave começou a mudar de direção, indo para a direita. Vários sensores soaram ao mesmo tempo. Um sensor avisou possíveis avarias na aeronave. Grande merda! A aeronave foi arremessada, ganhando velocidade, ficando cada vez mais rápida. Neste momento, eles só podiam se agarrar e esperar para ver onde aquela situação os levaria.

De repente, o navio apareceu, preenchendo toda a frente da aeronave. O arame tinha servido como catapulta para que a aeronave alcançasse a proa do Leviatã. Mas eles estavam indo muito rápido e forte demais.

— Nós vamos colidir.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Dragana estava chocada por ouvir a tensão em sua voz, como se ela realmente estivesse apreciando o passeio, mesmo que fosse uma boa idéia aquela pequena aeronave colidir com o Leviatã, mas ela controlou a boca para não falar nenhuma besteira.

— Inverta os motores! — Solomon rugiu. Como se tentasse reverter o inevitável fim. *Lycan* teimoso.

Eva permaneceu estática, com os olhos fixos em seus controles de direção e não na tela de visão. Talvez ela não quisesse ver a armação do navio vindo contra eles. Dragana não podia culpá-la. Mas ela iria. Ela olharia fixamente para a morte até que o metal preenchesse seu corpo e queimasse seus pulmões.

Capítulo Dez

Ele não os deixaria levá-lo vivo. Não mais.

A eletricidade rasgava seus membros. Cristoval, de repente, estendeu o braço e pegou o pulso de Killen, o outro pulso segurava aquele dispositivo odiado. O choque no rosto do homem teria feito Cristoval sorrir, mas não em seu estado.

— Atirem nele! — Killen gritou.

Ele deve ter acionado o dispositivo novamente porque uma dor percorreu os globos oculares de Cristoval, atravessando todo o seu corpo. Ele rosnou quase inconscientemente. Seu coração batia muito rápido. Muito, muito rápido. Estrelas explodiam em suas pálpebras.

Felizmente, uma grande turbulência atingiu o navio, lançando um punhado de guardas contra a parede. Um voltar disparou atingindo o convés do navio, criando um grande buraco negro. Pelo canto de seu olho, Cristoval observou um pequeno dispositivo cair e rolar para longe.

Quanto tempo teria se passado enquanto Killen e Cristoval observavam o dispositivo deslizar para longe de seus pés. Então, os outros homens observaram



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Cristoval, vendo a ameaça transluzir em seu rosto. Eles podiam provavelmente ver sua morte nos olhos de Cristoval. Porque era iminente.

Ele estava livre.

Um tremor percorreu seu corpo enquanto ele caminhava. Sua mente estava confusa. Outro tremor atingiu o navio como se ele colidisse com uma superfície dura, uma espécie de batida. Mas ele tinha outras coisas para resolver.

Com lágrimas e suor, Cristoval, ainda com o homem que o tinha capturado, viu Killen alcançar algo dentro de sua jaqueta. Mas muito lentamente. Cristoval movimentou seu pulso rápido e duro, sentiu os ossos estralarem. O uivo do homem era abafado por uma série de sirenes tocando. Alguns dos guardas que recuperaram seu equilíbrio tentavam sair do local, começando a gritar enquanto um par deles continuava dentro da sala apontando seus volters contra Cristoval. Estavam confusos, não sabiam o que fazer, esperando um sinal, uma ordem de Killen. Cristoval não tinha nenhuma intenção de se sentir intimidado. Ele embrulhou seu braço ao redor de Killen, manteve-o à sua frente como um colete à prova de balas. As sirenes continuavam a tocar. O cheiro de fumaça percorreu suas narinas. Humanos normais não podiam sentir o cheiro ainda.

— Você faz um movimento — ele rosnou na orelha de Killen — e eu rasgarei sua garganta. A mão quebrada de Killen formigou quando Cristoval a apertou, dando ênfase a suas intenções. O homem exprimiu um grito lamentável.

— Algo bateu no navio! — um dos guardas, uma mulher alta com características notáveis, gritava na baía de carga. — Nós estamos perdendo velocidade!

— Abaixem os volters! — Cristoval gritou. — Chutem-nos para mim!

A mulher não esperou pela autorização de seu chefe e soltou as armas por conta própria, deslizando-as para o pé de Cristoval. Ele se debruçou lateralmente e as tomou, enquanto mantinha o aperto na mão arruinada de Killen.

— Não mudará muita coisa — disse Killen. Ele sorriu, mesmo sentindo uma dor lacerante. — Ela será morta de qualquer maneira. Sua amiga, a *lycan*. Nós só a trouxemos por algum tempo. Cinco ou seis anos no máximo. Então um dia, ela morrerá.

Seu coração quase parou de bater. Cinco ou seis anos no máximo. Então, um dia, ela morrerá.

Cristoval sentiu rasgar a carne daquele homem que segurava. — Mentiroso! Cale a boca!

— Eu não inventaria algo assim — Killen ofegou, gemeu. — Não quando a verdade está em cheque.

— Diga a seus homens para saírem sem travar a sala. Faça isto agora!

— Cristoval! — gritou uma voz que fez seu coração tremer.

— Ásia? Onde estão vocês?

Ele caminhou com Killen a tiracolo, com seu voltar em punho, apontado para os guarda em questão. Enquanto ele prendia a garganta de Killen com seu braço musculoso.

Luzes de emergência brilhavam pelo corredor. Deixando sua vista *lycan* hipersensível, mais adrenalina percorreu seu corpo, ele estava lutando para permanecer lúcido. Ele



PÉGASUS LANÇAMENTOS

apenas podia pensar. Tudo que ele podia pensar era sobre Dragana e o quão pouco tempo teria com ela. Ele provavelmente nunca a conheceria. Killen roubou sua vida uma vez, devolvendo-a para tirá-la novamente. A ira encheu sua mente. Uma dor se estendeu por suas gengivas. Porra!

— Ásia?

— Eu estou aqui! Eu estou aqui!

A voz vinha da esquerda. O rosto de Ásia ocupava a portinhola. Seus olhos eram enormes em seu rosto estreito. Ela pareceu apavorada.

Cristoval cruzou a distância pequena, tropeçando quando outra tormenta atingiu o navio.

— Façam algo! — ele rosnou, enquanto os guardas seguiam seus movimentos com os dedos nos gatilhos. — Eu disse, façam algo!

O grunhido de dor de Killen apressou a cooperação. A mulher alta se posicionou para obedecer às ordens de Cristoval, obviamente ela sabia o que Cristoval queria dizer. O que ela provavelmente não sabia era que seu *lycan* queria se apossar de seu corpo.

Cinco ou seis anos no máximo. Então, um dia, ela morrerá.

Ele usou seu volter para abrir um buraco no painel de acesso, e Ásia foi liberta.

— Saída de emergência — ele disse a ela. — Se apresse.

Ele sentiu como se voltasse para sua casa subterrânea na época em que eles iam à superfície para combater a GAN, ou quando invadiam algum ponto estratégico, se apressando para voltar para sua toca novamente, e planejar novas atividades.

Há muito tempo ele abandonara aquele estilo de vida. Para ele, tal luxo podia só vir depois de guerras, sacrifícios e decepções, coragem e muita sorte. Talvez seus homens gostassem de lutar de forma limpa. Mas não agora. Não quando ele fervia de ódio e da sede de vingança.

Aquele grupo estranho deu-lhe passagem, o seguido claramente, indicando os locais a seguir em caso de emergência. Eles não encontraram ninguém no caminho. Isso indicava que havia poucas pessoas a bordo. Talvez Killen contasse com a rebelião de uma ou duas pessoas. Ou a tomada de um refém. Finalmente, um painel revelou um mapa, com todas as possíveis saídas daquele navio.

— Lá — ele falou com Ásia, apontando com o volter. — Você vai primeiro.

Ásia não se moveu, só olhou para ele com aqueles olhos enormes que podiam olhar fixamente a alma de um homem. Ele se perguntou onde Allan estava. Onde todos os outros estavam. Mortos provavelmente. Killen tinha matado quase todo mundo de que ele gostava

— Não sem você!

— Eu não posso... — Cristoval tentou continuar, mas teve que parar, para friccionar seus dentes. — Tome o volter. — Ele empurrou a arma nas mãos dela, então cutucou suas costas com um tapinha. — Não olhe para trás.

Ela tomou a arma, os guardas apontavam suas armas para ela. Um falso movimento e tudo estaria perdido. Killen se moveu. Cristoval o apertou com suas garras para o deixar quieto, Killer gemeu de dor.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ásia acomodou seus pés. Claramente, ela não queria ir. — Cristoval!

— Por favor — ele rosnou. Seus dentes o machucavam. Seus ossos estavam doloridos, seu crânio parecia que ia estourar. — Não olhe... de volta.

Ele abruptamente a empurrou da sala. Sua sobrinha valente, uma mãe para todos os membros da resistência subterrânea, todas as crianças perdidas, algumas delas três vezes a sua idade.

Sua última razão para manter a besta em cheque.

* * * * *

— Da próxima vez que você pensar em criar uma confusão dessas — Solomon rosnou, enquanto ajeitava seu cabelo atrás com uma mão — você se importa em dizer-me primeiro?

Eva endireitou o corpo depois de passar um inferno para controlar a aeronave. Depois que Dragana jogou o gancho no Leviatã, fazendo com que a aeronave fosse arremessada a alta velocidade, Eva conseguiu manter a angulação da aeronave para que eles conseguissem evitar um choque mortal. Os três impactos seguintes foram suprimidos pelos amortecedores que existiam na aeronave. Um segundo mais tarde, ela ativou o sistema de ancoragem magnetizada. Se ela tivesse uma chance, ela teria parabenizado suas habilidades. Eva como piloto, e ela com seus instintos.

Solomon foi o que saiu primeiro da aeronave. Ele estirou uma perna e depois outra.

— Merda. Eu quase vomitei minhas bolas. — Ele deslizou ambos os volters fora de seu cinto de utilidades, que o fez parecer com um soldado russo do século vinte, com seu grande casaco característico, marchando e planejando. — Vamos trabalhar senhoras.

Outra vez, ele fez seus comentários exacerbados.

Dragana ajeitou seus equipamentos. Com Peanut posto, ela verificou se sua munição estava completamente carregada com níquel para estourar as cabeças daqueles safados que estavam a bordo do Leviatã. Solomon se aproximou.

— Como nos tempos velhos? Você os enche de tiros e eu os saúdo com meus dois volters.

Dragana não pode controlar seu sorriso.

— Como nos tempos velhos.

Eva vinha na retaguarda, eles ainda estavam dentro da câmara da aeronave, esperaram até a atmosfera se estabilizar para entrarem dentro do navio. Solomon puxou o gatilho de emergência abrindo o veículo espacial.

De repente, Dragana congelou. Ela que tinha estado ao lado de Solomon — apelidado de Grande Lobo Mal, com todo o mérito — achava que já tinha visto de tudo, mas estava redondamente enganada.

— Céus. Filho da Mãe. Cristo.

O murmúrio de Solomon ficou registrado em seu cérebro, ofuscado pelos sons emitidos pelas sirenas e mensagens de emergência avisando aos ocupantes para se



PÉGASUS LANÇAMENTOS

preparar para uma aterrissagem forçada devido à despressurização.... Mas a cena antes disso, sua mente não podia pensar claramente, devido à cena que observou.

Um matadouro era palavra que mais servia para adjetivar a cena. Vários corpos inertes no chão, encharcados de sangue, alguns intactos, outros mutilados...

Porque o sistema automático do navio ainda estava em modo de emergência? Obviamente, não havia tripulação para remediar a situação.

— Que merda aconteceu aqui? — Solomon gritou. Ele fez uma careta enquanto caminhava e localizava o painel de acesso. Depois de um esforço inútil, ele voltou e atirou em vários locais ao mesmo tempo, calando o sistema sonoro naquela parte do navio. Infelizmente, as luzes das sirenes permaneciam acessas..

O cheiro de plástico queimado inundou o local. Dragana tossiu e seguiu por uma passagem à direita, para sair daquele canto

— Ele deve ter se transformado.

Solomon movimentou a cabeça.

— Você acha?!

— Nós temos que achá-lo — disse Eva, calmamente. Seu rosto estava pálido.

Dragana respirou profundamente.

— Não o machuque.

Solomon cutucou seus dentes.

— Eu disse — Dragana rugiu, chutando a divisória que estava atrás dela. — Não o machuque! Fui clara?

— Você fala comigo neste tom, e você não terá que se preocupar em me machucar. Pode apostar que eu vou chutar seu rabo. — Solomon respondeu de forma ameaçadora.

— Nós temos que começar a procurar — disse Eva, sempre tranquila.

Eles concordaram em ficar juntos e procurar o navio um nível por vez. Dois novos corpos os saudaram mutilados por garras afiadas.

— Bem, bem, agora você sabe como é. Saboreando seu próprio veneno. Seu velho nojento!

Dragana seguiu o olhar de Solomon e se deparou com Killen mutilado, ou o que permaneceu dele, afundado na divisória, com um olhar de horror em seu rosto. Seu terno estava em farrapos. Encharcado com seu próprio sangue, escuro como tinta. Dragana não deu um segundo olhar para ele. Ela queria tê-lo matado. Mas de um modo, Cristoval se transformou em *lycan* e o matou.

Um objeto pequeno e prateado no chão chamou a atenção de Dragana. Ela o pegou, sentiu seu coração preso na garganta. Ela não soube por que, mas o guardou.

Eva passou por sua esquerda, moveu-se pelas laterais, então viu uma besta furiosa, fez um gesto, pedindo silêncio. Ela apontou o lugar e gesticulou — Ele está lá.

O coração de Dragana se acelerou. Apesar do caos, ela não se importou se Cristoval tinha matado uma dúzia de pessoas com suas mãos nuas... eles eram seguidores do Conclave, torturadores e assassinos que apenas receberam seu castigo. Ela estava satisfeita com isso e rezou para que ele, de alguma maneira, sobrevivesse a esta batalha terrível. Com um aceno, ela caminhou na direção dele. Cristoval estava em sua forma



PÉGASUS LANÇAMENTOS

lycan, inclinado na divisória com a cabeça baixa, o olhar abatido e perdido. Com sangue cobrindo seus braços e cotovelos. Seu emaranhado cabelo em seu tórax. Vestígios de calças agarradas em suas pernas espessas, musculosas.

Ele deve ter sentido uma presença porque girou sua grande cabeça em sua direção. Seu tórax inchado. Ela se deteve durante um segundo, enquanto um uivo assolou o ambiente. Cristoval rasgou a divisória e correu na direção oposta.

— Porra! — Solomon gritou em algum lugar atrás dela. — Aquilo era ele!

Ele preparou sua arma, mas Dragana o parou mirando Peanut contra o seu tórax. — Não ouse! Você só fará as coisas piores! Eu o seguirei. Ele me conhece.

— Como o inferno que você irá! Ele rasgará cada pedacinho seu!

Eva pôs um braço ao redor de Solomon. Seus olhos quimicamente purpúreos se expressaram sem vacilar. — Ele não irá. Ele saberá quem ela é.

Dragana desejou que ela pudesse compartilhar um pouco da certeza da mulher. Ela deu um último aceno e foi atrás de Cristoval. Ela se sentiu confusa entre gritar seu nome, torcendo para que ele se lembrasse dela, ou apenas segui-lo até prendê-lo sem realizar uma atitude violenta. Ela não conseguiria atacá-lo. Não teria forças para isso. Ele era seu amor. Com sorte, tudo daria certo.

Dragana perseguiu o *lycan*. Ela o procurou por debaixo das tubulações, e por qualquer canto que ela achasse que pudesse encontrá-lo. Ela começou a ficar preocupada, temendo que ele estivesse gravemente ferido e que seu sangue tivesse se esvaído. Os sensores avisaram que algumas salas estavam carentes de oxigênio, mensagens incessantes. Mas que droga, o que Solomon está fazendo?

Ela estava caminhando por um conjunto de compartimentos vazios, até que um uivo de dor a tirou de seus pensamentos. Correndo mais rápido para encontrar a origem do gemido, ela entrou na sala de máquinas. O cheiro de combustível era intenso. Ela tossiu, seus olhos se irritaram, ela varreu o lugar acompanhada de seu Peanut. Mas ela nunca conseguiria usá-lo contra Cristoval, principalmente em seu estado.

Ela ofegava enquanto o procurava.

Abaixo da passagem de metal, poças se formaram. Então, ela o achou. Cristoval estava ali, olhando fixamente para ela. O medo a congelou.

Ele respirou profundamente, seu grande tórax subindo e descendo, soava como um gigante dormente, sua costela proeminente e seus ombros molhados de suor e vapor. O sangue de seu inimigo ainda estava fresco. Mas Cristoval estava lá, sob aquela superfície. Aqueles eram seus olhos, sua fronte e maçãs do rosto orgulhosas. Metade guerreiro espartano, metade um Deus assassino.

Ela não soube o que fazer. Deixou seu Peanut e desceu os degraus lentamente. Seu coração estava partido.

— Cristoval — ela murmurou. — Sou eu, Dragana. — Ela não soube mais o que dizer.

Ele avançou a seu encontro. Suas narinas se dilataram, ele a cheirou.

Dragana sorriu.

— Isto, isto, vamos lá!



PÉGASUS LANÇAMENTOS

De repente, a atitude de Cristoval mudou.

Ela apenas teve tempo para respirar quando ele bateu violentamente contra ela, jogando suas costas contra os degraus, onde chocou dolorosamente suas costelas e ombros. Sua garra rasgou seu cinto de utilidades como se fosse papel. Pelos menos, ele seria rápido.

Dragana deixou seus olhos fechados. Ela sempre pensou que preferiria ver a morte chegar. Que ela cuspiria no rosto da morte e a chamaria de cadela rancorosa. Mas não faria isso, não com dele. Ela parou de respirar, esperando Cristoval cortar sua garganta como papel.

Mas a morte não veio.

Dragana grunhiu, quando ao invés de Cristoval rasgar seu peito, rasgou parte de sua roupa de guerra, cortando-a cuidadosamente até que um objeto de prata minúsculo caiu. Cristoval ficou visivelmente abalado. Apesar da estrutura óssea diferente, juntamente com seu rosto e físico, ela reconheceu o medo e dor quando ele viu a coisa de prata.

Ele uivou longo e alto.

Dragana lutou contra o desejo de tampar suas orelhas ou gritar em pânico. Seus instintos eram de lutar ou fugir. Tão abruptamente quanto ele começou, ele parou. A respiração quente percorria da sua bochecha ao seu ombro. Que merda era estar meio nua. Ficar meio nua na difícil missão de Cristoval rasgar seu bolso.

— Está tudo bem — ela sussurrou. Ela queria aconchegá-lo.

Ele rosnou, mostrou seus dentes totalmente brancos, que ela achava tão atraentes. Até então. Grandes tremores agitaram seu corpo, criando gotículas de suor em seu rosto. Depois de algum tempo, poucos segundos depois, a ira no rosto de Cristoval começou a sumir, de repente, ele se aproximou mais dela, aproximando suas faces. Mesmo transformado, ela gostava dele, ele se assemelhava a um grande predador se preparando para atacar sua presa. Ela o encarou no momento em que ele fechou sua mão no corrimão da escada. Então os dentes dele pressionaram contra sua garganta e Dragana congelou, deixou de respirar e esperou.

Mesmo sendo uma situação crítica, Dragana gostou de sentir seus dentes em sua garganta. Dragana sabia que qualquer movimento errado provocaria a ira desenfreada de Cristoval. Ela queria morrer. Ela estava bem perto daquilo. Mas não seria hoje. Ela queria sua chance com ele. Cristoval valia à pena. Mais ela não queria que ele levasse o fardo de tê-la matado. Se fosse verdade o que ele sentia. Embora ele afirmasse convincentemente seus sentimentos, até usou aquela palavrinha mágica com a letra “A”. Infelizmente, ela estava muito ocupada se lamentando com a vida para escutá-lo. Solomon estava certo.

— Cristoval, sou eu, Dragana.

O grunhido baixo ecoou em sua garganta e tórax. Dragana suprimiu o desejo de fazer qualquer tipo de som. Ele poderia esmagar sua traqueia, mas ele esperou por algo, ficou tão quieto quanto ela, lutando em sua própria batalha interna. Reunindo toda sua coragem, Dragana levantou sua mão e a pôs suavemente em suas costas. O calor fluía da palma de sua mão. Uma gostosa sensação tomava seu corpo.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ela sentiu um toque quente e molhado em sua garganta, como uma tentativa de paz. Ele estava provando-a. Saboreando-a.

— Dragana — ela murmurou. — Lembra-se? Nós somos amigos.

Ele se movimentou ligeiramente para vê-la melhor. Aqueles olhos pretos eram realmente de Cristoval, as sobrancelhas curvadas que ela achara incrivelmente sensual. Com seu queixo, ele alisou-lhe o rosto, a bochecha. Ela o deixou fazer. Ela não podia pará-lo mesmo que quisesse. Depois, algo estava acontecendo ali, algo completamente diferente. O medo a inundou. Claramente, ele não a iria matar.

O ombro dele pareceu estalar. Ela ouviu, percebeu como se ocorresse em seu próprio corpo. Ela percebeu que este estalo provinha da excitação do corpo dele. Seu cabelo pareceu diminuir, seus músculos começaram a inchar, seus ossos estavam se reorganizando. Ele choramingou com a dor cruel. Ela descobriu como aquilo machucava. Então, ela segurou sua cabeça orgulhosa contra seu peito enquanto os últimos fragmentos da besta partiram, mas não antes de sua mandíbula receber uma última contração. Ela soube que este era o ultimo passo da transformação. Para todo *lycan* era assim.

Aagitado, ele levantou seu rosto para Dragana. Seus olhos escuros refletiram seu rosto. Ele pareceu que iria dizer algo, mas não falou.

Ela soube que se eles dissessem qualquer coisa, o momento seria perdido para sempre. Então, ela o beijou.

Com a respiração quente, Cristoval retribuiu seu beijo apaixonado, recuou para lambe, beijar e morder seu rosto, seu pescoço, passando por seus ombros. Para posteriormente explorar seus seios expostos. A mistura de ar frio e do calor que o corpo de Cristoval emitia só fez aumentar sua excitação.

Céus, que homem!

Cristoval lambeu seu mamilo. Uma onda de prazer percorreu sua barriga. Ela sempre acreditou que lutar fosse uma forma de sexo, aquela adrenalina de evitar e disparar tiros de níquel ou fazer sexo produzia ambos os mesmo resultados. Ela estava provando que sua teoria era verdadeira neste momento.

Ele parou, mas ela depressa apertou sua palma contra sua boca para silenciá-lo. Sem palavras, por favor, nenhuma palavra. Acima de sua mão, seus olhos estreitaram-se. Então, ele a lambeu. Uma lambida que a marcava como sua propriedade, que terminou com um beliscão rápido em seu pulso. Ela o deixou marcá-la com ferro. — Faça-me sua, sua.

Ele a fitou profundamente para depois lambe seus seios novamente, de forma mais lenta, mais sensual, fazendo com que Dragana se remexesse até que bateu com a cabeça na borda da escada. Merda!

Cristoval parou, ficando a alguns centímetros de seus mamilos. Seu corpo era perfeito, músculos de aço, tórax modelado. Ele baixou seu corpo novamente, desta vez indo em direção à barriga de Dragana, seu queixo passando pelo umbigo. Ela não vestia nada por baixo da sua roupa de luta, ou o que tinha sobrado dela. Neste momento, ela podia sentir o cheiro de sua excitação. Com os sentidos sensíveis devido à mudança



PÉGASUS LANÇAMENTOS

recente, o odor devia estar inundando-o. Ela podia sentir o amontoado que se formava entre as pernas dele. Se a língua de Cristoval tinha conseguido fazê-la se esquecer da posição dolorosa em que se encontrava, a visão de sua excitação explícita a fez esquecer até do próprio nome.

Lentamente, ela movimentou sua perna para descansar nas coxas de seu parceiro. Apertando o corpo contra sua gostosa ereção e sentindo o calor dele sendo transferido para sua pele, sua carne. Não falaram nada, mas ambos sabiam o que estava prestes a acontecer.

Ele deixou ela se acomodar melhor nele. Seu olhar nunca a deixou.

Ela nunca foi de conversar na cama. Ela sempre preferia sexo rápido, duro. Então, ela não tinha nenhuma idéia sobre que tipo de palavras doces poderia proferir para Cristoval. Mas ela o fez. Sua voz pareceu ter um efeito despertador nele como seus olhos estreitados, sua respiração acelerada.

— Dragana — ele falou.

Depois que ela se acomodou, posicionou seus sapatos de salto alto atrás do quadril dele e se sentou com suas coxas se contraindo.

Cristoval voou com ela.

Seu choque e sua excitação foram completos quando ele começou a lambar sua barriga e, de forma progressiva, foi baixando sua cabeça. Ele a possuía de forma rápida e dura, como se tivesse medo que algo fosse interrompê-los. Como se não existisse um amanhã para eles. Com um gemido de prazer, ela puxou os largos ombros dele para cima. Sua pele brilhava devido à saliva dele. Ele lutou com uma mão para retirar o que restara de suas calças, logo depois arrancou a roupa de forma brutal. Seu pênis longo e espesso acima de suas coxas fazia um convite brilhante. Dragana quis dizer que ele enfiasse seu membro dentro dela, mas nunca teve chance porque Cristoval usou ambas as mãos para rasgar os vestígios de sua roupa.

Ele a fitou de forma profunda. Seu olhar ousado sugeria que ela dissesse alguma coisa. Ela não disse.

Enquanto Cristoval mantinha uma de suas mãos presas no corrimão da escada, ele lambeu os lábios de sua vagina, de cima para baixo, de forma dura. O calor molhado saía de seu corpo, passando por sua vagina. Afundando a língua dentro de sua vagina, ele desnudou seu clitóris molhado, enrolando-o e empurrando-o para cima, deixando-o extasiado e subjugado, para reduzi-lo a um pequeno e duro nervo que transmitia mensagens confusas ao seu cérebro, como se ela tivesse condição de fazer algo a respeito disto. Tudo que ela podia fazer era comprimir seu corpo, sua vagina, contra o rosto de Cristoval. Seu gemido criando uma vibração que era transmitida para sua carne expandida e empurrada, sua mais íntima extremidade. Ele deve ter sentido sua excitação, pois Cristoval grudou ainda mais a boca contra seu sexo, sua língua apertava junto à vulva. E, de repente, ele parou.

Flashes iluminavam sua visão, precedidos de um clímax forte. Ela lançou um longo gemido.

Obviamente, Cristoval não voou com ela.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Ela gemeu quando ele se posicionou entre seus quadris. Ainda tremendo, ele a puxou até posicioná-la no canto certo, com a respiração ofegante, com o coração batendo, lutando para se controlar.

Ele a tomou, enquanto ela ainda gozava.

Do orgasmo até a fúria carnal, do fogo até a supernova, um grito de batalha saiu de seus pulmões, seu corpo inteiro era possuído por Cristoval. Todo ele. Seu pênis estava dentro dela: fundo, rígido, inflexível. Para tomar. Para conquistar. Tudo dele. Cada penetração, uma reivindicação que de boa vontade ela concedia.

O guerreiro espartano, um semideus, empurrando dentro dela, com um braço ao redor sua cintura para mantê-la no lugar, suor e saliva formando um laço molhado, pegajoso, entre suas essências, criando um vínculo, uma ligação entre eles. Cada punhalada era feita de forma mais profunda, mas existia algo de gentil também. Ele estava possesso. Dando e recebendo. Todo ele. Para ela.

Uma explosão de fogo líquido a encheu. Cristoval tremeu profundamente. Seu sêmen queimou-lhe o ventre. Ele diminuiu a velocidade, sua cadência diminuiu, então, parou completamente, ofegando profundamente.

— Dragana — ela o ouviu dizer.

A voz do homem trouxe lágrimas de satisfação e de divertimento aos seus olhos. Ela não se moveu, assim ela não precisaria encará-lo. Ele retirou-se dela, deixando o resto de seu pênis descansando em sua entrada. Enquanto o sêmen fazia um casulo pegajoso em sua vagina.

Várias respirações profundas foram realizadas para regularizar as batidas de seus corações. Algum tempo depois, ela deu uns tapinhas suaves nele, que ainda estava ao seu redor.

— Eu... eu a machuquei? — Ele perguntou ofegante. — Enquanto eu era...?

Ela agitou a cabeça.

Ele murmurou uma frase de agradecimento. Só ele para fazer isso.

— Eu nunca teria me perdoado.

— Shh — ela cortou a conversa. — Você não me machucou certo.

Ele beijou seu ombro, de forma demorada. — Nós temos que conversar.

— Mais tarde.

— Não. Agora

— Pode esperar.

— Não — Cristoval respondeu, sua voz se tornou mais firme. — Não podemos. Não existe o futuro. Só existe o agora.

Seu primeiro instinto era empurrá-lo dali e encerrar o assunto. Dragana lutou contra isto. Lutou muito mesmo. Ela queria sua chance com Cristoval e ela teria, aqui e agora.

— Então vamos conversar.



Capítulo Onze

Ele emergiu para a forma humana somente para se achar em uma profunda névoa carnal. Um medo momentâneo congelou o sangue em suas veias. O que ele estava fazendo? Mas ele logo descobriria que ela não só estava de acordo, como quis aquilo tanto quanto ele. Ele podia ter rugido de alegria. A vagina de Dragana se expandiu ao redor dele e tudo pareceu tão bom, fez com que ele se sentisse em casa. Cristoval nunca procurou por isso, mas ele tinha que tê-la, tinha que descobrir como ela se sentira. Porque fazer amor com ela era o mais próximo que ele chegaria do céu. Sem seu coração, isso tudo não significaria nada. Ele tinha que saber. Agora. Eles tiveram tão pouco tempo. Porque ele acreditou em Killen. Aquelas últimas palavras o assombrariam para o resto de sua vida. Cinco ou seis anos no máximo. Então, ela morrerá. Ele não diria a ela. No caso de não ser verdade. Caso fosse, levaria esse fardo sozinho.

Mas ela não estava morta ainda. Ela estava viva e ele também. O remorso não serviria para nada. Agora era tempo para ação.

Ele abraçou seus ombros — aquelas cicatrizes terríveis em suas costas quebraram seu coração — e a ajudou a sentar-se em seu colo. Ela suspirou, as marcas vermelhas e púrpura não deixando dúvida sobre o que ele tinha feito antes de voltar à forma humana.

— Perdoe-me — ele murmurou, sentando também.

— Está tudo bem.

— Não, não está. Eu nunca, por vontade própria, tocara em um amigo com raiva.

Ela lançou um olhar torto.

— Um amigo?

— A mulher que eu amo poder ser um amigo, tem que ser um amigo, não?

Ela virou o rosto, o olhar distante.

Ele segurou seu queixo e o virou para ele, assim ela o olharia de volta.

— Você não pode ouvir a palavra sem fazer careta?

Um desajeitado encolher de ombros foi tudo o que ele conseguiu.

— E se eu dissesse a você que eu gostaria de me casar com você? — Ele esperou até que os olhos dela encolhessem para o tamanho natural. — Não importa. Não há nenhuma necessidade para fazer qualquer coisa oficial, certo?

— Sim, deixe só eu me acostumar com as coisas lentamente, certo? Eu gosto de estar com você e acredite isto é uma grande coisa! Eu não sou exatamente conhecida por minha personalidade cálida e divertida.

Ele acreditou nela.

— Você tem que jurar para mim que não sairá por aí procurando a morte. Nunca mais. Eu não aceitarei isto.

Ela movimentou a cabeça.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Não, eu quero que você diga — ele olhou fixamente em seus olhos da cor do céu de inverno e esperou.

— Eu não vou fazer isso, certo? Você está amarrado comigo durante algum tempo.

Ela não aceitou a oferta que ele havia feito mais cedo e, dentro de seu peito, algo cristalizou, fazendo cessar bruscamente o resto. Mas, pelo menos, ela não jogaria fora sua vida. O que permanecia disto era tempo emprestado.

Dragana respirou fundo, endireitando-se.

— Nós temos que voltar para eles, Solomon conseguirá arrumar problemas. Eu não quero isso e nem você.

Cristoval quis falar de sua proposta, mas perdeu a chance.

— Você está certa.

— Você sabe o quê — ela disse depois de algum tempo — nós devíamos apontar este navio para o complexo submarino e explodir tudo.

— E se houver inocentes lá?

— Ora! Ninguém que trabalha para o Conclave é inocente.

— Os prisioneiros são. E se existirem mais?

Seus olhos azuis faiscaram como safiras.

— Então, nós iremos lá e limpamos o lugar, agora mesmo.

Cristoval movimentou a cabeça. Ele não a forçaria. Que homem faria isso? Ela sofrera. Precisava de tempo. Ele não devia ter agido do modo como agiu em primeiro lugar e lembrou-se do medo em seu rosto quando mencionou casamento. Isso deveria convencê-lo a esperar por uma sugestão dela em vez de apressar as coisas como um adolescente apaixonado. Mas, o que isso mudaria? Nada. Ele só queria ficar com ela. De onde este desejo antiquado saía?

Eles tiveram um grande êxito quando recuperaram um grande volter. Lembrou-se, aborrecido, do nome: *Peanut*. Acomodaram cada uma das armas nos nichos ao longo da passagem e foram à procura do resto do time. Eles logo os encontraram na ponte, Solomon e Liberty curvada em cima dos controles, discutindo sobre o melhor curso de ação, enquanto Eva usava a vara de controle para esquadrihar o navio com as muitas máquinas fotográficas instaladas ao longo dele. Meia dúzia de telas mostravam o massacre somente em preto e branco, o que para Cristoval estava ótimo. O conhecimento do que ele havia feito era o suficiente. Mas uma pessoa estava sentada em silêncio, separada do resto, braços cruzados, rosto abatido.

— Ásia — ele murmurou, indo para ela. — Eu pensei que você se fora.

— Eu não podia deixar você.

Um sopro de ar saiu dele quando ela se lançou sobre ele, braços largos, soluçando, os soluços balançando seu corpo esbelto. Ele a segurou por muito tempo, até pela comoção momentânea que sua chegada causou. Ela sacudiu-se. Por sua narrativa quebrada, ele percebeu que Allan estava morto, como havia acontecido com a maior parte do outros, com exceção de Haruto — ou Smiley — que ninguém vira. Cristoval levantou-se.

— Eu não ficaria surpreso se não conseguíssemos achá-lo.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— As pessoas continuam me dizendo isso — Ásia chorou. — Mas não quero acreditar neles. Ele sempre foi bom para mim.

— Isso não faz dele mau, somente um enganador — Cristoval teve que escolher as palavras para descrever o pequeno renegado — a menos que eu esteja completamente errado, Haruto não teve nada a ver com isso, deve estar morto em algum lugar, esquecido. — Aqui, sente-se.

Ela se sentou, tirando as lágrimas de seu rosto. Uma bolsa de água foi deixada próxima ao cotovelo de Ásia. Dragana deixou lá, até perfurou a bolsa com um canudo. Com um aceno de cabeça de agradecimento, Ásia pegou a bolsa de água e bebeu um gole minúsculo.

— Nós temos que voltar — Cristoval disse para o grupo. — Temos que voltar até onde eles nos prenderam. Se houver outros prisioneiros, devemos libertá-los.

Dragana movimentou a cabeça decididamente.

— Então vamos explodir toda essa porcaria de lugar de uma vez.

— Este Leviatã não é equipado para viagem sob a água — Liberty falou. Vestida completamente de branco, com sua pele de ébano e óculos azuis de proteção, ela era uma visão notável. — Mas o nosso é — ela virou para Cupcake, o gigante *lycan*, e movimentou a cabeça.

Solomon deslizou os dedos polegares em seu cinto de utilidades e tocou seus volters.

— Ei, você está dispondo de meu navio. Eu o roubei em Antioch, por isso ele é meu. Eu só estou emprestando para você, lembra? — Ele deu um sorriso feroz. — Fora isso, o resto do plano pareceu muito bom para mim. Eu tenho pensando nisso há muito tempo.

Eva agitou a cabeça.

— Nós precisamos de alguém que fique para trás com o Leviatã. Temos que fazer isso do jeito certo. Muitos operadores do Conclave morreram neste navio.

— O tio Johnnie pode cuidar disto — Cupcake disse. Ele colocou uma pata de urso protetoramente, como um ar de companheiro. — Liberty e eu ficaremos.

Tinha sido dito com uma voz de comando, mas soou mais como uma pergunta. Liberty retornou o aceno com a cabeça.

— Nós monitoraremos o ar com outro navio.

Cristoval podia ter interferido, suspeitou que devesse estar pedindo a ela para ficar para trás. Dragana teria, ela faria para ele o que não faria para qualquer outro — ficar fora de dificuldades. Então, ele não perguntou.

* * * * *

A viagem de volta ao complexo submarino de pesquisa foi muito rápida para o gosto de Dragana. Ela roeu suas unhas rapidamente quando Cristoval falou de seu plano e deixou claro a Solomon como queria agir. A oferta de Cristoval serviu para deixá-la uma bola de nervos também. Ele propôs! Literalmente propôs! E o que ela fez? Ficou calada como uma idiota e não disse nada. Liberty teria seu traseiro servido em uma travessa se



PÉGASUS LANÇAMENTOS

ela houvesse repreendido. Mas ela congelou. Apavorou-se. E se ela se apaixonara por ele e ele conseguisse explodir a si mesmo? E se ela o perdesse? Como ela havia perdido Ivan.

Não é o mesmo, por Cristo, preste atenção no aqui e agora.

Então, como idiotas, em algum lugar próximo, pensaram que podiam incapacitar seus volters com um dispositivo eletromagnético bem apontado e carregado? Estes imbecis pensavam que eles eram amadores? A equipe de Solomon tinha seus volters equipados para neutralizar qualquer um que atacasse. Dê-nos um pouco de crédito!

Ela ainda conseguia sofrer com a oferta de Cristoval enquanto incapacitava um deles com um tiro rápido e limpo direto na frente. Ela não viu como ele caiu. Ela estava muito ocupada derrubando o resto de seus inimigos e pensando sobre seu futuro com um homem como Cristoval Vonatos. Ou a falta dele.

Sem esperar por Eva, que tinha um comunicador roubado da estação, com uma conexão com Liberty, e um decodificador amarrado com uma correia em seu antebraço, Solomon fez o que ele sempre fazia que era ficar parado na baía de aterrissagem com ambos os volters e a boca indo a uma milha por minuto, com sua expressão favorita para um grito de guerra.

— Filhos da mãe!

Ela gritou enquanto esperava parada contra o anteparo e esperava por Cristoval e Eva. Os dois com armas de calibre maior e maior profundidade arrancariam a infraestrutura principal, enquanto Solomon e ela cuidariam das pessoas que se movimentavam.

— Claro! — Solomon rugiu na passagem abaixo. Ele emergiu sorridente com ambos os volters emitindo fumaça. — Eles têm algum equipamento pesado abaixo, lá na frente! Vamos!

Eva apontou adiante, movimentando a cabeça.

— Existe um quarto próximo ao centro com um poço que afunda por volta de cem pés. Lá é onde as cargas seriam mais efetivas.

— Nós temos que soltar os prisioneiros primeiros — Cristoval calculou.

Dragana pensou que Solomon se lançaria sobre o homem, que permanecia uma cabeça mais alta. Mas ele cedeu, murmurando uma maldição. Então agarrou pulso de Eva, assim podia verificar o decodificador.

— Não diz que há prisioneiros aqui, então, por onde diabos começamos?

Cristoval juntou-se a eles, deu um longo olhar para a minúscula tela.

— Lá — ele apontou para um lugar na tela. — Dois níveis abaixo, a leste do quadrante. Estas filas de cubículos. Eles parecem com aqueles em que nós éramos mantidos.

Eles encontraram pouca resistência a caminho de lá. E nem quando alcançaram o nível mais baixo que Cristoval mencionara. Mas sinais de ocupação recente podiam ainda ser achados aqui e ali. E sangue também.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Dragana quis sair rápido dali. O lugar lhe dava calafrios. Mas quando eles saíram em um abastecido quarto com tanques cilíndricos vazios verticais e com uma bagunça de tubos e água, ela congelou e quase soltou Peanut.

— Existiam outros como eu.

Cristoval aguardou. Sua força muda provavelmente a ajudava a não despencar emocionalmente.

— Nós colocaremos uma carga aqui — Eva disse baixo. Ela depositou sua mochila enorme, retirando um retângulo preto e colocou no tanque onde ela magnetizou as braçadeiras que manteriam o objeto no lugar. Uma luz vermelha minúscula apareceu na extremidade da carga, refletida por outra no decodificador de Eva.

Dragana agradeceu com um aceno de cabeça. Ela não podia conversar. Ela dificilmente podia pensar.

Cristoval colocou uma mão quente em suas costas, murmurando:

— Irá primeiro.

Bom. Tem que ir primeiro. Este lugar não devia existir. Estes loucos filhos da mãe não deviam ter permissão para brincar de Deus!

Mas onde estavam todas as pessoas que estavam naqueles tanques? Como ela, caminhando ao redor? Ou descartados em algum lugar, incapazes de voltar? O Conclave os levava para outro lugar?

— Vamos nos mover — Solomon disse, bruscamente. Ele passou sem tocar sua garganta, evitando olhar para Dragana quando passou adiante. — Este lugar me tira do sério.

Eles se agruparam na estação. Ocasionalmente ouviam um disparo atrás, mostrando pouca resistência à passagem deles. Chegaram a um quarto de concreto largo e vazio, com exceção de algumas máquinas quebradas em um canto, então, foram até um conjunto de portas duplas onde havia um aviso escrito “Depósitos de Hidrato de Metano”.

— O que é essa droga de metano? — Solomon perguntou, antes de chutar a porta abaixo. A ponta da porta amassou quando bateu no painel metálico, fazendo muito barulho.

Eva passou por ele, carregava uma mochila quase tão grande quanto ela.

— É o gás que parece com gelo. Muito poderoso, mas instável.

— Bem, você não disse — ele murmurou, seguindo-a.

Dragana olhou rapidamente para Cristoval, viu como ele seguia o movimento no quarto. Levava uma mochila tão grande como a de Eva — positivamente era monstruosa. Muito bom ele ser um cara grande, seu grande garoto. Ela rapidamente afastou esse devaneio apaixonado para focar-se na tarefa, que era abater qualquer um que tentasse atrapalhá-los antes de demolir o lugar. Aquele lugar estava errado, não deveria existir, e ele não existiria mais em algumas horas.

Uma luz azulada emanava de uma cova grande no meio do quarto. Um timer apitou ao redor, e ela olhou para baixo. A cova era sem fundo, pelo menos era isso que parecia.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Um poço esculpido fora da pedra, mergulhado na escuridão a mais ou menos quinhentos pés, com uns cristais brancos parecidos com cogumelos agarrados à parede.

— Mas... que merda! — a descrição de Solomon era boa o suficiente.

Depois de outro palavrão, Dragana inspecionou, e Eva seguiu sua inspeção. Dragana retornou à porta, enquanto Eva ia aos controles fixados ao longo da parede. Ela deixou a mochila deslizar para o chão.

— Merda.

— Eu não gosto desse tom — Solomon observou cortante como sempre. Ele andou até Eva, que estava curvada, então assobiou. — Fodam-me.

— O quê? — Cristoval exigiu, juntando-se a eles. Deixaram Dragana sozinha para guardar a porta. O quanto era fácil voltar a seu antigo papel. Eles formavam uma equipe muito boa.

— Nenhuma maravilha, só encontramos metade das defesas — Solomon respondeu. — Mas que merda.

Dragana olhou rapidamente para o lado de dentro, Cristoval a olhou de volta como se alguém houvesse cancelado o Natal, a páscoa e o Dia das Bruxas.

— O que você quer dizer?

— Explosão, é o que eu quero dizer — Solomon respondeu. — Acho que nem todo mundo junto teria pensado sobre isso.

— Demônios, sobre o quê?

Cristoval fechou seus olhos brevemente.

— Sobre o quão pouco valor Killen dava à vida humana.

— Vamos pegar o desgraçado! — Solomon estalou — Agora!

Peanut pareceu frio e escorregadio em suas mãos. Ela o segurou e cruzou a distância para ver claramente o que era.

— O quê? Alguém vai me dizer que diabos está acontecendo?

— Corra! Para o navio! Agora!

Eva gritou e começou a correr. Maldição! Quem imaginaria que aquela merda pudesse correr tão depressa? Cristoval ansiosamente soltou sua mochila e começou a correr para a porta, agarrando Dragana pela manga quando passou, sem diminuir a velocidade.

— Eles equiparam o lugar! — Solomon sempre teve um dom com as palavras. Explosão realmente.

Cristoval correu tão rápido quanto suas pernas o podiam levar. Atrás dele, com passos desgovernados, Dragana rapidamente chegou a seu lado, o monstruoso voltar nem mesmo diminuiu a velocidade. A coisa devia pesar umas trinta libras, ainda assim ela a manejava como se fosse uma extensão de seus braços. Como ele a amou! Talvez ela não morresse em alguns anos como Killen escarneceu. Com seu estilo de vida perigoso, talvez fosse hoje. O pensamento, a deslealdade, o enfureceu. Uma dor se estendeu por suas gengivas, mas ele forçou o *lycan* a voltar, não havia tempo para mudar.

Solomon, Eva, Dragana e ele seguiram as mesmas passagens que os haviam trazido aqui da primeira vez, diminuindo a velocidade só para ter certeza que não se chocariam



PÉGASUS LANÇAMENTOS

com uma armadilha. Novamente. Como Killen administrava aquilo? Obviamente, ele não trabalhou só e nem se importava se condenassem suas operações.

A escotilha cintilou como um portal circular para outra dimensão. Um lugar onde ele teria mais que alguns minutos para gastar com a mulher que amava.

— Se apresse! — Solomon rugiu, ainda que ele fosse o último.

Então tudo aconteceu rápido. Cristoval viu tudo somente com o canto de seu olho. Seu coração quase parou.

Atrás dele, Solomon grunhiu uma maldição, bateu contra o anteparo que desmoronou sobre seus joelhos. O sangue pingou por seu queixo, ainda assim ele abriu fogo com ambos os volters. Cristoval saltou no navio logo depois de Dragana e Eva, que havia alcançado o navio primeiro, saltando agilmente acima da extremidade inferior, e agarrara a alavanca. Mas, obviamente, nem mesmo uma mulher flexível poderia mover aquilo sozinha, assim Dragana teve que soltar seu estimado volter e ajudar. Quando Cristoval estava quase de volta ao navio, duas vozes falavam alto em uma mistura de idiomas que ele não entendeu.

— Solomon!

Ele reconheceu a voz quebrada de Eva com medo e horror.

Ele não tinha tempo sobrando para olhar de volta e esperou que Dragana fizesse como planejado e fechasse a escotilha quando fosse à hora. Talvez ele estivesse do outro lado.

— Filhos da mãe desgraçados — Solomon amaldiçoou ofegante, antes de descarregar uma longa saraivada de tiros. O volter parou de relampejar luz azul esbranquiçada e ele o jogou fora.

Um granizo de tiros de níquel impedia Cristoval de juntar-se ao homem ferido. Ele tentou rastejar, saltando apressado, mas toda vez que ficava próximo ao canto onde estava Solomon, era afastado — balas de níquel clicaram e prenderam seus punhos no anteparo.

Solomon girou para ele.

— Coloque o... seu traseiro de volta... naquele navio.

— Cristoval! — ele ouviu atrás dele.

Dragana. Ele estava muito perto.

A mudança veio muito de repente, Cristoval só teve tempo para encolher-se. Ossos estalaram, os tendões de seu punho foram rasgados pelas balas de níquel. A pele dividiu-se de cima a baixo para expandir músculos e massa. Suas gengivas fragmentaram-se, incapazes de conter os volumosos dentes que cresciam.

O cheiro de sangue. O fedor. No meio disso tudo, o lânguido odor de... algo como ele mesmo. Um parentesco. Os flashes o cegaram. Ele divagou, agarrou o ser feito com sangue e, então, retrocedeu, porque podia lembrar que isto era o que ele devia fazer. Não vá adiante, para trás. Em direção à segurança. Em direção aos outros que gostavam dele. Um entre aqueles cheirava de forma familiar, cheirava de forma correta. A dor queimando em sua perna tirou dele um longo uivo. Ainda assim, ele voltou até que um



PÉGASUS LANÇAMENTOS

grande tremor balançou o mundo. Abaixo se tornou em cima. O ar se tornou água. Ele estava caindo.

Dragana desviou a atenção do navio quando viu Cristoval voltando. Ela não viu Solomon tomar um golpe, só viu o sangue, ele estava afundado contra o anteparo enquanto Cristoval se retorcia com a agonia da mudança. Exibindo uma coragem louca, o bravo *lycan* coberto de tiros de níquel abaixou-se e pegou Solomon, levantando-o como se ele não pesasse nada. Ela lutara com ele freqüentemente para saber de sua força e peso. Solomon podia não ser tão alto quanto Cristoval, mas era um menino grande.

Em certo momento, quando Cristoval estremeceu — merda atiraram na perna — Eva quis correr, mas foi impedida pelo forte aperto de Dragana.

— Deixe-me ir! Deixe-me ir!

— Eles estão voltando! Espere!

Então um tremor violento balançou a passagem. Rebites ao longo do anteparo estalaram. A água começou a subir. Entre a água que subia e o fogo inimigo residual, Cristoval levou Solomon direto até o navio, curvou-se e depositou sua carga preciosa no chão, antes de cair ao lado do homem ferido.

Não precisaram dizer a Eva e Dragana que fechassem as escotilhas e as bloqueassem. Pela portinhola fechada freneticamente e hermeticamente, eles viram a passagem desintegrar como se não fosse nada além de um tubo de borracha apertado por uma mão gigante.

— Retire as braçadeiras de ancoragem! — Dragana rugiu.

Eva terminou o que estava fazendo e saltou para a cadeira de piloto, agarrou os controles e começou furiosamente a clicar na tela.

Muito tarde.

Dragana rugiu uma maldição quando seu navio foi lançado e ficou girando como um louco, sinais e advertências relampejando e vociferando, água que entrava fazendo poças aos seus pés. Suas orelhas estalavam dolorosamente. Um segundo depois de ela finalmente conseguir fechar a armação hermeticamente, um grande impulso mandou o navio acima. Um barulho de metal contra metal, como se um garfo arranhasse uma panela, aumentou mil vezes, afogou o som até da sirena mais alta. Cristoval, Solomon e Dragana caíram junto com outras coisas que estavam soltas na cabine.

— As braçadeiras foram rasgadas!

Dragana só podia imaginar a bagunça. Seu navio afastou-se do complexo submarino com as braçadeiras ainda presas. Obviamente rasgaram o hangar da estação no processo. Mas ela estava muito ocupada agora tentando não se tornar um projétil de carne para se preocupar sobre o estado de seu navio.

Em torno deles, a água estava virando lama, serpenteava em várias direções com o impulso louco do navio. Era sua imaginação, ou existia mais água que alguns segundos antes?

— Nós temos que chegar à superfície! Nós estamos enchendo de água!

— Eu sei! — Eva respondeu.

Dragana percebeu a cabeça de Solomon a algumas polegadas da cadeira do piloto.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Obrigado por deixar-me afogar — Solomon sussurrou alguns pés atrás dela. — em vez... — ele tossiu. Dragana tentou ignorar o sangue em seu queixo. Todo aquele sangue. — em vez do níquel.

— Nenhum problema, amigo — ela respondeu, olhando os dois homens — Cristoval tendo mudado da forma *lycan* — tentando empurrar a ambos e rolar até que pudessem se sentar nas cadeiras. — Agora feche a boca.

Obviamente ofuscado pela dor e perda de sangue, Solomon concordou, sem dizer uma palavra, só lançou um amoroso olhar para Eva, que tinha toda sua atenção voltada para tentar salvar um navio que estava fazendo água enquanto tinha um pedaço da estação submarina agarrada a ele. Cristoval parecia estar muito melhor, apesar do dano que recebera em sua perna. Ela não queria nada mais que devolver essa dor ao desgraçado que atirara nele.

— Eu estou bem — ele murmurou, com um estremecimento.

Dragana estava exageradamente quieta com ele até que ele se sentou em uma cadeira e prendeu o cinto. — Sabe — ela disse, apertando o equipamento em seu tórax desnudo: a maior parte de seu colete se cortara em tiras novamente devido à mudança — eles terão que começar a fazer roupas especialmente projetadas para *lycans*.

— Aquela oferta que você me fez parece boa. Se ela ainda permanecer, começarei a pensar nela.

— Qual oferta? — ele perguntou claramente cauteloso. Mas com um brilho dançando nos olhos pretos.

— Ah, quer que eu solete para você? — ela provocou. — A palavra com “C”.

O sorriso de Cristoval não podia ter sido mais brilhante. Ela nunca o vira dar um sorriso tão grande, e que o sorriso chegasse a seus olhos também, que eram incrivelmente escuros e assombrados. Ele não disse nada. Nenhuma palavra era necessária.

— Cinto! — Eva gritou.

Dragana não teve tempo para amarrar o cinto depois de cuidar dos dois homens feridos e, então, foi voando de volta entre as filas de cadeiras quando o navio perdeu impulso, desacelerando até uma paralisação completa. A aterrissagem não foi tão dolorosa quanto ela temeu, quando caiu em uma cadeira, tombando ao longo da próxima e aterrissando entre a carga solta. Peanut cintilava entre o metal e os arames de polímero.

— O que foi agora? — ela rosnou.

— Nós perdemos propulsão...

Assim que as palavras saíram da boca de Eva, o navio ficou completamente escuro. Nenhum auxílio de emergência, nenhuma luz âmbar no console nem para indicar a hora, o ar pareceu ficar pesado, úmido e estagnado.

— Isso não pode ser bom.

— Perdemos a força principal. Tudo.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— A ventilação também — Dragana comentou, sem procurar por nenhuma confirmação. Eles todos sabiam disto. Morrer por privação de oxigênio não era terrivelmente doloroso. Só prolongado. Bem, existiam destinos piores.

— Ninguém se atreva a peidar aqui — disse Solomon. Sua voz, normalmente tão ressonante, podia apenas ser ouvida.

Alguns momentos depois, Solomon soltou um ganido de dor que se transformou em um som horrendo de tosse borbulhante. Por íntimo que fosse a voz calmante de Eva disse algo em um idioma que Dragana não entendeu. Russo, se sua memória não a enganava. Russo era a língua da mãe de Eva. Ela traduziu para o sérvio, imaginou murmurar coisas doces para Cristoval.

— Dragana?

— Estou aqui. — Ela mudou as cadeiras depressa, no caso do navio balançar novamente, e sentou-se ao lado de Cristoval. Ele cheirava a suor, suor bom, honrado, suor de seu homem. — O que posso fazer por você?

Um estrondo fundo indicou que ele estava rindo. Ela mataria para ver aquele sorriso. Aqueles dentes totalmente brancos no rosto bronzeado. Seu guerreiro de Esparta.

— Antes de o ar acabar — ele começou em um sussurro — você tem que saber isto. Venha para mais perto.

Dragana foi seguindo seu odor até que ela se debruçou acima de seu ombro, a orelha direita perto de sua boca suculenta. Os dois precisavam de um banho, mas ela não se importou.

Cristoval respirou o cheiro dela. As lágrimas encheram seus olhos.

— Eu amei você desde o primeiro momento. Quando sua equipe aterrissou próximo àquela fossa abandonada e você desceu. Eu estava olhando você o tempo inteiro. Só você. Eu me apaixonei por você então.

— Você nem me conhecia. Eu podia ter sido uma cadela ao invés da menina encantadora que sou.

Outra risada.

Nós não podemos ter um pouco de luz nessa droga de lugar? Não era muito perguntar.

— Eu queria poder dizer o mesmo, Cristoval — ela murmurou, sentindo-se estúpida e desajeitada. — Mas estaria mentindo. Eu só notei você porque você era quente, uma verdadeira tentação. Maldição. — Ele beijou o topo de sua cabeça. — Realmente, eu estou me apaixonando por você agora mesmo, e isso me parece malditamente bom, isso não parece ótimo?

Eles compartilharam risadas.

— Aproveitarei cada segundo que eu conseguir — ele sussurrou, sua boca muito, muito perto da dela.

Seu beijo durou muito tempo. Ela teria brincado sobre contagem de tempo, se não estivesse olhando para a morte. De novo. Nesse momento, ela não estava sozinha. Agora, o homem que ela veio a amar estava ali mesmo com ela e, ainda que isso fosse



PÉGASUS LANÇAMENTOS

egoísta, ela, ainda assim, preferia afundar com Cristoval e seus velhos amigos do que ficar só. Ela não queria mais ficar só.

Ele passou um braço ao redor de seus ombros. Ela se aninhou a ele como nunca teria imaginado fazer com alguém. Quando se tornou claro que não estavam voltando e seu navio permaneceria livre - flutuando, Dragana fechou os olhos e deixou o sono levá-la. O ar já era pesado e ruim, não tinha como ser renovado. Não demoraria muito agora.

Capítulo Doze

Ela se sentou em frente a um Ivan adolescente, um cotovelo apoiado contra a mesa, enquanto ele brincava com a rainha antes de fazer seu movimento e tomar outros de seus peões. Maldição.

Radiante, ele se encostou novamente no respaldo de sua cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Sua vez, pequena irmã.

— Pequena irmã? Por uns dois minutos inteiros? Eu não me gabaria se eu fosse você. — Mas ela não podia jogar. Ela tentou várias vezes mover uma peça, mas não podia fazer sua mão se mexer. Algo a impediu. Um homem de cabelos pretos com olhos sombrios aparecia em sua mente.

Ivan levantou uma sobrancelha loura. Homem, ela odiava quando ele fazia aquilo.

— O que está errado, Dragana? Não pode lembrar como perder?

— Ha, Ha — ela empurrou a mesa e ficou de pé. — Eu não posso jogar mais.

Ele moveu a cabeça, de repente parecendo mais velho com a barba que deixou crescer para esconder uma cicatriz sórdida em seu queixo, resultado de uma missão perigosa em uma estação lunar. Ele dizia que as mulheres preferiam não ver cicatrizes em um homem. Ela sempre dizia a ele que mulheres de verdade não se importariam.

— Eu sei.

— Tenho que ir.

— Eu estarei aqui quando for seu turno novamente. Estarei aqui quando você voltar.

Ela movimentou a cabeça.

— Eu sinto muito. Eu desejava poder ficar. Lágrimas brotaram em seus olhos. — Eu realmente desejava. Eu tentei.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Você não deveria ter tentado. Eu tive meu turno. E quando for o seu, então, você administrará isto. Não antes, certo?

— Certo.

Então, subitamente ela se sentou só à mesa. Ivan havia ido. Ela olhou para o tabuleiro e percebeu que ele havia ganhado. Novamente. Maldição.

Ela levantou-se de um pulo da cama com lágrimas correndo por seu rosto. Placas de ardósia cinza escuro cobriam o soalho e as paredes, enquanto uma grande janela destacava-se na parede, ocupando um lado inteiro da sala. Além, um mar cor de jade brilhava sob o sol.

Tudo cheirava a dinheiro. Onde inferno ela estava?

Antes de cair no chão, à porta abriu e Cristoval, coberto somente com uma toalha e nada mais, veio correndo para ela. Literalmente correndo. Ele parou, deslizando em seus joelhos, e enterrou a cabeça em seu colo. Seu cabelo molhado pingava em sua pele. Ela estava completamente nua de fato.

— Que diabos aconteceu?

Cristoval emoldurou seu rosto com suas grandes mãos, então, começou a beijá-la por toda parte.

— Os outros? Solomon? — Seu coração falhou uma batida à menção de seu nome. Ele tinha sido muito ferido.

— Na UTI ainda, mas eles dizem que ele é muito teimoso para morrer. Está parecendo bem até agora.

— Como? Nosso navio perdeu toda a força. Nós deveríamos ter afundado.

— Liberty disse que estaria nos monitorando e realmente estava. Eles cortaram o casco e nos tiraram. Você não lembra? Você acordou quando Cupcake ergueu você de cima de mim.

De algum lugar, veio uma memória nebulosa de Cupcake fazendo isso e comentando, com seu sorriso quieto, que ela era mais pesada do que parecia.

— Oh, sim, eu lembro. Eu acho. Eles vieram nos resgatar. Trabalharam pesado, certo? O barulho era imenso, fez meus dentes baterem na minha cabeça.

Cristoval moveu a cabeça, beijando seus lábios, movendo-se para suas bochechas e voltando.

— Eva e o resto do pessoal estão lá no hospital. Eu fiquei aqui até que você melhorasse.

— Certo, “lá” é o hospital. Então, o que é “aqui”?

— A casa de Liberty — Cristoval respondeu, dando beijos na sua garganta. — Na costa, fora de Seul.

Maldição, todos aqueles beijos a estavam excitando. Até ficar sem respiração.

Cristoval, em forma de *lycan*, arriscara sua vida para salvar Solomon. Ele havia levado tiros.

— Sua perna! — Ela segurou seus quadris e o virou de lado, assim ela poderia olhar. Ela precisava saber. Uma cicatriz recente, pequena se comparada a algumas mais velhas



PÉGASUS LANÇAMENTOS

que ele já tinha. — Maldição, olhe para você. Outra cicatriz em seu flanco. — Você foi ferido. Duas vezes.

— É certo — Cristoval levantou suas mãos, assim ele podia beijar suas juntas. — Está certa até agora.

— Ei! — ela tentou empurrá-lo com o braço, mas ele não a estava deixando fazer isto. — O que aconteceu? Detalhes, homem, eu quero detalhes.

— Mais tarde. — Sua voz estava profunda, seu tom mais urgente. — Eu quero fazer amor com você aqui mesmo e agora mesmo.

— Não, não, não. Eu preciso de um chuveiro, merda!

— Feito. Os médicos já fizeram isso.

— Ok... desde que você obviamente teve um, eu acho...

Cristoval acabou de baixar a cabeça e prendeu um de seus mamilos nos lábios, puxando com força. Enrolou seus dedos do pé.

— De costas — ele rosnou com tom um gentil, mas com a mão firme em seu ombro. — Você vai ficar de costas, relaxar e me deixar amar você.

— Poderia somente...

Cristoval permaneceu acima dela, tirou a toalha da cintura para revelar sua musculosa barriga e, mais abaixo, seu pênis erguido.

— Humm. Eu tenho sido paciente com você. Deixei você se arriscar demais, Dragana. Quase a perdi. Duas vezes. Você tem idéia do quanto isso é assustador? Quão doloroso? Vendo você caminhar ao redor da morte? Nunca mais, de agora em diante, você terá que combater comigo. E sou maior que você, caso não tenha notado, e não só um pouco maior.

Dragana não soube o que fazer com essa nova atitude, mas, francamente, por um pequeno espaço de tempo, ela nunca admitiria ter gostado dessa abordagem dominante. Ela percebeu isto nele quando o viu lidando com os outros, mas sempre era diferente com ela. Ele sempre a olhava como se fizesse um esforço para se controlar. Obviamente, não estava mais fazendo isso. Ele estava se mostrando por inteiro agora, graças a Deus.

— Então eu vou dizer a você novamente — ele disse com suas sensuais sobrancelhas arqueadas. Um guerreiro fazendo sua reivindicação. — De costas.

— Uma vez que está pedindo com tanta gentileza — ela murmurou, deitando-se.

— Eu não estava pedindo com gentileza.

— Ei!

Ele abaixou sobre as coxas, fazendo com que seus ombros largos lhe roçassem a barriga e o tórax. Ele a olhou fixamente.

— Você disse que consideraria minha oferta, se ela ainda permanecesse.

— Então, ela ainda permanece?

— Sim.

Dragana então fechou seus olhos em um suspiro longo.

— Muito bom.

Cristoval quis gritar sua felicidade. Mas o desejo opressivo para se perder em Dragana afogou qualquer outro desejo. Eles não tinham muito tempo. Killen disse que



PÉGASUS LANÇAMENTOS

ela podia morrer em no máximo cinco anos. Então, ele tinha intenção de amá-la como nenhum homem já amou uma mulher. Ele a apreciaria, cada minuto com ela seria um tesouro valioso e iria compensar cada minuto que estivessem separados. Ele morreria por ela. Ele mataria em seu nome. Mas, no momento, ele faria amor por todo seu corpo até que eles dois adormecessem de esgotamento. Então, ele faria isso novamente. E novamente.

Ele começou beijando-a. Em todos os lugares. Sua pele, sua boca, também abaixo de seus lábios. Seus lábios eram tão suaves que ele ficava tentado a mordê-los, aqueles mamilos rosa adoráveis, tão orgulhosos e duros, suas pálpebras tremulando porque ela continuava espiando e gemendo baixinho, gemido que ele devorou e reivindicou como seu próprio. Ela era toda sua. Sua mulher, para sua metade humana. Sua *lycan* para sua outra metade. Ela o completava em todos os sentidos imagináveis. Cristoval Vonatos não amava simplesmente a mulher alta, mal-humorada, louca, armada até os dentes, precisava dela. Ele também percebeu algo muito importante. Ela confiou nele, como ele confiava nela. Nenhum feito pequeno para alguém que tinha perdido tanto. Ela era com uma ave de rapina orgulhosa vindo para descansar em seu braço por um momento. Confiante. Para ele, que saboreou de primeira mão o sabor terrível da traição e rejeição, a confiança de Dragana era uma coisa a ser reverenciada. Enquanto ele a tivesse. Sempre.

Os pequenos tremores se transformaram em espasmos que Cristoval sentiu em seus dedos enquanto a preparava para ele, desnudou a sua dura e pequena abertura e a levou à boca, língua e até dentes. Ele chupou seu clitóris, levando-a próximo ao orgasmo. A primeira vez que ela veio, ele provavelmente só notou seu mel acumulando, mas na segunda e terceira vez, ela se arqueou fora da cama e apertou os lençóis, balançou a cabeça e suavemente gemeu. Ele era tão bom. Tudo de bom.

— Mais — ela suspirou.

— Peça gentilmente.

Dragana bufou.

— Mais... por favor? Por favor, mestre, oh, grande homem viril, que é tão alto e tão mais forte que eu. Oh, meu Deus!

Cristoval mordeu sua coxa.

— Você terminou?

— Não, mas...

Cristoval sufocou suas palavras com um beijo voraz que a deixou ofegante e atordoada. Maravilhoso. Maldição! Ele a puxou de volta, lambendo seus lábios sem sorrir.

— Você estava dizendo? — Com seu acento mediterrâneo sensual, as palavras terminavam como o som mais sexy do mundo.

Se ele não continuasse, ela começaria a explodir portas.

— Eu esqueci — ela replicou. — Mestre.

Ele prendeu um mamilo entre os dentes, suas sobrancelhas curvando-se de forma interrogativa.

— Humm...



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Dragana quis puxar-lhe o cabelo e forçá-lo a chegar mais perto dela, mas ele interceptou sua mão, a torceu e a prendeu ao lado de seu quadril. Ela podia ter chutado, soltando-se facilmente, podia ter mostrado com quem ele estava lidando, podia ter xingado e protestado em pelo menos dois idiomas. Ela poderia. Mas não era esse o ponto, ela não queria escapar! Mas, que inferno, que mulher iria querer?

Então, ele começou a chupar seu mamilo e ela não se importou. Quando ele colocou suas mãos acima de sua cabeça e a apertou no colchão, claramente indicando que era para ela não se mover novamente, ela as deixou lá. E quando ele lambeu sua barriga, ela não se importou em mostrar seu prazer gemendo para ele, mostrando que espetáculo maravilhoso ele estava dando!

De dominante e forte, ele passou a gentil, tomou seu tempo com ela, saboreando-a, fazendo sons suaves no fundo da garganta, saboreando-a com a ponta da língua e com seus dentes superiores. Ela o viu respirar fundo como se ela tivesse o perfume de um vinho raro, e ele fosse um grande conhecedor. Só isso já era uma grande experiência erótica para se ver. Bem, era sempre o mesmo com Cristoval, como agora. O modo com que ele trabalhava a língua em sua vagina... Ele levantou um pouco a cabeça depois de alguns instantes, os olhos meio fechados, os lábios molhados e brilhantes com sua essência. Incrível!

Sem aviso prévio, Dragana veio novamente. Dessa vez, um calor abrasador acompanhou seu orgasmo. Ela colocou as mãos em sua vagina pulsante.

— Ohhh... só me dê um momento, certo?

Cristoval movimentou a cabeça, colocou-a estendida na cama, ficando mais próximo de seu alvo. Ele se debruçou e lambeu sua barriga. O calor dissipou-se, e o fogo de sua vagina acalmou-se. Ela suspirou quando ele colocou a palma da mão contra seu sexo e o apertou ligeiramente. Ele sabia como tocar uma mulher. Bom homem.

Depois de uma pequena pausa, ele começou a mover sua palma em um padrão circular, e um calor morno a preparou para mais um orgasmo. Para total encanto dela, ele lambeu a mão e retornou ao trabalho. Pequenos giros e giros grandes a estavam levando de novo a um orgasmo.

— E você, quando será sua vez?

Agitando a cabeça, Cristoval aguardou ao lado da cama. Seu toque era afetuoso, mas firme, quando ele segurou seus joelhos e os elevou.

— Eu quero ver você gozar novamente primeiro.

Ele juntou seus joelhos, que apertaram suas coxas tirando um gemido de prazer quando Dragana rolou os quadris para esmagar sua vagina com seus músculos. Cristoval a viu fazer isso enquanto ele passava seu braço cicatrizado por trás de suas coxas e a tocava em baixo. Ela soltou um gemido. Estirando seu sexo e seu ânus, de repente os sentiu esfriar com o toque contra sua carne tenra. Com seu antebraço ainda mantendo as coxas dela junto a seu tórax, Cristoval sorriu mais como um predador do que como um namorado que havia agradado, então, prosseguiu lambendo de forma vagarosa até chegar à sua vagina, seus cachos escuros presos em sua fronte suada. A barba crescida em seu queixo era a cereja do bolo. Ele não podia parecer mais sensual.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Como você quer isto?

Dragana não podia ajudar.

— De qualquer maneira que você desejar, Mestre!

Ela começou a rir um segundo antes de separar-se dele. Com a respiração entrecortada, ela lutava para respirar. Estrelas explodiam e assobiavam por trás de suas pálpebras. Merda! Aquela língua!

Ele positivamente a devorou. Seu antebraço machucava seus tendões, mas ela não deu à mínima! O que ele estava fazendo com ela... era...

— Oh, sim!

Um orgasmo de proporções cósmicas balançou seu corpo inteiro. Ela gritou algo. Ela não soube o quê. Até não soube em que idioma foi. Como ela teve uma liberação daquelas? Ela não havia se refeito ainda quando ele agarrou seus joelhos, seus dedos impiedosos entrincheirando-se em sua carne, alargando-a. Dragana agarrou rapidamente os lençóis, pois sabia, esperava e rezava que ele viesse para ela. Cristoval Vonatos estava vindo para ela, simples assim.

Com abandono, ela não soube nem onde estava Cristoval quando ele colocou o pênis contra sua vagina, sem as mãos o ajudando, ele a provocou. Ela queria dizer para ele somente... ele fez.

— Oh, Deus! Sim!

Cristoval a penetrou completamente. Marcando-a. Moldando-a para ele. Ele puxou seu joelho de volta, assim ele podia agarrar seu pênis e esfregar por sua vagina molhada.

— Que diabo você está fazendo? — ela gritou, tentando pegar seu pênis e o colocar de volta aonde ele pertencia.

Oh, mas ele era muito rápido. Com um sorriso carnal, ele a penetrou de novo. Ela balançou, de volta ao colchão. Feliz. Preenchida. Cheia, com aquele homem magnífico que era todo seu, e ela não iria compartilhá-lo com ninguém, demônios!

Os sons de suas fortes estocadas, pele molhada roçando contra pele molhada, excitaram-na mais ainda, quase tanto como seu corpo forte, longo e poderoso contra ela. Ela amou como ele prendeu suas pernas contra ele. Amou aquilo! Finalmente um homem que podia dar isto a ela, que não parecia subjugado por suas curvas, músculos e atitude. Ele sabia como levá-la. Literalmente.

Então, clímax. Lançou fogo junto a seus lábios expandidos, em cima de sua vagina. Ela cercou seu tórax com as pernas, uma chama de prazer passando por ela e acima dela. Ela gritou loucamente, deixando sua garganta seca. Mas ele não havia acabado.

Com seu pênis, ele empurrou, procurando e reivindicando. Ele a esmagou com seu corpo sem dar descanso a ela tirou até a última gota de força que ela tinha para dar. Ele tomou tudo dela, e devolveu tudo com a penetração seguinte.

— Dragana — ele arquejou seus olhos fechados. Seu nome se tornou um mantra. Um voto. Um grunhido. Em sua garganta, ele rolava os “rs”, esticando os “as”.

Ele a possuía com seu pênis, mas fazia amor com ela com todo o resto dele. Ela podia sentir amor nele, passando para ela, e era tão cáldo, cercando-a por todos os lados. Ela não tinha nenhuma idéia de que podia ser tão bom, tão quente, tão grande!



PÉGASUS LANÇAMENTOS

Com um gemido, ela alcançou seus joelhos. Realmente fez sua barriga queimar com o esforço, mas conseguiu agarrá-lo pela nuca e o derrubou em cima dela. Ele caiu como uma tonelada de tijolos. Ela ofegou por causa da incrivelmente funda punhalada que sua queda causou. Ele ofegou, porque provavelmente pensou que a havia machucado. Ela não era feita de renda. E ela iria mostrar. Agora.

— Gire sobre suas costas — ela rosnou, mordendo seu queixo. — Se apresse!

Quando ele obedeceu e a levou com ele em seus braços suados, ela viu as marcas rosadas em seu tórax, tão cheio de cicatrizes novas e velhas. Sentada nele, viu o êxtase tocar suas feições de guerreiro. Músculos poderosos tremiam debaixo de sua pele bronzeada.

Ela começou uma cadência lenta, rotações, como um pêndulo, lembrando um oito, mantendo seu abdome apertado o suficiente para queimar. A queimadura era boa. Queimar indicava trabalho duro. E ele dava muito valor ao trabalho duro, este homem, este *lycan* com os olhos assombrados. Ele seguramente podia sentir seus músculos vaginais junto a seu pênis, fazendo um punho ao redor dele, apertando, ordenhando. Ele deve ter percebido porque ele abriu a boca para falar e nada além de ar saiu. Ela usou seus músculos para sugá-lo por inteiro, então, girando, saía e iniciava tudo de novo.

Ela acelerou. Mais rápido. Mais rápido do que antes. Ela começou a bater e a girar tão forte e rápido contra ele que seus peitos saltavam de modo selvagem, o que poderia ter sido engraçado em qualquer outra época exceto agora com Cristoval. Mais rápido. Furiosamente. Ele tentou agarrar seus quadris com as longas mãos, cravando seus dedos nele. Ele arquejou, disse coisas sem sentido a que ela não prestou atenção. Todo tempo ela ia batendo com força ao redor dele. Ele soltou um grunhido que só fez com que ela acelerasse mais o ritmo, fazendo com que ele soltasse um rugido. Essa fusão de homem e animal era o que ela queria e conseguiu.

Cristoval encheu o quarto com um gemido longo de satisfação que virou um gemido gutural no final. Ela o apertou novamente. Ela arqueou e ofegou quando Cristoval tirou as mãos de seus quadris, assim ele podia usar seu dedo polegar para separar os lábios de sua vagina e os outros para esfregar seu clitóris.

— Ah! — Sua voz a surpreendeu. Era um som tão alto.

Ela continuou a manter o ritmo de seus quadris. Em cima altos abaixo duros. Seu sexo sentia como se derretesse. Mel derramado fora de si.

Debaixo dela, Cristoval resistiu duramente. Tão poderoso! Um homem espetacular. Então, vieram os tremores brutais. Ele pressionou uma vez furiosamente, urgentemente. Seus joelhos deixaram o colchão.

Seus gritos simultâneos encheram o quarto enquanto, em jatos quentes, seu sêmen recompensou seus esforços.

Ela não soube quanto tempo eles ficaram daquele modo, mas depois de algum tempo, seus joelhos queimavam e seus tornozelos estavam doloridos como se eles fossem sair de suas pernas. Ela saiu de cima dele e deitou-se na curva de seu cotovelo. Quando ele suavemente jogou seu braço em cima de seu tórax, ela riscou uma linha rosa minúscula em seu pulso.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Eles remendaram você bem. Você dificilmente pode ver as cicatrizes.

— Não foram os médicos que fizeram isto. Foi tripulação do Killen. Eles devem ter juntado bastante material de pesquisa e desenvolveram alguma tecnologia assustadoramente moderna para poder fazer isto, consertar tecido tão bem. Eu não podia nem saber onde me cortei, ainda que eu lembrasse de fazer isto muito claramente.

— Ele implantou aquelas coisas em você novamente? Depois que ele o pegou em casa?

Cristoval movimentou a cabeça.

— Liberty disse que os doutores ruminaram sobre isso durante a elaboração dos implantes, que essa era a idéia de tecnologia de rastreamento deles. Ela acha que nós podemos mandar de volta o sinal deles em cadeia.

— Essa seria a forma de justiça natural, se nós pudéssemos usar o equipamento deles contra eles. Loucos bastardos.

— Ele tentou me convencer de que eu não havia escapado que eu só acordara da explosão no parlamento.

Ira renovada passou por ela.

— Velhaco doente, molenga transviado. Eu não posso acreditar que alguém se aliaria a eles, seriam escória como eles. Em que a GAN estava pensando?

Cristoval encolheu os ombros. Os músculos movendo-se debaixo de sua cabeça.

— Que eles podiam controlar tudo. Meu pai deve ter pensado a mesma coisa. Mas as pessoas gostam que Killen não possa ser controlado.

— Não deve ter sido fácil crescer um Vonatos. Você é o único com genes bons?

Ela percebeu que ele sorria, entretanto, ela não tinha a menor idéia de como sabia.

— Eu não me lembro de um tempo em que não estivesse vivendo longe de casa, ou no internato, ou, mais tarde, depois, na puberdade, quando minhas características *lycan* estiveram assumindo o comando do resto, nunca houve um lar para mim na casa do meu pai.

Com Cristoval completamente compassivo, ela não podia evitar comparar sua situação à dele, não quando sempre existiu um lugar para Ivan e para ela na casa de Bjelic, ou na casa de qualquer outro primo. Ela não foi criada em um ambiente qualquer, mas sim em uma casa amorosa, com pais politicamente ativos, que acreditavam que aqueles que eram “geneticamente modificados” poderiam ser considerados um dia pessoas normais, até os temidos *lycans*. Eles balançaram quando ela trouxe Cristoval para casa, o notório líder da resistência subterrânea, caçado por anos.

— Você sabia que sua cabeça valia pelo menos meio milhão de créditos? Ainda que eles não soubessem, o que você acha que pareceria?

Cristoval riu.

— É o que dizem. Eu achava que valia bem mais, mas eu sou totalmente parcial sobre esse assunto.

— Inferno, você vale no mínimo três vezes mais! Eu pagaria o resgate de um rei para conseguir colocar minhas mãos em você.

Ele beijou o topo de sua cabeça.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Para você, é de graça.

— Você é tão generoso, Mestre!

— Não comece.

Ele a olhou longamente estreitando os olhos.

— Então — ele começou cautelosamente — você ficará aqui para sempre.

— Com você, quer dizer?

— Eu quero dizer conosco. Com todos nós.

Ivan teve sua vez. Estava na hora de ela tocar sua vida. Antes não era hora, mas agora sim. E agora era hora de aproveitar sua vida com Cristoval Vonatos.

— Se você me quiser, me terá aqui para sempre.

— Eu não posso substituir o que você perdeu Dragana, e não tentarei. Mas existe um lugar para você aqui. — Ele bateu em seu peito com um dedo cheio de cicatrizes. Tantas cicatrizes. Ela não foi à única que sofrera. — Nós podemos construir algo novo para nós. Juntos.

— Quando as coisas acalmarem, eu levarei você para conhecer minha família. Eles vão xingar especialmente meus primos. Espero que você realmente não se importe muito, pessoas ofendendo você em outro idioma.

— Se eles não estiverem falando de mim pelas costas, eu não me importo.

Ela soltou uma risada.

— Oh, eles não vão aguentar esperar até que você dê as costas, acredite. Especialmente as minhas primas. Eles comentarão sobre você na sua cara. Eu terei que ficar de olho neles. Mas eles vão ver... quando eu falar sobre a coisa do “repolho de casamento”, eles com certeza deixarão você em paz. Eu nem vou precisar machucá-los.

Cristoval virou os olhos até conseguir olhar para ela. Seus olhos pretos faiscando de um modo que ela nunca vira antes. As rugas nos cantos deram a ele uma aparência muito mais jovem.

— O que é aquela palavra que você disse?

— Repolho de casamento. Minha mãe vai falar sobre isso.

— Repolho de casamento — ele repetiu, obviamente saboreando as palavras. — Soa bem mais potente do que bolo de casamento.

A risada dela pareceu surpreendê-lo.

— Potente? Pode apostar! E então você o mergulha no fogo intestinal com meu primo. Para você será como conhaque, mas queimará sua língua. Você amará isso.

Ele sorriu. Aqueles dentes totalmente brancos eram tão sensuais!

— Eu amarei isto ou então?

— Viu? Já pertence à família.

Com uma mão, ele a puxou pela nuca e beijou sua fronte. Seus olhos eram sérios mais uma vez. O olhar assombrado retornou. — Nós não devíamos esperar para ver sua família. Nós não devíamos esperar por coisa nenhuma.

— Temos bastante tempo, logo nós iremos...

Ele a beijou longamente e depois se separou.



PÉGASUS LANÇAMENTOS

— Ninguém sabe de verdade quanto tempo tem. Eu digo para nós irmos amanhã. Hoje até. Logo.

Ela preferiu ignorar o tom sério que a conversa havia tomado. Ela queria ver aquele sorriso novamente.

— Nós iremos logo ou então?

Ele agitou a cabeça, virando os olhos. Depois de um tempo olhando-a fixamente, ele deu um riso forçado.

— Viu? Já parece que é da família. Os homens fazem muito isto em minha casa.

— O que, riem das mulheres?

— Não, agitam a cabeça e reviram os olhos, mas, no fim, nós temos a última palavra.

— Oh, não é?

O lampejo carnal que se refletiu em seus olhos disse-lhe que ela poderia ter a última palavra, mas não significava que ele cederia calmamente ou não se moveria furtivamente em volta dela quando ela não estivesse olhando e a agarraria completamente. Ela estava esperando ansiosamente por isso! Porque Cristoval Vonatos era um predador, um *hycan*. E era seu.



Epílogo

Ele não queria dilacerar seu coração. Dizer a Ásia que seu amado Allan tinha feito contato com a GAN depois do retorno de Vonatos não era algo que ele pudesse fazer. Então, ele só partiria. Talvez tivesse conseguido se livrar aos olhos de todo mundo. Todos eles achavam que ele era um estorvo. Um mentiroso que se movia de forma furtiva. Talvez não fosse muito diferente do que já era, mas ele nunca saberia.

Ásia tinha sido a primeira a aceitá-lo como ele realmente era. Nenhum julgamento. Nenhuma suspeita. Nenhuma pergunta. Desde que ele não pegasse pesado, ela o deixava ser quem era. Ele respeitava isso. Mas seu silêncio causou a necessidade de uma retirada precipitada, enquanto o Conclave não havia ainda batido à sua porta. Não era a situação de que mais lhe orgulhasse. Mas ele tinha que dar a Ásia e àqueles de quem ela gostava uma chance decente antes de partir. Deixar tudo. O movimento da resistência, a única casa ele já conhecera, ficara para trás agora. Todas as boas coisas tinham que terminar.

Apesar da escuridão, ele olhou fixamente para o *Hwaseong*, supostamente a “Fortaleza Brilhante”, e fez com que todos os mínimos detalhes parecessem reais, todas as sutis nuances de cores, texturas ou até padrões de calor. Ele sempre tinha tido bons olhos, não existia nada brilhante demais para ele até onde sabia. Especialmente quando ele soube de primeira mão o que continuava do lado de dentro.

Ele deveria tê-lo destruído quando teve a chance, quando fugiu daquele lugar de loucura e calara-se uma década atrás. Era muito tarde agora. Ele não se importava mais. Outro dominó caído das fileiras que seus mestres cuidadosamente tinham colocado nele na mais tenra idade. Em primeiro lugar vinha seu senso de devoção e, então, seu apetite para o sucesso. Ele falhara somente uma vez, deixando seu objetivo deslizar entre as mãos. Tinha sido suficiente. Naquele fracasso ele vira sua vida como realmente era, marcas perdidas, outra pessoa. Outra pessoa naquela guerra secreta. O que poderia ter se quebrado ao se libertar! Livre da espiral descendente de enfado e entorpecimento. Tanto desperdício!

Diferentemente das variações genéticas que havia lá fora, sua *singularidade* não se limitava propriamente ao DNA realçado, ou a uma transformação bruta como a dos *lycans*. Se fosse só isso. Não, ele era talentoso o bastante por ter nascido da terceira geração de espécimes da bioengenharia, os quais ele nunca chamaria de pais, e de pessoas com moralidade tão flexível quanto sua carteira era funda e seu orgulho era grande. Havia nascido uma arma. Um explosivo pronto para detonar. Criado artesanalmente por uma sociedade antiquada que acreditava em velhos preceitos e cujos membros deveriam ser mortos o quanto antes.

Então, Cristoval Vonatos e seu pequeno exército de seres subterrâneos podiam pensar o que quisessem dele. Não importava. Não mudaria nada em sua vida, de



PÉGASUS LANÇAMENTOS

qualquer maneira. Ele não precisava de ninguém. Haruto trabalhava só. Como fazem os assassinos sempre.

Fim



Sobre a Autora

Sou mãe, esposa, irmã mais velha, escritora, ex-soldado, formanda do segundo grau, dona de um cachorro (ou propriedade de um), leitora ávida que assiste televisão demais, gasto dinheiro demais em roupas, gosto mais de animais do que de humanos, reciclo, uso suspensórios, nunca faço downloads de coisas com direitos autorais, era uma nerd sem os óculos, tenho uma risada alta gostosa que faz as pessoas girarem as cabeças nos teatros, não suporto valentões, sou um falcão como mãe, voto em candidatos que não valorizam de forma exagerada a educação formal (provavelmente porque não tive uma).